



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
MESTRADO GESTÃO E TECNOLOGIAS APLICADAS À EDUCAÇÃO

CLAUDIA CAVALCANTE CEDRAZ CARIBÉ DE OLIVEIRA

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO PROPOSTA
INTERDISCIPLINAR: Pesquisa Aplicada de Engajamento no
Colégio Estadual Bento Gonçalves – Salvador (Ba)**

Salvador
Dezembro/2016

CLAUDIA CAVALCANTE CEDRAZ CARIBÉ DE OLIVEIRA

**AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO PROPOSTA
INTERDISCIPLINAR: Pesquisa Aplicada de Engajamento no
Colégio Estadual Bento Gonçalves – Salvador(Ba)**

Trabalho de Conclusão de Curso sob o formato de Memorial descritivo, apresentado à Banca examinadora **como requisito final para obtenção do título de Mestre** em Gestão e Tecnologias aplicadas à Educação - GESTEC, da Universidade do Estado da Bahia, sob a orientação do Prof. Dr. André Luiz Souza da Silva.

Salvador
Dezembro/2016

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNEB

Oliveira, Claudia Cavalcante Cedraz Caribé de

As histórias em quadrinhos como proposta interdisciplinar: pesquisa aplicada de engajamento no Colégio Estadual Bento Gonçalves – Salvador (Ba) / Claudia Cavalcante Cedraz Caribé de Oliveira. – Salvador, 2016.

199 f.

3

Orientador: André Luiz Souza da Silva

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Programa de Pós Graduação em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação– Campus I.

1. Calazans Neto, 1932-2006. 2. Histórias em quadrinhos. 3. Arte – Estudo e ensino I. Silva, André Luiz Souza da. II. Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Programa de Pós Graduação em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação.


CDU 741.5

FOLHA DE APROVAÇÃO

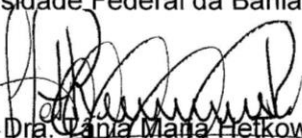
AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO PROPOSTA INTERDISCIPLINAR: Pesquisa Aplicada de Engajamento no Colégio Estadual Bento Gonçalves - Salvador (Ba)

CLÁUDIA CAVALCANTE CEDRAZ CARIBÉ DE OLIVEIRA

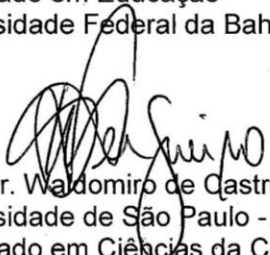
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação (*Stricto Sensu*) Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, Área de Concentração II – Processos Tecnológicos e Redes Sociais, em 19 de dezembro de 2016, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:



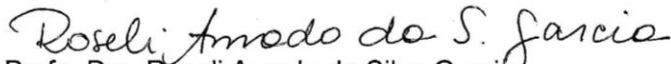
Prof. Dr. André Luiz Souza da Silva
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas
Universidade Federal da Bahia - UFBA



Profa. Dra. Célia Maria Hetkowski
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia - UFBA



Prof. Dr. Waldomiro de Castro Santos Vergueiro
Universidade de São Paulo - USP
Doutorado em Ciências da Comunicação
Universidade de São Paulo - USP



Profa. Dra. Roseli Amado da Silva Garcia
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

DEDICATÓRIA

Ao meu pai.

AGRADECIMENTOS

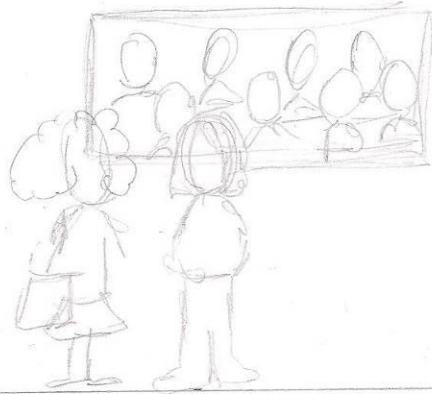
Um trabalho deste porte nunca é feito por uma pessoa, ele é o resultado das inúmeras contribuições recebidas antes e durante todo o processo de pesquisa. Contribuições sentimentais e intelectuais que nos deram suporte físico, emocional, material, intelectual. Pessoas que, muitas vezes, não têm a mínima noção de sua importância neste processo, do quanto deste trabalho se deve às broncas, sugestões, risadas, compreensões, interlocuções e que estão presentes em cada palavra, cada pontuação deste texto.

Os mais próximos, cujas intervenções foram diárias e anteriores a esta pesquisa, foram minha família. Importante em muitos contextos, aqui eles forneceram um suporte imprescindível. A régua e o compasso de meus pais, Antônio e Lucineide, sem eles não estaria aqui; os valores que tenho foram fruto do convívio diário com estas pessoas extremamente criativas, fortes, gentis, amáveis, alegres, batalhadoras e persistentes. Sem o exercício diário de companheirismo, confiança, respeito ao outro, aprendidos no convívio com meus irmãos, Cláudio e Caroline. Meu marido, Andersen, deu o apoio intelectual e emocional, foi o incentivador do trabalho e do descanso, me apresentou a possibilidade do prazer da pesquisa, da diversão no desenvolvimento do projeto, da responsabilidade com o grupo de pesquisa. Os filhos Henrique e Raquel, esses seres que me conhecem tão bem, agradeço a gentileza de aceitar e entender as ausências, a impaciência e pela compreensão da importância deste percurso na minha vida.

Os amigos, família que a gente escolhe e acolhe, foram importantes em etapas diferentes deste percurso. Mônica, Elinaldo, José Antônio, parceiros no reconhecimento de nossas potencialidades acadêmicas e artísticas. Elci, Jucy, Paula e Stael, colegas de trabalho que foram companheiras nas dificuldades e nas trocas epistemológicas. Cristiane, Daniela, Luiza, Adalberto e Martins sócios das incertezas, das dúvidas e dos problemas encontrados no mestrado, que trouxeram conforto e alegria a este percurso. Tom Figueiredo companheiro nas lutas em prol dos quadrinhos. Maria Freitas e Mônica Bomfim, parceiras na busca por uma educação de qualidade, me motivam a continuar acreditando que existe luz, mas sempre lembrando que o túnel é grande. Katia Soane me mostrando que sempre existe um melhor nas pessoas. Tânia, Waldomiro e Roseli, o apoio, a confiança, a generosidade de compartilhar saberes. André Betonnasi por acreditar, mostrando que o tempo não apaga as boas amizades e que as relações se constroem com respeito, mútuo respeito.

Agradeço imensamente a todos.

A HISTÓRIA



RESUMO

Os artistas desde sempre utilizam as linhas, cores e formas para construir imagens; estas figuras nos apresentam novos mundos, novas culturas e novas possibilidades, ampliando nossa percepção, estimulando nossa compreensão do outro. Em um mundo imagético é importante pensarmos uma educação que contemple o estudo destas, preparando nossos alunos para ler e se comunicar utilizando imagens. Este trabalho foi desenvolvido nas aulas de Língua Portuguesa, em atividades interdisciplinares com contribuições da disciplina de Arte para introduzir os alunos nas potencialidades comunicativas e expressivas das imagens, integrando imagens e texto na produção de histórias em quadrinhos. A partir da pesquisa bibliográfica sobre Calasans Neto e de suas produções plásticas, foi desenvolvida uma pesquisa aplicada de engajamento, com alunos do ensino fundamental II no Colégio Estadual Bento Gonçalves, buscando através da construção de histórias em quadrinhos desenvolver a leitura imagética e textual destes; como produto final foi apresentada uma revista em quadrinhos sobre Calasans Neto com as histórias e as produções dos alunos realizadas durante as intervenções em sala de aula. Esta pesquisa está ancorada no grupo de pesquisa GEOTEC, no projeto “A Rádio da Escola na Escola da Rádio”, através do apoio ao desenvolvimento da pesquisa e das interlocuções sobre Pesquisa Aplicada de Engajamento. Este trabalho buscou suporte teórico nos estudos de Ana Mae Barbosa para o Ensino de Arte, no trabalho de Waldomiro Vergueiro sobre a importância do ensino de histórias em quadrinhos na Educação Básica, e em outros teóricos que discutem interdisciplinaridade, importância da imagem, análise de Histórias em Quadrinhos, História da Arte baiana, Ensino de Arte.

Palavras chave: Calasans Neto, Ensino de Arte, História em Quadrinhos.

ABSTRACT

The artists always use lines, color and forms to construct images, which these pictures present us new worlds, new cultures and new possibilities, enlarging our perception, stimulating our comprehension of the others. In a imaginary world it's important to us think a education who contemplate the study of these, preparing our students to read and communicate using images. This work was developed in the Portuguese Language classes, in interdisciplinary activities with contributions of the Art subject to introduce students to the communicative and expressive potentialities of the images, integrating images and text in the production of comics stories. Since the bibliographic research on Calasans Neto and his plastic productions, we are developing an applied research of engagement, with students of elementary education II in Bento Gonçalves State School, through the construction of comic books, to develop the imaginary and textual reading of these. As a final product was presented a comic book about Calasans Neto with the students stories and productions developed during the classroom interventions. This research is linked to GEOTEC research group, in the project "A Rádio da Escola na Escola da Rádio", through the support to the developement of the research and dialogues on Applied research of engagement. This work pursued theoretical support to Ana Mae Barbosa's studies for Teaching Art, according to Waldomiro Vergueiro's studies on the importance of comic book applied in Basic Education, and in other theorists who discuss interdisciplinary, the importance of the image, analysis of Comics Stories, The History of Bahian Art and Art Teaching.

Keywords: Calasans Neto, Art teaching, Comics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Joinha e Cláudia	13
Figura 2 – DNA da Pesquisa Aplicada de Engajamento	29
Figura 3 – Proposta triangular	48
Figura 4 - Calasans Neto em uma apresentação da Jogralesca	55
Figura 5 - Gravuras abstratas de Calasans Neto	57
Figura 6 - Gravuras abstratas de Calasans Neto	57
Figura 7 - Gravuras de Calasans	58
Figura 8 - Pinturas de Calasans Neto	59
Figura 9 - TOULOUSE-LAUTREC. A Dança no Moulin Rouge	64
Figura 10 - RUBENS. Dança dos Camponeses	65
Figura 11 - DEGAS. Bailarina em Frente da Janela	65
Figura 12 - CARYBÉ. Sem título	66
Figura 13 - GENARO DE CARVALHO. Sem título	67
Figura 14 - CARYBÉ. Bahia	68
Figura 15 - GENARO DE CARVALHO. Casario e Vegetação Tropical	68
Figura 16 - Composições sobre "Medo"	71
Figura 17 - Biografia dos artistas	71
Figura 18 - Caixas para livros	72
Figura 19 - KLIMT. Retrato de Adèle Bloch-Bauer I	73
Figura 20 - KLIMT. A Virgem	73
Figura 21 - KLIMT. O Beijo	74
Figura 22 - KLIMT. Retrato de Mada Primavesi	74
Figura 23 - Características dos artistas	75
Figura 24 - Criações dos alunos a partir de obras originais	76
Figura 25 - Passo a passo da isogravura	82
Figura 26 - Isogravura 1	83
Figura 27 - Isogravura 2	83
Figura 28 - Isogravura 3	83
Figura 29 - Isogravura 4	83
Figura 30 - Isogravura 5	83
Figura 31 - Isogravura 6	83
Figura 32 - Isogravura 7	84
Figura 33 - Isogravura 8	84
Figura 34 - Alunos com balões 1	90
Figura 35 - Alunos com balões 2	90
Figura 36 - Balões duplos 1	91
Figura 37 – Balões duplos 2	92
Figura 38 - Balões 3	92
Figura 39 - Balões 4	92
Figura 40 - Exemplo de argumento, rafe, arte-final	93
Figura 41 - Obras de calasans	94
Figura 42 - Colagem em pranco e preto	99

Figura 43 - Página de quadrinho 1	100
Figura 44 - Tira em quadrinho de aluno	101
Figura 45 - Página de quadrinho de aluno	101
Figura 46 - Página de quadrinho de aluno	102
Figura 47 - Argumento de aluno	102
Figura 48 - Rafe Antônio Cedraz.....	103
Figura 49 - Arte Final Antônio Cedraz	104
Figura 50 - Página impressa Antônio Cedraz.....	105
Figura 51 - Página de HQ	106
Figura 52 - Página de HQ	106
Figura 53 - Página de HQ	106
Figura 54 – Tirinha de quadrinhos.....	106
Figura 55 - Página de HQ	107
Figura 56 - Página de HQ	107
Figura 57 - Página de HQ	108
Figura 58 - Detalhe página de HQ.....	108
Figura 59 - Página de HQ	109
Figura 60 - Detalhe página de HQ.....	109
Figura 61 - Dados sobre Calasans Neto	111
Figura 62 - Gravuras de Calasans Neto.....	112
Figura 63 - Flores desenhadas.....	114
Figura 64 - Quadrinhos dos alunos	114
Figura 65 - I Itapuã	115
Figura 66 - Cabras, Baleias e Arcos.....	116
Figura 67 - Cabras e Baleias.....	116
Figura 68 - IV Itapuã.....	116
Figura 69 - Quadrinho dos alunos	118
Figura 70 - Quadrinho dos alunos	118
Figura 71 - Isogravura dos alunos.....	121
Figura 72 - Isogravura dos alunos.....	121
Figura 73 - Colagem em preto e branco dos alunos	122
Figura 74 - Colagem em branco e preto dos alunos	122
Figura 75 - Calasans Neto em uma apresentação da Jogralesca, 1956.....	124
Figura 76 - Calasans Neto.....	124
Figura 77 - Cabras e Paisagem, 1979.....	126
Figura 78 - Cabras e Baleias, s/d.....	126
Figura 79 - Cabras, 1975	127
Figura 80 - IV Itapuã, 1974.....	127
Figura 81 - Cabra, s/d	127
Figura 82 - Argumento e rafe de aluno.....	129
Figura 83 - Argumento e rafe de aluno.....	130
Figura 84 - Rascunho e HQ finalizada de aluno.....	131
Figura 85 - Argumento de aluno.....	132
Figura 86 – Rascunho/rafe de aluno	132
Figura 87 - Tirinha de aluno	133

Figura 88 - Argumento de aluno.....	133
Figura 89 - Rascunho de aluno	134
Figura 90 - Tirinha de aluno	135
Figura 91 - Rascunho e arte final de aluno.....	136
Figura 92 - Capa, 1º e 2º páginas	137
Figura 93 - 3º, 4º e 5º páginas.....	137
Figura 94 – Rascunho/rafe de aluno	138
Figura 95 - Rascunho de aluno	139
Figura 96 - Arte final de aluno	140
Figura 97 - Página de quadrinhos de aluno	141
Figura 98 - Página de quadrinhos de aluno	142
Figura 99 - Rascunho de aluno	142
Figura 100 - Página de quadrinhos de aluno.....	143
Figura 101 - Rascunho e arte final de aluno.....	144

SUMÁRIO

1. A HISTÓRIA.....	12
1.1 Uma personagem: minha imersão na pesquisa.....	12
1.2 O assunto: Arte x quadrinhos x ensino de Arte.....	14
1.3 A Turma - Maria, os alunos, o Bento, a Rádio.	19
1.4 Régua, papel e nanquim.....	21
2. AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS.....	26
3. CAMINHOS PERCORRIDOS	38
3.1 Da Interdisciplinaridade	38
3.2 Da interação com Língua Portuguesa.....	40
3.3 Da aprendizagem em Arte	42
3.3 Das Histórias em Quadrinhos	45
4. A MODERNIDADE DAS CABRAS E BALEIAS	51
4.1 A modernidade no Brasil e na Bahia	52
4.2 Calasans Neto - O príncipe de Itapuã.....	54
5. A CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	62
5.1 Primeiro semestre.....	62
5.2 Segundo semestre.....	85
5.3 P.S. - Post scriptum	119
6. CONSIDERAÇÕES.....	146
REFERÊNCIAS.....	152
APÊNDICE.....	159
APÊNDICE A - Questionário.....	159
APÊNDICE B – Sequência das aulas	160
APÊNDICE C – A revista	162

A HISTÓRIA



METODOLOGIA

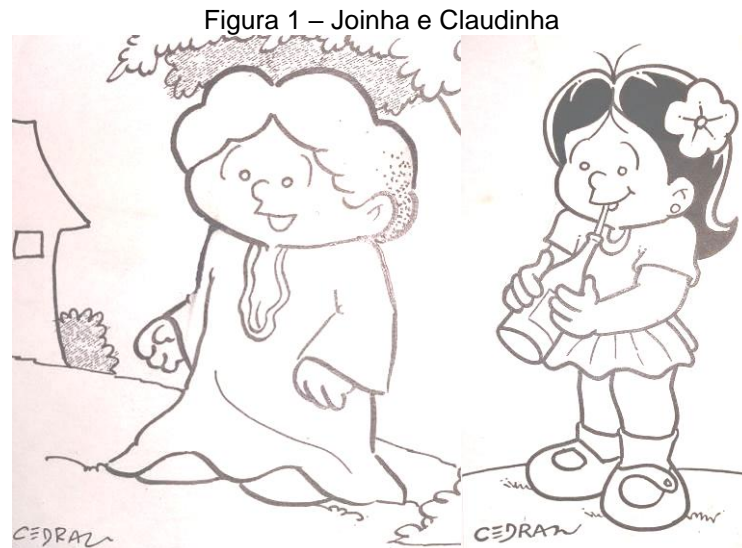
1. A HISTÓRIA

Viver é fazer escolhas e para fazê-las é prudente pensar sobre o percurso que lhe trouxe aonde você se encontra e questionar os motivos, as escolhas que contribuíram para sua chegada neste ponto. Desta forma, é possível pensar com clareza sobre que novos caminhos vamos percorrer, aonde queremos chegar, que transportes, vias, escolhas, desejos, sonhos queremos. Porque o fato é que mudamos ao longo da vida e nossos desejos de criança ou já foram satisfeitos ou geralmente não nos atendem mais. Crescemos e os sonhos crescem junto conosco. O chão que piso, foi construído lentamente, de uma experiência frustrante no estágio do magistério para uma paixão crescente pelo ensino de Arte. Uma área do conhecimento que sempre me surpreende, me estimula a buscar novidades, me encanta com imagens, me distrai dos problemas cotidianos. E esta paixão me trouxe à Universidade do Estado da Bahia-UNEB, para sistematizar ideias, encontrar pensadores irmãos, encantar alunos, formar parcerias, construir pontes, tudo de forma consciente; um caminho pensado, refletido, escolhido com muita clareza. E foi de forma prazerosa que esta história começou unindo as Histórias em Quadrinhos e as Artes Visuais, representada pela figura de Calasans Neto, artista baiano, com um trabalho expressivo em gravura.

1.1 Uma personagem: minha imersão na pesquisa

Passei parte da minha infância e adolescência lendo, ouvindo e produzindo quadrinhos; este tipo de leitura foi e ainda é muito frequente na minha vida. Filha de Antônio Cedraz, desenhista de quadrinhos, criador da Turma do Xaxado, sempre estive muito envolvida na produção e divulgação das histórias, criança usava as camisas de meu pai e dessa forma fui inspiração para o personagem do Joinha e um pouco mais velha para

a personagem Claudinha (figura 1), colorista de suas produções, interagiu com quadrinistas e participava de eventos relacionados aos quadrinhos.



Fonte: Estúdio Cedraz. Acervo da empresa.

A interação com este mundo me motivou na opção de fazer bacharelado em Artes Plásticas, na Universidade Federal da Bahia, através do qual conheci os materiais, técnicas e elementos plásticos necessários para construir objetos artísticos. Terminei a graduação e fui trabalhar como bancária, no Banco Econômico da Bahia, exercendo atividades que não me estimulavam, como planilhas matemáticas, crédito imobiliário e análise de risco. Pedi demissão e passei a ministrar aulas de Arte no Colégio Módulo Criarte, atividade que me estimulou a prestar concurso para professor da Rede Pública Estadual de Ensino da Bahia. Entrei na rede estadual em 1999, lecionando no Colégio Estadual Bento Gonçalves, inicialmente no período da noite, depois fui lecionar no período da tarde e da manhã. Em 2011 fiz seleção interna e fui trabalhar, lecionando o componente curricular Arte, em um projeto do Governo do Estado da Bahia, Ensino Médio com Intermediação Tecnológica - EMITec, uma alternativa pedagógica para atender alunos do Ensino Médio em localidades de difícil acesso no interior do estado, com aulas transmitidas ao vivo, via Protocolo de Televisão Via Internet - IPTV.

Na continuidade dos meus estudos, em 2010 fiz Licenciatura em Artes Visuais pelo PARFOR (Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica), na Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação – Campus I. Atendia desta forma a uma demanda da legislação educacional vigente, Lei nº 12.796/2013 que determina:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal.

Avançava na busca por elementos que me auxiliassem no sentido de melhorar a aprendizagem dos alunos. Durante a construção do meu trabalho de conclusão de curso – TCC, com o tema “Arte em Quadrinhos: A perspectiva do Ensino de Histórias em Quadrinhos na aula de Arte”, comecei a pensar na possibilidade de usar as histórias em quadrinhos nas aulas de arte. Esta pesquisa, feita em dupla com José Antônio Corrêa Souza, colega de curso, foi o começo da minha imersão no mestrado. Diante do material bibliográfico escasso sobre o assunto, pensei em iniciar uma carreira acadêmica investigando este tema. Em 2014 participei da seleção deste programa, quando comecei a frequentar, também, as atividades do Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC, no projeto “A Rádio da Escola na Escola da Rádio”.

1.2 O assunto: Arte x quadrinhos x ensino de Arte

Ao longo de 15 anos em sala de aula, lecionando a disciplina Arte, percebo que, apesar das diversas transformações no campo dos recursos didáticos e do acesso à informação, os alunos têm dificuldades em apreender as formas tradicionais de Arte como pintura e escultura, entender os movimentos artísticos, trabalhar com materiais

como pincéis, lápis e tintas. Na tentativa de minimizar esta dificuldade, sempre tentei proporcionar o contato dos alunos com os materiais de produção, comprando tintas e papéis; adquirindo materiais gráficos para visualização de obras, técnicas e movimentos artísticos; pesquisando e explorando diferentes tecnologias para envolver as turmas na construção de um percurso pessoal em Arte.

Ao cursar a licenciatura, ficou mais perceptível que trabalhamos no ensino de Arte com poucas referências que nos remetam ao cenário artístico brasileiro e, principalmente, baiano, priorizando muito mais as referências europeias; existe também uma grande dificuldade em ler imagens, apesar de estarmos imersos em um mundo imagético.

Ao ver, fazemos um grande número de coisas: vivenciamos o que está acontecendo de maneira direta, descobrimos algo que nunca havíamos percebido, talvez nem mesmo visto, conscientizamos-nos, através de uma série de experiências visuais, de algo que acabamos por reconhecer e saber, e percebemos o desenvolvimento de transformações através da observação paciente. Tanto a palavra quanto o processo da visão passaram a ter implicações muito amplas. Ver passou a significar compreender. (DONDIS, 1991, p. 13)

E a nossa compreensão perpassa pela apreensão de significados. Na nossa sociedade a comunicação acontece através de signos, pegamos um elemento e atribuímos significados a ele; ouvimos um som proveniente de um apito e ficamos em alerta, uma luz amarela piscante sabemos que a atenção deve ser redobrada; um desenho de uma mulher em uma porta associamos que é permitida somente a entrada de mulheres naquele ambiente. Estes elementos, que podem ser uma letra ou uma imagem, ou objeto, ou som ou gesto, nos contam sobre algo, nos falam, nos chamam atenção, desvelam para nós um mundo que não é mediado pela fala; os signos nos colocam imersos no mundo da subjetividade.

Signo é, portanto, algo, imagem, objeto, som, gesto, que é utilizado para transmitir uma mensagem, mas não nascemos sabendo ler estes signos, porque são construções sociais, precisamos aprender seus significados para podermos interagir uns com os

outros. Em nossa sociedade a linguagem é classificada em verbais e não verbais e já percebemos uma predileção de um signo em detrimento de outros; porque o verbal se refere ao verbo, à letra, enquanto todos os demais signos - sonoro, visual, gestual, pictórico - são classificados como não verbais; um mundo de significados e possibilidades é enquadrado apenas como não verbais.

Nossas possibilidades de comunicação ficam, então, limitadas à organização e ao agrupamento de vinte e seis letras, nossa escola prioriza a aprendizagem deste conjunto de “letrinhas” e acredita que apenas dominando estes signos somos capazes de nos comunicar com eficiência. Segundo Barbosa (2009, p. 28) “Não se alfabetiza fazendo apenas as crianças juntarem as letras. Há uma alfabetização cultural sem a qual a letra pouco significa. A leitura social, cultural e estética do meio ambiente vai dar sentido ao mundo da leitura verbal”. Esta divisão explica porque em nossa cultura temos inúmeras dificuldades de ler e nos comunicarmos com imagens e outros códigos não verbais, apesar de sermos diariamente bombardeados, principalmente, pelas imagens. Se nos atermos apenas às imagens, percebemos que estamos, constantemente, recebendo informações por meio delas, em jornais, televisões, revistas, outdoors, que nos informam, nos educam, nos vendem, nos apresentam um mundo, e não estamos preparando nossos alunos para interagir neste mundo, porque somente lhes ensinamos a ler um tipo de signo: o verbal. Se nossos alunos não se apropriarem de diversos códigos de comunicação, não atuarão com criticidade e consciência no nosso meio cultural.

Acredito que a interação dos jovens com os quadrinhos, é um dos caminhos à apropriação efetiva da leitura textual e imagética. Entendo a história em quadrinhos – HQ, como um objeto que utiliza diversos elementos plásticos na sua construção, exige do leitor uma compreensão destes elementos e uma capacidade de leitura onde a imagem, o texto, os sons e os movimentos devem ser lidos simultaneamente, oferecendo ao leitor uma variedade de situações e soluções gráficas que o estimulam em diversos momentos da sua vida. Esta ideia é compartilhada por Eisner:

A configuração geral da revista de quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas visuais e verbais. As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A leitura da revista de quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual. (1989, p.8).

Além disso, os quadrinhos apresentam uma proposta diferente e potencializadora para instigar os diversos sentidos e percepções. Diferentemente da década de 1960, quando os quadrinhos infantis receberam inúmeras críticas de professores e profissionais de educação, que acreditavam que este tipo de leitura poderia prejudicar o desenvolvimento intelectual das crianças (VERGUEIRO, 2004, 2009). Profissionais argumentavam que por serem muito ilustradas, as histórias em quadrinhos, inibiam a leitura das palavras e a compreensão do texto, fazendo com que os alunos deixassem de ler e estudar. Autores como Calazans (2004), Vergueiro (2004, 2009), Srbeek (2006) compreendem as histórias em quadrinhos como um importante apoio para os educadores, oferecendo suporte às diversas disciplinas como Língua Portuguesa, História, Matemática e projetos interdisciplinares. Este apoio vai além da aplicação lúdica das histórias em quadrinhos em sala de aula, conforme Srbeek:

(...) intenções utilitaristas: de 'chamar' e 'prender' a atenção do aluno, ser uma mera 'distração' em momentos de recreio ou de servir como introdução ao letramento. Não digo que estas não sejam funções que lhes possam ser atribuídas; o problema é que se restringir a elas é subestimar os quadrinhos, é não compreender o que eles podem representar em termos de desenvolvimento da percepção e cognição ou (no caso do quadrinho-arte) que enriquecimento simbólico eles podem trazer para nosso imaginário pessoal. (2006, p. 16).

O uso das HQs na escola deve ser ampliado para uma utilização mais crítica e reflexiva, possibilitando ao aluno compreender e se apropriar do seu código linguístico e utilizá-lo nas situações que considerar mais apropriada, ou mesmo explorar as potencialidades artísticas e promover exercícios de fruição.

Os estudos sobre quadrinhos situam-se no campo da Comunicação, História, Literatura, Pedagogia, Geografia e Crítica Cultural. O caminho das Histórias em quadrinhos no ensino da Arte ainda é incipiente, com poucas produções acadêmicas sobre este assunto, explorando apenas aspectos formais como luz, anatomia, sombra, perspectiva.

Todos os principais conceitos de artes plásticas estão embutidos nas páginas de uma história em quadrinhos. Assim, para o educador, as HQs podem vir a ser uma poderosa ferramenta pedagógica, capaz de explicar e mostrar aos alunos, de forma divertida e prazerosa, a aplicação prática de recursos artísticos sofisticados, tais como perspectiva, anatomia, luz e sombra, geometria, cores e composição.

[...] Mas, para elaborar esse simples esboço (das histórias em quadrinhos), o artista precisa estar ciente das técnicas artísticas desenvolvidas desde o Renascimento. (BARBOSA, A., 2004, p. 131).

O autor descreve de forma bem clara como devemos utilizar as HQs para trabalhar elementos presentes na construção de pinturas, trazendo como referência o modelo renascentista. Este e outros trabalhos pouco exploram a interação texto/imagem, que é o percurso da leitura nas HQs. No ensino de Arte e de Língua Portuguesa, a leitura de imagens ainda é assunto que deve ser mais explorado, inclusive tentando contemplar as diversas possibilidades de leitura imagética dos elementos formais, da História, da Semiótica. Outra importante lacuna no ensino é o estudo de artistas nacionais, especialmente locais, pois nos livros didáticos não encontramos referências. Mesmo em tempos de internet, temos dificuldade de encontrar imagens e a biografia destes artistas. Os artistas consagrados europeus, Da Vinci, Michelangelo, Picasso, Salvador Dalí entre outros, estão disponíveis em farto material bibliográfico de acesso fácil, inclusive com inúmeras propostas pedagógicas disponíveis na internet.

Os artistas baianos apresentam uma característica importante em seus trabalhos, a temática que apresenta a população da Bahia, seus costumes, festas e crenças. Artistas como Genaro de Carvalho, Sante Scaldaferrri, Calasans Neto e outros artistas baianos “pela primeira vez, mostraram a cara da gente baiana e sua forma de viver, chamando atenção para a rica herança étnica do nosso povo e seus costumes, usos e crenças...” (MATOS, 2010, p. 24), conseguindo desta maneira reconhecimento nacional

e internacional. Dentre vários artistas baianos, selecionamos as obras de Calasans Neto, gravurista, pintor, cenógrafo e ilustrador, com uma história de vida peculiar, possibilitando aos alunos diversas leituras a partir de sua vida e seus trabalhos.

Diante do apresentado, faz-se necessária a investigação e a intervenção proposta no sentido de estabelecer um tripé: artista plástico baiano, leitura imagética e história em quadrinhos, pois formalmente serão estabelecidos contrapontos para validação e consolidação da interação com este produto cultural contemporâneo.

1.3 A Turma - Maria, os alunos, o Bento, a Rádio.

No EMITec, instituição em que trabalho, as aulas são ministradas em Salvador e transmitidas ao vivo para localidades de difícil acesso, no interior do Estado da Bahia e, exercendo a função de Professora de ensino à distância, não seria possível desenvolver a pesquisa nesse mesmo ambiente. Assim sendo, pensei em realizar minha pesquisa e a intervenção no Colégio Estadual Bento Gonçalves, onde iniciei a carreira de magistério na rede pública de ensino. Ao visitá-lo para apresentar a proposta de trabalho, reencontrei antigos colegas que foram muito receptivos ao meu retorno, ainda que temporário, e a Diretora Mônica Bonfim, também Professora de Arte, foi muito receptiva e ofereceu uma turma de reforço escolar.

Como a pesquisa estava no início e já fazia quatro anos lecionando sem o contato direto com alunos, realizei uma oficina de *stop motion*¹, para conhecer melhor os alunos e desenvolver estratégias metodológicas que pudessem me auxiliar no desenvolvimento de minha pesquisa. Trabalhei com duas turmas, uma com dez alunos outra com vinte, em turnos opostos. Devo confessar que a oficina foi um fracasso; entre

¹ Stop Motion é uma técnica de animação onde utilizamos uma sequência de fotografias diferentes de um mesmo objeto para simular seu movimento.

doença pessoal, desinteresse dos alunos e horários que não eram regulares, nada ocorreu como planejado e comecei a me questionar se uma intervenção em formato de oficina funcionaria. Minha ideia sempre foi trabalhar com turmas regulares, apesar de estar fora da sala de aula presencial.

Mas o universo agiu a meu favor e, felizmente uma das Professoras de Língua Portuguesa, parceira antiga, demonstrou muito interesse em levar a Arte e as histórias em quadrinhos para sua sala de aula, e me ofereceu suas turmas para desenvolver meu projeto. Professora de Língua Portuguesa no Colégio Estadual Bento Gonçalves, Maria Freitas era diretora quando cheguei ao Colégio, deixou a direção alguns anos depois e retornou para sala de aula. Formada em Letras, sempre foi muito preocupada com a aprendizagem de seus alunos, fazendo vários cursos para melhorar a prática e pesquisando inovações para implementar em suas aulas.

No início de 2016 começamos uma parceria, e um trabalho disciplinar virou interdisciplinar, uma proposta de Arte transformou-se em um projeto conjunto entre Arte e Língua Portuguesa com a intenção de ampliar a capacidade de ler e escrever de alunos do 6º ano, crianças e adolescentes com idade entre 10 e 13 anos. Pensamos que eles deviam se expressar não apenas por meio de textos, mas também por meio de imagens; a partir desta perspectiva, consideramos a possibilidade do aluno unir texto e imagem na construção de histórias em quadrinhos.

E desta parceria questionamos: **A leitura de imagens e a construção de histórias em quadrinhos podem ampliar as possibilidades discursivas na produção de textos e de imagens produzidos pelos alunos?**

Pensando e refletindo sobre esta questão, surgiu o objetivo geral – **Desenvolver a leitura e produção textual e imagética dos alunos, explorando o trabalho do artista plástico Calasans Neto na produção de histórias em quadrinhos.**

Nossos objetivos específicos foram:

- 1) Apresentar, aos educandos, o artista plástico Calasans Neto e suas obras;
- 2) Incentivar autonomia na leitura e produção de imagens, com exploração de grafismos e técnicas diversas;
- 3) Promover a linguagem das histórias em quadrinhos nas aulas de Arte e de Língua Portuguesa;
- 4) Construir uma revista em quadrinhos sobre Calasans Neto com as pesquisas e histórias em quadrinhos produzidas pelos alunos.

Outro parceiro importante na delineação desta pesquisa, apresentando um suporte metodológico foi a turma da “A Rádio da Escola na Escola da Rádio” do grupo GEOTEC. Através das interlocuções estabelecidas nas reuniões quinzenais e no acompanhamento do desenvolvimento das outras pesquisas ancoradas neste projeto foi possível desenvolver uma pesquisa participante, obedecendo o rigor necessário nas práticas de investigação.

Definidos o assunto e os personagens desta história, devo seguir adiante e selecionar os materiais necessários para a construção deste memorial; se, para desenhar as HQs, precisamos de régua, papel e nanquim, no desenho desta investigação é necessário uma boa exploração bibliográfica e delimitação dos métodos e técnicas que serão utilizados nesta pesquisa.

1.4 Régua, papel e nanquim

Quando falo em pesquisa, penso em conhecer algo ou alguma coisa profundamente, buscando informações, organizando dados, de maneira a matar a curiosidade inicial sobre o objeto de estudo. No ambiente de uma universidade essa busca por informações se amplia, é sistematizada, demanda um rigor na escolha do tema, na

coleta de dados, no recorte temático, na sistematização das informações coletadas e na escrita do produto final.

Palavras novas surgem diariamente: epistêmico, hermenêutica, alteridade, interdiscursividade, fruição, estesia, epifania, fenomenologia e percebo que precisamos não apenas conhecê-las, mas inseri-las em nosso cotidiano para apreendê-las efetivamente. Mas não só de palavras somos inquietados, as imagens também vêm nos assombrar. E lá vamos redescobrir aquele artista que parecia tão íntimo, rever aquela obra que nos era tão familiar; o aluno nos aponta um detalhe que não tínhamos percebido antes, nos traz uma informação que desconhecíamos; surgem novos campos de estudo, não é apenas ler imagens, é uma leitura formalista? Semiótica? Fenomenológica? Culturalista?

Mas se a pesquisa, a pergunta, a busca por respostas, as sistematizações mentais destas informações são constantes durante nossa vida, no ambiente acadêmico ela demanda uma organização, e surgem novos termos e novas perguntas: metodologia, abordagem, relato de experiência, proposta de intervenção; participante, estudo de caso ou pesquisa-ação? Quali ou quanti? Método ou metodologia?

Diante de tantos questionamentos vamos investigando os conceitos e delimitando nossas ações, alguns são postos no momento da escolha do mestrado, no meu caso a modalidade profissional pressupõe o uso da Pesquisa Aplicada. Esta propõe uma interlocução entre o conhecimento teórico e a prática profissional do aluno de pós-graduação, propondo intervenções fundamentadas em estudos acadêmicos no seu ambiente de trabalho.

Desta forma, entendemos que a Pesquisa Aplicada, provoca a reflexão sobre as questões abordadas, suscita o surgimento do 'novo', intervém cientificamente no contexto estudado e estimula o pesquisador suplantar a dimensão discursiva e epistêmica, ampliando as possibilidades de propor e atuar, junto a um coletivo, na busca de soluções reais para problemas reais. (HETKOWSKI, 2016).

Na perspectiva de resolver problemas reais encontrados na escola, esta pesquisa se desenvolveu em duas frentes, a primeira foi um levantamento bibliográfico sobre o artista plástico Calasans Neto e suas obras, a aprendizagem em Arte e a produção de histórias em quadrinhos. A segunda é o desenvolvimento de intervenções em uma escola da rede pública de ensino, nas aulas de Língua Portuguesa, com o objetivo de construir histórias em quadrinhos. Lembrando apenas que a bibliografia alimentará e enriquecerá as intervenções propostas em sala de aula, com a finalidade de desenvolver a leitura e construção imagética-textual dos alunos do 6º ano.

Na coleta de dados foi utilizada a observação participante, questionário e documentos produzidos pelos alunos, textos, imagens e histórias em quadrinhos; todas as ações em sala de aula foram pensadas e construídas baseadas na percepção dos problemas, com intervenção, reflexão, novas ações, em conjunto com a Professora da turma. Com base nesta dinâmica, as atividades foram realizadas em duas aulas de Língua Portuguesa com a Professora Maria Freitas, na turma do 6º ano, contemplando 33 alunos, do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Bento Gonçalves, localizado na Fazenda Grande do Retiro.

Como resultado final deste estudo temos dois produtos, este memorial com a pesquisa sobre Calasans Neto, aprendizagem em Arte, descrição das aulas realizadas com os alunos e as interlocuções entre a teoria e a prática. E uma revista sobre Calasans Neto com as pesquisas, composições plásticas e histórias em quadrinhos feitas pelos alunos.

Do ponto de vista educacional, o desenvolvimento e conclusão desta pesquisa atende a uma indicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN Arte para a promoção de interação com linguagens diversificadas como os quadrinhos. Do ponto de vista social, o estudo oportunizou o contato com novas linguagens, interação com materiais plásticos, compreensão de fatos artísticos por parte dos alunos, construção de uma atitude autônoma, crítica e reflexiva sobre sua produção. (BRASIL, 1998a, p. 45-47).

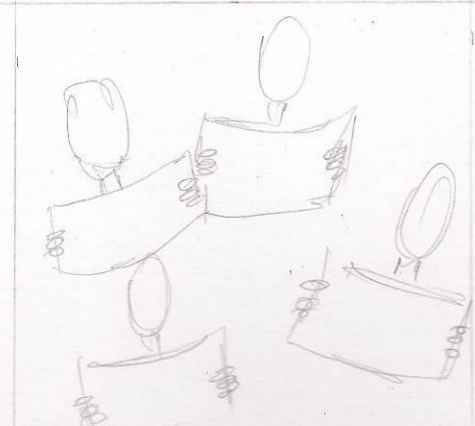
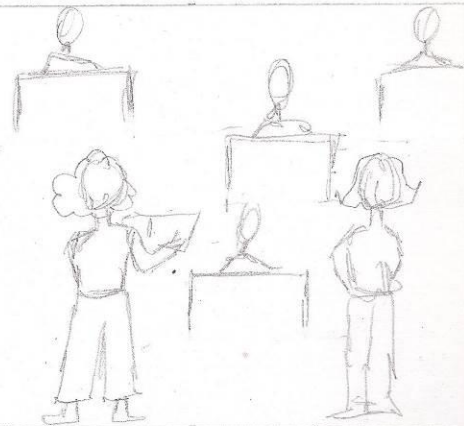
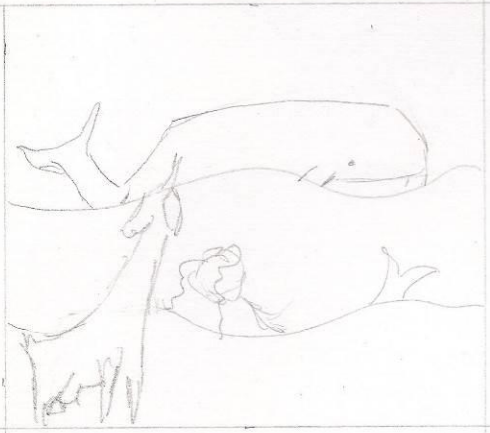
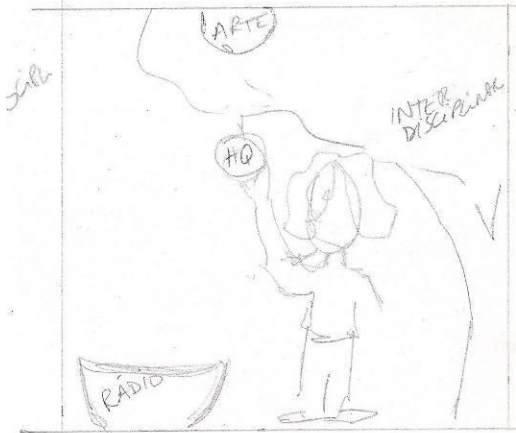
A inserção de referenciais da Arte e de histórias em quadrinhos no ensino de Língua Portuguesa responde aos objetivos desta disciplina indicados pelos PCN Língua Portuguesa que sugere utilizar a linguagem na leitura e produção de textos, com diferentes propósitos comunicativos e expressivos; reconhecer e valorizar a linguagem do seu grupo social nas elaborações artísticas. (BRASIL, 1998b, p. 32-33). Desta forma, este estudo contribui na construção de um ensino que busca uma interlocução entre os alunos e o mundo cultural que o cerca, bem como deixou como contribuição material uma permanente fonte de pesquisa para professores e alunos sobre o artista baiano Calasans Neto: uma revista produzida em conjunto com os alunos.

Este memorial está dividido em capítulos. Neste primeiro capítulo foi apresentado um pequeno resumo do meu percurso de vida, ações e escolhas que me levaram ao desenvolvimento deste memorial. Apresentamos nosso *lócus* de pesquisa, nossos parceiros, nosso questionamento e objetivos.

No segundo capítulo abordarei a metodologia de pesquisa, com todos os instrumentos e meios utilizados na construção deste trabalho. No terceiro, será apresentada toda a fundamentação teórica que orienta a proposta interdisciplinar, o ensino de Arte e um estudo sobre as potencialidades do uso das HQs no ensino fundamental. No quarto capítulo será apresentado um breve panorama do início do modernismo na Bahia, contextualizando a produção artística de Calasans Neto e sua importância no cenário artístico baiano.

Será feito no quinto capítulo o relato e análise das intervenções desenvolvidas conjuntamente com a Professora Maria Freitas nas aulas de Língua Portuguesa, o desenvolvimento dos alunos durante a criação e confecção das histórias em quadrinhos. Em seguida serão apresentadas as considerações finais sobre a pesquisa, apresentando os resultados obtidos e a interlocução com o tema estudado. Se já iniciei apresentando em linhas gerais minha pesquisa, vou descortinar lentamente os caminhos que percorri no desenvolvimento desta.

A HISTÓRIA



2. AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS

A produção acadêmica se assemelha à construção de um trabalho artístico; de uma ideia, questionadora, propositiva, vamos fazendo escolhas, definindo material, técnica, suporte, acabamentos, fazendo rascunhos e esboços até chegarmos ao produto final: uma dissertação, um memorial ou um objeto artístico. Os percursos são iguais, os resultados vão ser valorados em ambientes diferentes. Socialmente ambos os produtos têm enorme valor cultural; na prática, os pesquisadores são considerados normais e, os artistas loucos. Vamos à normalidade.

Cursar o Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, modalidade profissional, definiu o tipo de pesquisa que faria e os caminhos que iria percorrer. No Brasil, atualmente, encontramos duas possibilidades de pós-graduação *stricto sensu*: o mestrado e o doutorado. O mestrado se divide em Mestrado Acadêmico e o Mestrado Profissional. A principal diferença entre estas duas categorias de estudo é o tipo de pesquisa e investigação que estas duas modalidades executam. No Mestrado Acadêmico temos uma pesquisa que pretende preencher lacunas no conhecimento, através da pesquisa científica. Já no Mestrado Profissional a pesquisa propõe uma interlocução entre a teoria e a prática profissional dos estudantes da pós-graduação, que segundo Fischer (2005), ilumina a prática com teorias apropriadas.

Percebo, de maneira geral, que no Mestrado Acadêmico os estudos se propõem a ampliar conhecimentos, às vezes sem uma aplicação imediata, mas que poderão ser utilizados nas pesquisas aplicadas ou tecnológicas. Nas pesquisas aplicadas, desenvolvidas no Mestrado Profissional, é indicada a ampliação dos conhecimentos para aplicação em situações cotidianas, solucionando problemas específicos e atuais.

A CAPES, ao reconhecer os Mestrados Profissionais no âmbito nacional e em todas as áreas de atuação, valoriza a formação de profissionais capazes de elaborar e aplicar novas técnicas, tecnologias e processos através de pesquisa

científica, bases epistêmicas, aliados aos conhecimentos e práticas profissionais. Diferenciando-se dos Mestrados Acadêmicos, cujo foco é, essencialmente, a pesquisa acadêmica, a qual valoriza aprofundamento teórico e a revisão bibliográfica. (HETKOWSKI, VIANA E FERREIRA, 2014, p.2).

Este reconhecimento é muito importante para os profissionais que optaram pelo Mestrado Profissional, e as dinâmicas desenvolvidas nos grupos de pesquisa devem estimular o desenvolvimento deste tipo de estudo. As ações do grupo de pesquisa GEOTEC têm como objetivo produzir conhecimento, desenvolver ações e práticas com base nas potencialidades das Geotecnologias e das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na Rede Pública de Ensino na cidade de Salvador (BA), Valença (BA) e Poço Verde (SE), atendendo desta forma as recomendações da CAPES na formação de pesquisadores nos programas *stricto sensu*, com ênfase profissional.

O GEOTEC é um grupo de pesquisa que desenvolve três grandes projetos: K-lab, RedePub e A Rádio da Escola na Escola da Rádio - A Rádio. O projeto K-lab é um desdobramento das pesquisas realizadas no desenvolvimento do jogo-simulador Kimera, desenvolvido por uma equipe multirreferencial com o objetivo de auxiliar crianças das escolas da rede pública de Salvador na compreensão do espaço em que vivem, a partir da cartografia da cidade. O RedePub amplia as discussões de história e memória da Rede Pública de Ensino, através de práticas e processos formativos dos professores, utilizando linguagens geotecnológicas e TIC. A Rádio propõe o redimensionamento do entendimento do lugar a partir dos sujeitos da educação, através de exercícios dialógicos e investigativos, envolvendo a comunidade interna e externa.

O nome do projeto da Rádio – “A Rádio da Escola na Escola da Rádio” é uma metáfora para a difusão do conhecimento, para o compartilhamento das histórias e memórias dos lugares a partir dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Inicialmente as pesquisas desenvolvidas pelos alunos tinham como objetivo a manutenção de uma rádio convencional na própria escola, mas com o desenvolvimento do projeto percebeu-se que o grande gerador de potencialidades era a apreensão do lugar, suas histórias e

memórias a partir dos sujeitos, no caso da Rádio, os alunos de diversas redes de ensino formal e informal. O lugar é uma particularidade no espaço, é o território da individualidade, das emoções e dos sentimentos. O espaço é amplo, extenso, terra de todos, subjetivo. O lugar é o pertencimento, a afetividade. No lugar são estabelecidas as relações afetivas e identitárias. Explorando as potencialidades criativas no estudo do lugar pode-se gerar saberes e ressignificar valores. O projeto da Rádio propõe aos alunos apreender a dimensão do lugar em que vivem através do desenvolvimento de pesquisas científicas, memoriais e outras possibilidades tecnológicas.

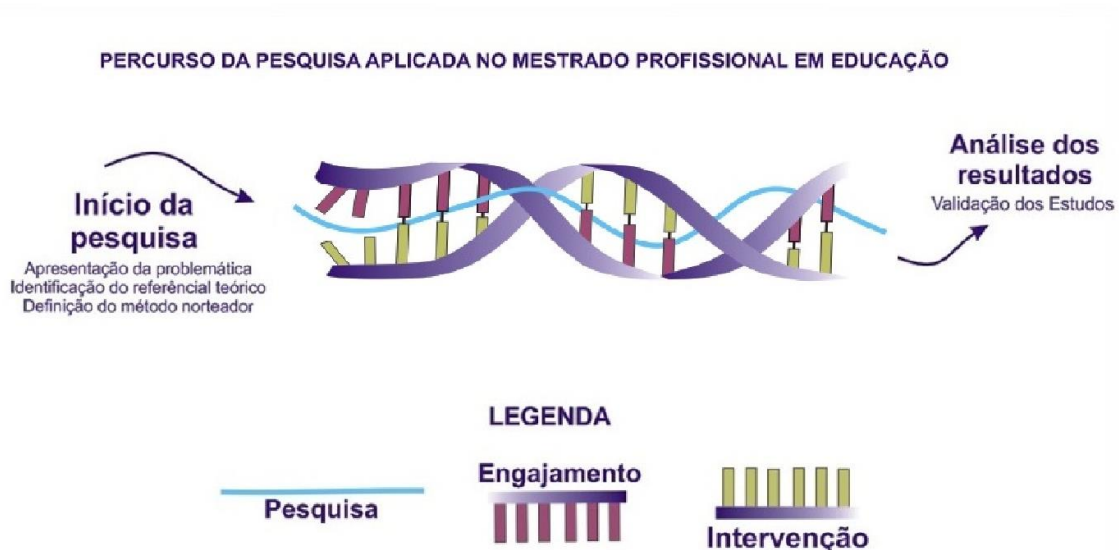
Segundo Nascimento e Hetkowski (2011), todos os processos humanos criativos envolvendo instrumentos, técnicas, símbolos e conhecimento são tecnologia. Para as mesmas autoras, a capacidade humana de representar situações espaciais e de localização para compreender o humano é geotecnologia. São estes conceitos amparados em teóricos como Milton Santos, Henri Lefebvre, Michel de Certeau, Francisco Brito que ancoram todas as ações desenvolvidas pelo grupo de pesquisa.

Neste momento cabe um esclarecimento, minha imersão no grupo da Rádio trouxe o embasamento necessário para o desenvolvimento metodológico desta pesquisa, foram importantes os diálogos, trocas, interlocuções sobre os caminhos estruturais que minha pesquisa precisava percorrer. Mas é preciso, como diz André (1992), manter uma “atitude crítica ao longo do trabalho de pesquisa e mesmo ao final dele, questionando o valor e a pertinência de suas análises e pressupostos, identificando seus limites e buscando medidas concretas de superá-las.” (p.32). Neste momento apresento aqui os meus limites, as discussões teóricas sobre lugar e geotecnologia não conseguiram encontrar espaço nas discussões sobre ensino de arte, análise de imagens, histórias em quadrinhos, interdisciplinaridade. Não que sejam impossíveis, mas prescindiam de um tempo maior de maturação intelectual meu, para estabelecer as interlocuções e mediar as possibilidades. Reitero a importância da participação, dos encontros, das conversas, das trocas e mediações que ocorreram com o grupo, e realmente me sinto

parte do projeto, mas preciso de um tempo maior para estabelecer o encontro entre arte e geotecnologia para além da superficialidade.

Diante do exposto, vou aprofundar as contribuições metodológicas que o projeto acrescentou ao meu trabalho. A maioria das pesquisas realizadas pelo GEOTEC são pesquisas aplicadas. Alguns projetos desenvolvem propostas multirreferenciais com vários profissionais envolvidos no desenvolvimento das pesquisas. No projeto da Rádio utilizamos a proposta definida por Hetkowski, Viana e Ferreira (2014), composta pela tríade pesquisa, intervenção e engajamento.

Figura 2 – DNA da Pesquisa Aplicada de Engajamento



Fonte: HETKOWSKI, VIANA E FERREIRA, 2014.

O engajamento é a imersão no contexto, com a apropriação e o entrelaçamento dos fatos, dados e significados, a partir da escuta, do olhar e do entendimento dos elementos e processos da pesquisa, considerando sempre a realidade dos sujeitos, seus anseios, relações, conceitos, crenças, valores e conhecimentos. A intervenção tem como característica principal a ação criativa e a mobilização dos sujeitos e atores sociais. A pesquisa científica-acadêmica com todo seu rigor, característico das

pesquisas *strictu sensu*, alimentará e será alimentada pelo engajamento e pelas intervenções. (HETKOWSKI, VIANA E FERREIRA, 2014, p.11).

Minha pesquisa, ancorada no projeto da Rádio, trabalha os três pilares da Pesquisa Aplicada de engajamento: imersão no Colégio Estadual Bento Gonçalves onde desenvolvi a pesquisa; envolvimento com a Professora Maria Freitas, a escuta sensível das questões trazidas pelos alunos que influenciaram nas intervenções escolhidas para aplicação na sala de aula, amparadas por interlocuções acadêmicas sobre Calasans Neto, histórias em quadrinhos e leitura imagética. Este eterno mover-se entre engajamento, intervenção e pesquisa é o que alimentará o texto que será apresentado.

Em toda pesquisa acadêmica é preciso escolher uma abordagem, definindo como será feita a análise e interpretação dos dados. Duas abordagens, qualitativa e quantitativa, utilizada nas pesquisas científicas trazem à tona o eterno embate humano entre a razão e a emoção, uma disputa que atravessa séculos e permeia todas as áreas de conhecimento humano.

Na abordagem quantitativa, os números determinam as verdades; a lógica binária do zero ou um persiste, explica, determina; na abordagem qualitativa as subjetividades das relações, os porquês são explicitados, percebidos, identificados. Escolhi a abordagem qualitativa, uma abordagem que prioriza a subjetividade das relações, sem, contudo, abrir mão do rigor e da fundamentação teórica; no meu trabalho as interlocuções são resultado do diálogo entre a observação participante das intervenções propostas aos alunos e a pesquisa bibliográfica sobre Calasans Neto e suas obras, as histórias em quadrinhos e a leitura imagética.

Desse modo, a pesquisa qualitativa pode superar a dicotomia clássica entre sujeito e objeto, ciências da natureza e ciências do espírito, porque o que está em jogo são os conhecimentos que se podem alcançar e construir para o benefício e realização dos indivíduos, das sociedades e da espécie em sua unidade diversa. (GALEFFI, 2009, p. 27)

Para se chegar ao desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa podemos escolher vários caminhos, pesquisa etnográfica, pesquisa ação, pesquisa participante, estudo de caso, pesquisa de campo. A escolha de um destes caminhos determina os procedimentos possíveis na coleta dos dados e o modo como o pesquisador irá interagir com o grupo pesquisado. Minha escolha aconteceu numa confluência de interesses e casualidades: primeiro pela possibilidade de um retorno à sala de aula presencial; gosto muito do trabalho intermediado por tecnologia, mas sinto saudades do contato com os alunos, de suas dúvidas, interlocuções, surpresas, do contato direto e diário. Segundo: as ideias que acompanham o grupo de pesquisa GEOTEC e em especial do projeto da Rádio, de pensar a educação a partir da interlocução com a escola; terceiro: a casualidade do convite da Professora Maria Freitas para trabalhar com suas turmas; e pela própria perspectiva da pesquisa aplicada de aliar teoria e prática. Além de todos estes fatores, talvez o mais importante, é que esta pesquisa surge de uma proposta formulada pela escola, pela Professora regente, não foi um pacote pronto imposto a esta unidade escolar. Surge de uma inquietação da escola e da Professora regente e o pesquisador vem para contribuir na resolução, não como detentor de todo saber, mas como um colaborador que chega com seus conhecimentos específicos para somar, dialogar, na busca por soluções.

Na procura por uma maior compreensão da pesquisa participante, encontrei a seguinte definição:

É aquela em que o pesquisador, para realizar a observação dos fenômenos, compartilha a vivência dos sujeitos pesquisados, participando, de forma sistemática e permanente, ao longo do tempo da pesquisa, das suas atividades. O pesquisador coloca-se numa postura de identificação com os pesquisados. Passa a interagir com eles em todas as situações, acompanhando todas as ações praticadas pelos sujeitos. Observando as manifestações dos sujeitos e as situações vividas, vai registrando descritivamente todos os elementos observados bem como as análises e considerações que fizer ao longo dessa participação. (SEVERINO, 2007, p. 120)

Diante deste conceito, destacamos alguns parâmetros que qualificam uma pesquisa como participante, presentes neste estudo. O pesquisador precisa se inserir no grupo,

participar das ações desempenhando alguma função no grupo. O grupo sabe da pesquisa e concorda com sua aplicação, contribuindo para seu desenvolvimento. Existe uma preocupação do pesquisador em dar um retorno ao grupo, dos desdobramentos da pesquisa. Aparentemente simples, este tipo de pesquisa exige do investigador uma imersão no grupo e ao mesmo tempo o desenvolvimento de um olhar reflexivo e crítico sobre as ações desenvolvidas pelos sujeitos pesquisados. Gatti (2008, p.9) já nos advertiu que vivenciar todas as ações desenvolvidas em uma pesquisa e ao mesmo tempo interpretar estas ações, é uma tarefa complexa, mas muito importante na construção de conhecimentos mais gerais.

Inicialmente a proposta era realizar uma oficina na escola, apesar da boa acolhida da direção, a turma de alunos escolhida para desenvolver o trabalho não estava aberta a este tipo de intervenção. Ampliando a imersão no meu campo de estudo, surgiu a possibilidade de desenvolver um trabalho interdisciplinar. Do diálogo com a Professora Maria Freitas identifiquei um interesse em buscar soluções além do seu campo de formação, Língua Portuguesa, para desenvolver a leitura e produção de textos dos alunos do 6º ano. Diante disto, sugeri a ampliação do conceito de leitura incluindo a imagem, e como exercício de produção textual e imagética, a construção de histórias em quadrinhos. Técnica artística que exige que o produtor estabeleça uma interlocução entre a palavra e as imagens, onde uma complementa o sentido da outra.

Nesta etapa do planejamento definimos que as intervenções seriam realizadas em apenas uma turma, das três turmas que ela lecionava pela manhã; e que das quatro aulas que este componente curricular tem disponível na grade curricular, eu utilizaria duas aulas semanais. Definimos também que minha participação nas aulas seria assistida pela professora regente e, a partir destas intervenções, ela planejaria o desenvolvimento dos conteúdos específicos da disciplina.

Como esta pesquisa trabalha com alunos, precisei submeter o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa. Após sua aprovação começamos a desenvolver as atividades em

sala de aula. Importante salientar as exigências do Comitê de Ética: conversar com os pais dos alunos envolvidos solicitando autorização para que seus filhos participassem da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE. Após aprovação dos responsáveis, conversar com os alunos, explicando nossa proposta e pedir consentimento para utilizar seus dados nesta pesquisa. Os alunos assinaram, juntamente com seus responsáveis, o Termo de Assentimento do Menor. De posse destes documentos e da autorização do Comitê de Ética, iniciamos as intervenções em sala de aula, em conjunto com a Professora Maria Freitas.

As atividades propostas aos alunos tinham como finalidade desenvolver a leitura e produção de textos e imagens. Iniciei a pesquisa com um roteiro que foi sendo modificado a partir da progressão dos alunos nas atividades e da identificação de algumas dificuldades ou facilidades na execução destas.

A coleta de dados foi feita a partir da observação participante, questionário, análise de documentos e pesquisa bibliográfica. A observação participante pressupõe um olhar atento e cuidadoso na observação das ações desenvolvidas pelos sujeitos participantes da pesquisa, o pesquisador precisa estar presente e com todos seus sentidos em alerta no desenvolvimento das atividades.

Mas esta atenção não deve se dispersar pelos sentidos, deve ser conduzida pelo raciocínio, combinando de maneira harmoniosa razão e emoção. Fernandes (2015) nos apresenta quatro elementos que devem estar atrelados ao raciocínio no momento da observação: a curiosidade, a criatividade, o rigor e a ética. As duas primeiras devem vir atreladas ao rigor, mas sem elas qualquer pesquisa perde sua importância, visto que não apresenta nenhuma novidade ou mudança no que está posto. Segundo o autor o rigor teórico-metodológico leva “em conta o contexto da produção dos sentidos e do ‘estado da arte’ dos conhecimentos obedecendo aos parâmetros acadêmicos, assim como a consciência de que a isenção asséptica dos olhares e juízos não existe, dada a processualidade inerente a toda e cada produção humana, ‘naturalmente’

multifacetada-imperfeita”. (2015, p. 492). O quarto elemento apresentado pelo autor é a ética, ao se trabalhar com pesquisa envolvendo seres humanos o pesquisador precisa adequar seu comportamento e seus procedimentos às especificidades dos sujeitos da pesquisa.

Na observação participante é importante um registro cuidadoso do que foi visto e vivenciado. Meu registro acontecia sempre após as aulas. Ao sair da escola anotava todas as informações, procedimentos, questionamentos dos alunos, sugestões e falas em um arquivo no *notebook*. Transcrevia também minhas observações sobre o desenvolvimento dos trabalhos e a participação dos alunos. Após estes registros reavaliava meus planos de trabalho sem perder de foco o objetivo da pesquisa.

Durante o desenvolvimento deste trabalho alimentado pela pesquisa-engajamento-intervenção, surgiu a necessidade de levantar os conhecimentos que os alunos tinham sobre arte, histórias em quadrinhos e suas interlocuções com espaços públicos, surgindo a proposta de um questionário para investigar estas indagações. Segundo Severino (2007, p. 125-126), o questionário é um “conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo”. Podem apresentar questões abertas e fechadas, mas todas objetivas, de modo a não provocar respostas dúbias e todas as perguntas devem estar relacionadas com o objeto da pesquisa. As perguntas foram elaboradas com a intenção de investigar o conhecimento dos alunos sobre arte e histórias em quadrinhos e propor uma visita a espaços artísticos na cidade. Acredito que a aplicação do questionário ocorreu um pouco tarde, quando já havíamos iniciado as atividades, contaminando alguns dados, principalmente sobre arte e artistas.

Outro importante elemento de coleta de dados, presente neste trabalho, são os documentos. Severino nos diz que

...em ciência, documento é todo objeto (livro, jornal, estátua, escultura, edifício, ferramenta, túmulo, monumento, foto, filme, vídeo, disco, CD etc.) que se torna suporte material (pedra, madeira, metal, papel etc.) de uma informação (oral, escrita, gestual, visual, sonora etc.) que nele é fixada mediante técnicas especiais (escritura, impressão, incrustação, pintura, escultura, construção etc.). Nessa condição, transforma-se em fonte durável de informação sobre os fenômenos pesquisados. (2007, p. 124)

Diante disto, as produções dos alunos realizadas a partir das proposições feitas em sala de aula são documentos e foram utilizados nesta pesquisa para agregar informações sobre o processo criativo, reflexivo e construtivo dos mesmos. A análise de alguns destes trabalhos e suas interlocuções são apresentadas ao longo do capítulo 5.

A pesquisa bibliográfica é condição primária de todas as pesquisas científicas; sem a interlocução com conceitos, teorias e outros autores, não contemplamos o rigor, não seguimos rumo ao novo, nossas ideias não avançam além do senso comum já estabelecido socialmente.

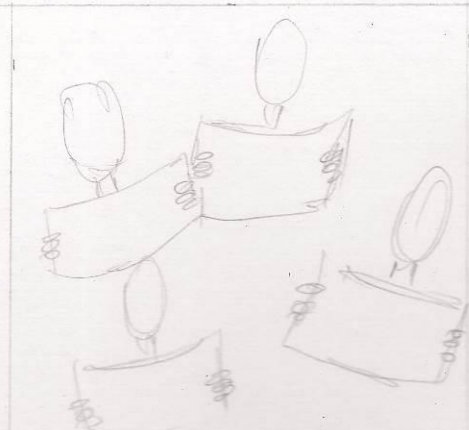
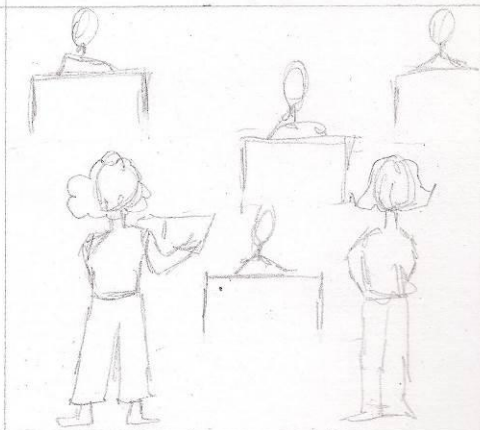
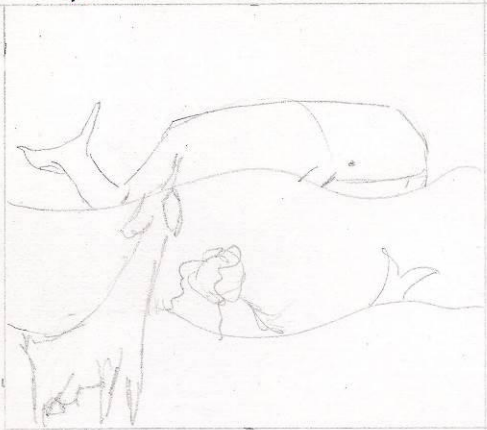
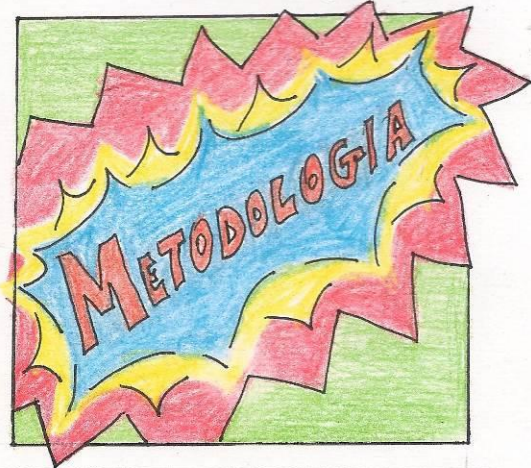
Todo o trabalho de coleta de dados aconteceu sob a perspectiva da escuta sensível, que busca o entendimento do outro a partir do reconhecimento das particularidades afetivas, cognitivas, simbólicas e imaginativas que cada sujeito traz em si. Proposta por Barbier,

A escuta sensível começa por não interpretar, por suspender todo julgamento. Ela procura compreender, por “empatia”, o sentido que existe em uma prática ou situação, segundo o “algo mais” (o “surplus”) rogeriano. Escuta sensível aceita surpreender-se pelo desconhecido que, incessantemente, anima a vida. Por isso, ela questiona as ciências humanas e continua lúcida sobre suas fronteiras e zonas de incertezas. Neste caso, ela é mais uma arte que uma ciência, pois toda ciência procura circunscrever seu universo e a impor seus modelos de referência, até que se prove o contrário. É como a arte de um escultor sobre a pedra, que para fazer aparecer a forma, deve antes passar pelo trabalho do vazio e retirar todo o excesso para que a forma surja. (2002).

Esta escuta propõe que o sujeito pesquisador primeiro se reconheça como ser sensível, criativo, provocador e humano, para a partir de si estabelecer a escuta do outro, compreender o outro e propor novas interlocuções.

Todos estes dados coletados, dentro da abordagem de uma pesquisa participante, são apresentados neste memorial e será socializado com a comunidade acadêmica através da participação em eventos e publicações na área. O resultado do trabalho desenvolvido durante o ano de 2016, transformou-se em uma revista com histórias em quadrinhos, textos e imagens produzidas pelos alunos sobre o artista Calasans Neto. Esta revista será impressa com ajuda da direção da escola e será realizado um evento para divulgação e socialização da revista com a comunidade escolar (pais, professores, alunos, funcionários).

A HISTÓRIA



3. CAMINHOS PERCORRIDOS

3.1 Da Interdisciplinaridade

Uma pesquisa que a princípio se pensou individual e disciplinar aos poucos foi se transformando em uma proposta diversa, um convite para desenvolver uma pesquisa de Arte nas aulas de Língua Portuguesa, desvendou um mundo de possibilidades e uma ampliação dos rumos da pesquisa. A possibilidade de um trabalho em conjunto levantou a questão sobre o que nos une ou porque estamos separados e descobrimos que temos mais semelhanças do que diferenças. Outro campo, outros saberes, mas tão próximos que por muitas vezes, nos cruzamos. Diante da possibilidade de trabalho em conjunto, uma série de questionamentos surge: o que estudaremos juntos? Como será este estudo, eu entro e faço minha parte, ela faz a dela? Quanto tempo durará esta parceria? Fico só na sala, a minha presença a constrange, a dela me inibe? É da natureza humana se preocupar antes do tempo, de certa forma, algumas vezes isto nos poupa trabalho, tempo, mas em outras corrói os pensamentos desnecessariamente. E foi o que aconteceu: muitas dúvidas e incertezas foram se resolvendo naturalmente. Um trabalho foi se desenvolvendo com cumplicidade, com integração, duas cabeças pensando conjuntamente em atingir um objetivo: Que os alunos ao final do 6º ano utilizem imagens e texto para se expressar com autonomia, algumas vezes unindo as duas formas a exemplo das histórias em quadrinhos.

O que é trabalhar conjuntamente unindo Arte e Língua Portuguesa? É desenvolver uma ação interdisciplinar, multidisciplinar ou transdisciplinar? Como elemento unificador das três possibilidades de trabalho temos a palavra disciplina que nos remete a um conjunto de conhecimentos com limites pré-definidos dentro do currículo escolar, e como elemento delimitador das três palavras precisamos analisar os prefixos inter, multi e trans. O inter refere-se ao entre o que une duas partes. O multi é múltiplo, numeroso. E o trans é ação além de.

Pombo (2008, p. 13-15) propõe um alinhamento entre os conceitos, o que não pressupõe predominância de um sobre os outros, mas uma perspectiva de continuidade. A ideia é que a multidisciplinaridade agregue disciplinas em torno de um conhecimento comum, um conjunto de disciplinas que tem um ponto partilhado, mas não se misturam; visões que seguem paralelas rumo a um objeto geral, sem nunca se encontrarem. Na interdisciplinaridade as visões seguem rumo a um ponto em conjunto, ao final elas se encontram formando um conhecimento construído a partir da unicidade de suas partes, os conhecimentos se complementam, convergem. Na transdisciplinaridade não existe as disciplinas isoladas, elas não caminham juntas, nem vão juntas ao encontro de um ponto em comum, elas estão; a transdisciplinaridade é a fusão, onde não se sabe onde começa e onde terminam as disciplinas. Para a autora, a interdisciplinaridade parece ser o melhor caminho, onde encontramos a convergência, a complementariedade, o cruzamento.

O trabalho interdisciplinar me permite ver meu objeto de estudo além de uma única visão, permite que eu encontre em uma disciplina soluções que servem para resolução de problemas em outra, possibilidade de construção de objetos que apenas uma dimensão disciplinar não dá conta, a exemplo das histórias em quadrinhos.

Mas o trabalho interdisciplinar não aborda apenas as relações entre as disciplinas, ela contempla uma troca entre especialistas ou uma postura mais aberta e curiosa de apenas um profissional, que vai buscar em outras áreas soluções, caminhos, ampliando seu conhecimento além da sua especificidade.

Só há interdisciplinaridade se somos capazes de partilhar o nosso pequeno domínio do saber, se temos a coragem necessária para abandonar o conforto da nossa linguagem técnica e para nos aventurarmos num domínio que é de todos e de que ninguém é proprietário exclusivo. (POMBO, 2005, p.13).

Esta troca entre especialistas ainda é um caminho a ser percorrido pela escola, longo, sinuoso e ainda por fazer; começa com uma mudança de atitude do professor junto a seus colegas, da percepção de que o conhecimento é uno. Ao longo da história humana o ser humano percebeu que não conseguia abarcar o todo e o dividiu em partes. Estas partes ao longo deste processo se constituíram nas especialidades e individualidades. O todo acabou se perdendo, porque afinal as partes, isoladamente, não formam o todo. É preciso um diálogo entre as partes para construção do conhecimento humano. Esta interlocução ganha corpo e espírito nas práticas interdisciplinares. Uma conversa e uma dose de humildade são imprescindíveis para desenvolvermos esta linha de interação,

Uma atitude interdisciplinar levaria todo perito a reconhecer os limites de seu saber para acolher contribuições das outras disciplinas – toda ciência seria complemento de uma outra, e a dissociação ou separação entre as ciências seria substituída por uma convergência para objetivos mútuos. (FAZENDA, 2011, p. 61)

Neste projeto, nosso objetivo mútuo é o desenvolvimento da capacidade leitora e discursiva dos alunos, numa proposta de trabalho interdisciplinar, unindo duas disciplinas que trabalham a leitura, uma do verbo e a outra da imagem. Estas duas formas expressivas, o texto e a figura, são constantemente utilizados pelos meios de comunicação para seduzir, informar, orientar, esclarecer a população. Apresentar estes códigos aos alunos é uma das tarefas da escola, como transmissora de cultura e conhecimentos.

3.2 Da interação com Língua Portuguesa

Dentro da área de Língua Portuguesa e com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, documento que pretende “construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras.” (BRASIL, 1998a, p. 5), apresento

algumas orientações que nortearam a pesquisa. Nesta disciplina as práticas de ensino devem ter como ponto de partida e de chegada o uso da linguagem, de todas as formas expressivas, incluindo as formais e não formais, inserindo o mundo cultural do aluno, valorizando-o ao mesmo tempo em que o insere em outras possibilidades de interlocução utilizando expressões que estão socialmente distantes do seu mundo.

As práticas devem partir do próximo, do familiar e ir adentrando novas possibilidades, ampliando desta maneira as habilidades linguísticas dos alunos. Este exercício deve ser orientado para um uso efetivo na interlocução com o outro, utilizando a linguagem de forma consciente e crítica.

Em síntese, pela linguagem se expressam ideias, pensamentos e intenções, se estabelecem relações interpessoais anteriormente inexistentes e se influencia o outro, alterando suas representações da realidade e da sociedade e o rumo de suas (re)ações. (BRASIL, 1998b, p. 20)

Através da linguagem nos comunicamos com o outro, nessa interação precisamos escolher as palavras ou imagens que vão ter sentido para o nosso interlocutor, e neste simples exercício de construção de um discurso, precisamos definir o que vamos falar, como, porque, para quem, o que eu espero do meu interlocutor, o que eu pressuponho que ele conheça sobre o assunto, as certezas e incertezas que ele possui, demandando do aluno um repertório amplo que lhe assegurará a eficiência na recepção da mensagem. Por estes e outros motivos que é importante na aprendizagem de Língua Portuguesa que o professor oportunize o acesso a diversos códigos linguísticos, a compreensão e a utilização destes em situações diversas de maneira a ampliar sua capacidade de construir, compreender e utilizar este repertório linguístico nas situações cotidianas.

A atividade mais importante, pois, é a de criar situações em que os alunos possam operar sobre a própria linguagem, construindo pouco a pouco, no curso dos vários anos de escolaridade, paradigmas próprio da fala de sua comunidade, colocando atenção sobre similaridades, regularidades e diferenças de formas e de usos linguísticos, levantando hipóteses sobre as condições contextuais e estruturais em que se dão. (BRASIL, 1998b, p. 28)

Deixando claro que não é apenas ensinar a norma culta do uso da língua, mas fazê-lo compreender que a linguagem precisa se adequar ao espaço, ao locutor e ao interlocutor. É preciso uma compreensão de que existem diversas linguagens e que elas são um reflexo do meio social em que emergem e cabe ao aluno perceber as especificidades e uso destas diversas linguagens. Os significados podem ser construídos na escrita, na leitura e na escuta, pelo produtor e pelo leitor, numa interlocução entre linguagem e sentido.

3.3 Da aprendizagem em Arte

A aprendizagem em Arte parte da percepção que esta é uma produção cultural humana que articula a fruição, a estesia, criação, crítica, expressão e reflexão. Estas seis dimensões do conhecimento, apresentadas pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2016) são características da experiência em Arte. São indissociáveis e devem ser trabalhadas de maneira articulada, sem predomínio ou hierarquização de uma sobre a outra. Estas dimensões contidas na Arte demandam a aprendizagem do prazer, do sensível, do fazer, do refletir, do subjetivo, do pensar, imersos em produções artísticas contextualizadas nos tempos e espaços históricos e culturais que estamos. Esta aprendizagem perpassa pelo conhecimento em Artes Visuais, Teatro, Música e Dança, os quatro componentes que compõem a disciplina de Arte na Educação Básica e se fundamenta em três ações, sugeridas por Ana Mae Barbosa, pesquisadora do ensino de Artes Visuais no Brasil. Estas ações seriam: fazer, ler e contextualizar. O fazer é a prática das técnicas, e envolve a manipulação dos materiais, a transformação de ideias em matéria plástica.

Este fazer é insubstituível para a aprendizagem da arte e para o desenvolvimento do pensamento/linguagem presentacional, uma forma diferente do pensamento/linguagem discursivo, que caracteriza as áreas nas

quais domina o discurso verbal, e também diferente do pensamento científico presidido pela lógica. (BARBOSA, A.M., 2009, p.35)

É na prática que o pensamento toma forma, se apresenta, corporifica. As ideias, sentimentos, o inconsciente ou subjetivo podem ser expressos e se corporificar. Trabalhar diferentes materiais e técnicas permite ao aluno construir um repertório material para dar forma a todo um conjunto de pensamentos que não consegue corporeidade no verbo ou na lógica. Possibilita também compreender melhor o próprio processo criativo do artista, na medida em que vivencia as dificuldades e prazeres na execução de suas ideias. Na escola são comuns os exercícios de construções verbais com base na racionalidade, onde as possibilidades linguísticas são baseadas no verdadeiro ou falso, ou no convencimento através da lógica. Utilizar a linguagem presentacional, que acessa e processa a informação através da imagem, amplia as potencialidades da expressão. No exercício da prática em Artes Visuais toda a carga subjetiva e emocional do aluno pode ser expressa e encontra eco na construção de trabalhos plásticos, ampliando a capacidade de expressão e comunicação.

A leitura, segunda ação sugerida por Ana Mae para uma efetiva aprendizagem em arte, é o ato de ver e refletir sobre sua produção e a produção de outros artistas, baseados na análise de elementos plásticos: ponto, linha, forma, textura, cor, equilíbrio, ritmo e outros. Se, como diz Nunes (2012), a imagem é conhecimento, a leitura de imagens é necessária para a interpretação e compreensão deste mundo. Na leitura o aluno traz sua subjetividade e suas vivências anteriores para uma interlocução com as produções artísticas; quanto mais amplo e rico o repertório de imagens deste estudante, mais significativas serão estas interlocuções; quanto mais diálogos, maior será sua capacidade crítica e de inserção na sociedade a qual está imerso.

O terceiro elemento nesta proposta é a contextualização, os artistas e as obras são apresentados junto a sua época e a sua história, fazendo com que o aluno compreenda que todas as produções artísticas de um povo, são construções culturais e sociais. Franz nos diz que

...as obras de arte são representações socioculturais, tudo o que está na mente dos artistas é reflexo da esfera social circundante. Não existem processos de pensamento (nem obras de arte) totalmente independentes dos contextos de origem. (2012, p. 241)

Diante desta afirmação percebemos que o estudo do contexto sócio/cultural em que o artista viveu e produziu é tão importante quanto analisar sua obra. Este estudo não pretende apenas que os alunos identifiquem determinado período estilístico ou sobre as características artísticas de uma época, o conhecimento histórico situa a produção artística como produto cultural de um povo, resultado de suas relações sociais. Entender em que contexto estas produções foram produzidas, o homem que as produziu, suas motivações e mesmo as relações entre o poder e as manifestações artísticas, estabelecendo e compreendendo estas relações de poder, cultura, homem, produto contribui para a formação completa em arte.

Diante destas três ações Schlichta resume bem a especificidade da aprendizagem de arte quando nos diz,

A arte é sobretudo atividade criadora, produção de objetos que requerem sentidos estéticos para a sua fruição, cujos significados humanos precisam ser apreendidos pelos outros homens. Um objeto artístico é portador de diferentes *valores e significados*, nesse sentido é um meio de conhecimento da vida humana, de humanização ou enriquecimento dos sentidos humanos necessários à superação da conformação ou robotização inerente ao modelo de nossa sociedade. (2012, p. 302).

Estes objetos, expressão da atividade criadora humana, apresentam diversas formas, ocupam diferentes espaços e são construídos em várias técnicas. No contexto de atividade estética, portadora de significados e sentidos, encontramos entre as diversas construções artísticas as histórias em quadrinhos. Esta forma de expressão artística demanda um olhar sensível, crítico, reflexivo, dentro de uma contextualização histórico-social, e apresenta particularidades na sua construção e apreensão. Uma linguagem que utiliza o verbo e a forma de maneira integrada, uma narrativa gráfica que abre

espaço para o leitor como coautor das histórias, diferente de outras formas de artes visuais em que o observador das imagens apenas apreende o que o artista propôs.

3.3 Das Histórias em Quadrinhos

Nas histórias em quadrinhos o papel do leitor vai além da simples leitura de imagens e textos, é necessário que ele estabeleça a relação entre estes dois signos e indo além, é exigido que ele preencha o espaço da calha/sarjeta (espaço entre um requadro e outro, o requadro é o contorno do quadrinho), complementando a história que está subjetivada nos espaços entre os quadros. A leitura de uma HQ compreende uma participação do leitor além da mera decodificação de letras e formas, ele precisa também compreender alguns elementos que são específicos desta linguagem, a exemplo dos balões (estruturas, com formas variadas que indicam o que, como e quem está falando), onomatopeias (palavras que representam um som), metáforas visuais (representam o estado psíquico do personagem mediante imagens, ex.: estrelinhas de dor, lâmpada quando o personagem teve uma ideia, corações quando está apaixonado e outros) e linhas de movimento (ou linhas cinéticas, traços que indicam o movimento do personagem ou de um objeto em deslocamento, geralmente são duplos e paralelos), a compreensão destes elementos perpassa pelo letramento e conseqüente imersão e compreensão dos códigos sociais dominantes.

Encontro entre leitores frequentes de histórias em quadrinhos aquelas pessoas que desconhecem a completude dos significados dos seus elementos específicos. É comum encontrar entre estes leitores o desconhecimento sobre a verdadeira função de alguns balões, outros não percebem as linhas de movimento, há ainda os que não conseguem estabelecer a relação entre onomatopeia e som. A leitura destas histórias privilegia, muitas vezes, apenas a leitura dos seus textos. É necessária uma educação dos códigos específicos desta linguagem artística, que contemple a compreensão e o

exercício prático destes. O exercício prático habilita o aluno na compreensão e na utilização dos mesmos como forma de comunicação ou forma de expressão.

Encontrei algumas bibliografias e estudos sobre a utilização das HQ em sala de aula, e de maneira geral estes autores discorrem sobre os benefícios e potencialidades na utilização desta linguagem na sala de aula.

Vergueiro (2004, p. 22-24) afirma que os quadrinhos são um importante recurso didático, aumentam a motivação dos estudantes para os conteúdos desenvolvidos em sala; a aprendizagem é mais eficiente quando usamos palavras e imagens juntas; ajudam no desenvolvimento do hábito da leitura; ampliam o vocabulário dos alunos; podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema; o caráter elíptico desta linguagem obriga o leitor a pensar e imaginar. O autor vai além e indica possíveis usos dos quadrinhos em sala de aula:

...para introduzir um tema que será desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito apresentado, para gerar uma discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma ideia, como uma forma lúdica para tratamento de um tema árido ou como contraposição ao enfoque dado por outro meio de comunicação." (VERGUEIRO, 2004, p. 26).

O autor apresenta as histórias em quadrinhos como facilitadora para o desenvolvimento de diversos conteúdos, sugerindo a incorporação desta linguagem nos processos didáticos, devendo ser utilizada por todos os componentes curriculares na Educação Básica. Para que o uso das HQ em sala de aula seja consolidado e ampliado é importante que os professores se apropriem das especificidades desta linguagem, conhecendo seus elementos, seus diversos gêneros, para utilizá-los de maneira mais eficaz, de acordo com seus objetivos de aprendizagem. O uso de um novo recurso em sala de aula, seja ele qual for, necessita uma compreensão de suas especificidades e potencialidades, desta maneira o professor poderá desenvolver estratégias que melhor atendam as particularidades da sua turma no que concerne a apreensão de conteúdos, habilidades e competências.

As histórias em quadrinhos são amplamente estudadas em diversas áreas, mas ainda carecem de propostas no ensino de arte, como afirma Mendonça,

“Apesar de a maioria das pesquisas relacionadas aos quadrinhos estarem relacionadas à área de comunicação – principalmente no âmbito da linguística e da semiologia - seu caráter artístico e estético ainda é pouco explorado na área acadêmica. Além das possibilidades conhecidas e usualmente utilizadas das HQ tais como recursos didáticos, análise de conteúdo e forma, utilização em livros didáticos, identificação projetiva de personalidade através das personagens, entre outras, os quadrinhos ainda tem um amplo espaço a ser explorado no âmbito escolar – principalmente nas aulas de Arte – como uma modalidade artística, sendo uma opção na qual o estudante trabalhe conceitos do ensino de Arte” (2008, p. 40-41).

Nas poucas publicações sobre o assunto: história em quadrinhos e arte, as orientações apresentadas dão conta de explorar os elementos plásticos específicos das representações visuais presentes nas histórias em quadrinhos; utilizando esta forma de expressão para desenvolver habilidades específicas das artes visuais como: domínio da perspectiva e da anatomia humana, uso da luz e sombra para criar volumes, texturas, entre outras. Esta sugestão de uso das HQs foi muito utilizada na escola tradicional da primeira metade do século XX, conforme os PCN,

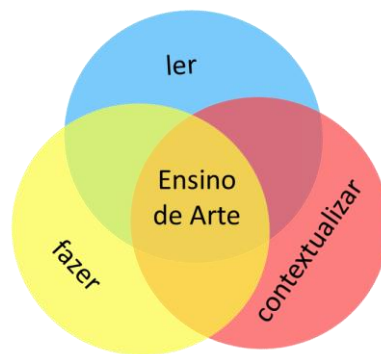
Os professores trabalhavam com exercícios e modelos convencionais selecionados por eles em manuais e livros didáticos. O ensino de Arte era voltado essencialmente para o domínio técnico, mais centrado na figura do professor; competia a ele “transmitir” aos alunos os códigos, conceitos e categorias, ligados a padrões estéticos que variavam de linguagem para linguagem mas que tinham em comum, sempre, a reprodução de modelos. (BRASIL, 1998a, p.25)

Minha percepção é que o ensino de arte deve trabalhar com as histórias em quadrinhos a partir de suas especificidades enquanto objeto e técnica artística, e a principal delas é a possibilidade de trabalhar o texto e a imagem de maneira complementar. No exercício de construção de HQs, é necessário trabalhar com o aluno esta percepção de que a união da forma com o verbo amplia nossa capacidade comunicativa. O domínio dos elementos constitutivos, específicos das histórias em quadrinhos habilita o estudante a

imersão em seu meio social, percebendo melhor as mensagens divulgadas pelos meios culturais, ampliando sua visão crítica sobre o meio que está inserido.

Quando penso o ensino de arte, a inclusão da linguagem presente nas histórias em quadrinhos é primordial para a construção de um ser social, participativo, consciente e crítico da sociedade em que vive. Pensando na proposta triangular (figura 3), de construção de conhecimento em arte, onde encontramos o fazer, a leitura e a contextualização imbricadas, as possibilidades de utilização desta linguagem se ampliam.

Figura 3 – Proposta triangular



Fonte: A autora

Como linguagem, é preciso uma alfabetização dos seus elementos constitutivos: balões, onomatopeias, sarjeta ou calha, requadro, metáforas visuais, linhas de movimento, planos de enquadramento, mesmo que alguns destes elementos sejam compartilhados por outras linguagens artísticas, a exemplo dos planos de enquadramento que são utilizados pelo cinema e pelas HQs. Esta alfabetização deve acontecer no exercício prático destes elementos.

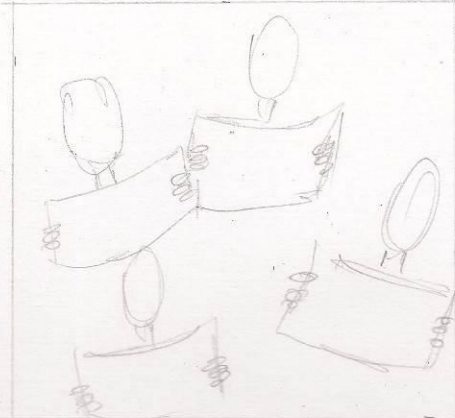
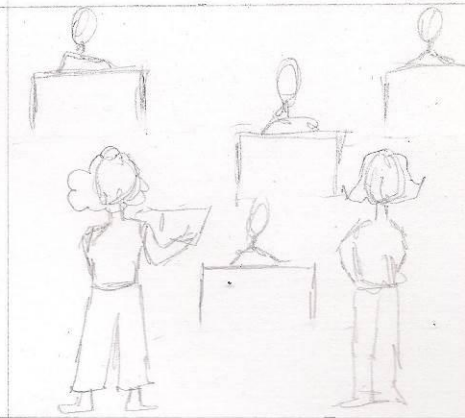
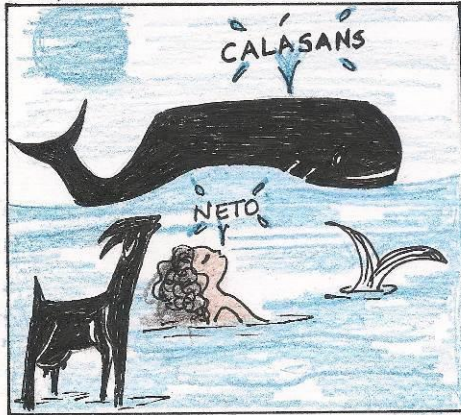
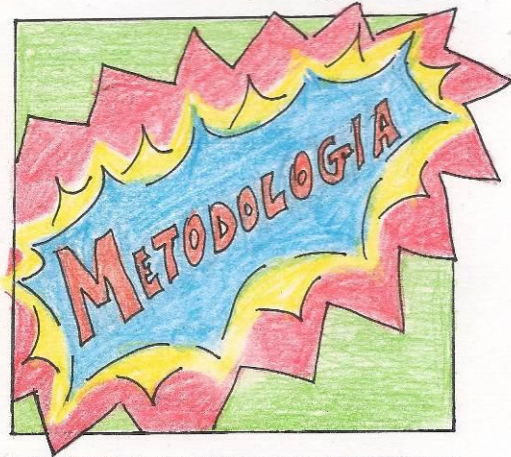
A leitura de suas produções e das de outros colegas ou artistas, traz a ampliação da percepção visual, da interlocução, da compreensão de si, do outro, do seu meio. Para efetivar a leitura é necessário conhecer os elementos que constituem esta linguagem, percebê-los em diversas produções, suas rupturas, sua sistematização,

compreendendo as possibilidades expressivas, de transmissão de informação, ampliação de conteúdos e a subjetividade expressa nestas construções.

A contextualização nasce do conhecimento do percurso de desenvolvimento das histórias em quadrinhos, da sua origem aos tempos atuais, conhecendo as diferenças de gêneros e estilos e suas relações com o meio sociocultural em que foram geradas.

Percebo que além de uma proposta de trabalho pedagógico interdisciplinar, o produto é em si um objeto interdisciplinar. A leitura e a produção das histórias em quadrinhos demandam a interlocução com vários campos de saber, sua potencialidade na educação básica beira ao ilimitado, mas para que possamos usufruir de todas as possibilidades criativas, construtivas e expressivas desta linguagem, precisamos conhecê-la bem, conhecer seus códigos. Enquanto forma de expressão artística ela carrega outro elemento bem particular que permeia o campo das artes, o caráter ilimitado de eterna reinvenção. Como em todas as formas artísticas os limites são delineados pela imaginação criadora do artista, do fazedor, do criativo ou da tecnologia disponível no momento.

A HISTÓRIA



4. A MODERNIDADE DAS CABRAS E BALEIAS

O que é Modernismo, Moderno? Se, para a História, o Mundo Moderno foi forjado a partir das crises do Sistema Feudal, das Grandes Navegações, da consolidação do poder absoluto dos reis e transição para o Sistema Capitalista, na Arte o Modernismo aconteceu muito mais tarde e pôs em dúvida tudo que era arte até então.

Era inevitável que o nascimento da tecnologia industrial, colocando em crise o artesanato e suas técnicas refinadas e individuais, provocasse a transformação das estruturas e da finalidade da arte, que constituía o ápice e o modelo da produção artesanal. A passagem da tecnologia do artesanato, que utilizava os materiais e reproduzia os processos da natureza, para a tecnologia industrial, que se funda na ciência e age sobre a natureza, transformando (e frequentemente degradando) o ambiente, é uma das principais causas da crise da arte. (ARGAN, 1992, p. 14/17)

Claro que antes do Modernismo aconteceram muitas mudanças na Arte, uma nova técnica que surgiu, um suporte novo que apareceu, tentativas de imitar a natureza, uma valorização do divino, revalorização da antiguidade greco/romana; mas a grande mudança na forma de pensar e construir Arte aconteceu em meados do século XIX, início do século XX. Foi neste período que as técnicas, os modos, os materiais, o pensamento sobre o objeto artístico e a própria conceituação de Arte mudou. Este período ficou conhecido como Arte Moderna, essas mudanças alteraram o modo de produzir, pensar e consumir Arte.

É com o Modernismo que a Arte perde a finalidade de imitar a natureza e representar fatos históricos. As possibilidades de interação entre observador e a obra se ampliam; a partir do modernismo, o observador precisa empregar sua subjetividade na análise das obras, interagir e interpretá-las a partir de seus conhecimentos sobre cores, linhas, formas, trazendo todo seu repertório de imagens para compreender a criação. Se antes o máximo de esforço era julgar se a pintura apresentada estava representando com realismo a natureza e o ser humano e se o tema tinha sido bem interpretado, agora o

observador precisa se deixar envolver pela obra, utilizando sua subjetividade para dialogar com ela.

4.1 A modernidade no Brasil e na Bahia

O Modernismo tardou a chegar ao Brasil e demorou mais um pouco para aportar na Bahia. Na Europa o modernismo surgiu no século XIX, Paris se transformou na capital artística da Europa, seguindo o exemplo de Florença no século XV e Roma no século XVII. Segundo Gombrich (1999, p.503), é no século XIX que o artista vai poder expressar sua personalidade em suas obras. Mas o modernismo que se desenvolve durante o século XIX na Europa somente iria chegar ao Brasil, inicialmente em São Paulo, em 1913 com a exposição do lituano Lasar Segall (1891-1957), que apresenta ao Brasil o expressionismo alemão (BARDI, 1977, p.194).

Após retornar de uma temporada de estudos na Alemanha, Anita Malfatti (1899-1964) foi a primeira brasileira a expor quadros modernos no Brasil, com trabalhos expressionistas. Esta exposição, realizada em São Paulo, fez com que intelectuais e artistas se reunissem para defender a pintura, criticada por Monteiro Lobato (1882-1948), e organizassem a Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo. O evento reuniu artistas de várias linguagens que defendiam a modernização das artes no Brasil, e em três dias no Teatro Municipal aconteceram exposições, apresentações de música, dança, leitura de textos e poesia.

Mas não são apenas os paulistas que se articulam para introduzir o modernismo em nosso país. Vários artistas em todo o Brasil trabalharam para que o modernismo fosse aceito e reconhecido pelos brasileiros.

Quem se assusta com a defasagem do tempo que o Modernismo levou para chegar à arte baiana, se esquece de que nada mais tinha se modernizado ao

ritmo suave da nossa doce vida até a Segunda Guerra Mundial aportar aqui com o uísque, a coca-cola, o chiclete e o *jitterbug* dos soldados americanos. Mudaram os nossos hábitos e nossa maneira de encarar a vida num mundo que, de repente, se fazia menor. Não há como separar arte e vida, uma é decorrência da outra. (MATOS, 2010, p. 19)

Em Salvador, em 1932, há uma tentativa de introduzir o modernismo pelo pintor baiano José Guimarães (1899-1969), que, ao retornar da Europa após estudar em Paris, realiza uma exposição no prédio do jornal A Tarde, mas não consegue o reconhecimento do público nem a integração com os colegas artistas.

A partir da segunda metade da década de 1940, os moradores da capital baiana encaram um ritmo de vida mais acelerado, e várias personalidades se envolvem na revitalização da Educação, Arte e Cultura no Estado da Bahia. Em 1944 foi realizada uma exposição com artistas modernos brasileiros, com obras de Tarsila do Amaral (1886-1973), Bonadei (1906-1974), Lasar Segall, Portinari (1903-1962), Di Cavalcanti (1897-1976), Goeldi (1895-1961) e outros, organizada pelo artista e escritor paulista Manuel Martins (1911-1979), na Biblioteca Pública do Estado, sem uma significativa acolhida por parte da população da cidade. No mesmo ano, no Instituto Brasil-Estados Unidos aconteceu uma exposição com os modernistas baianos Mario Cravo Júnior (1923), Carlos Bastos (1925-2004) e Genaro de Carvalho (1926-1971) e outros artistas, que também não teve muita repercussão. (MATOS, 2010, p. 20).

Esta primeira geração de artistas modernos baianos, surgida na década de 1940, se reunia no ateliê de Mário Cravo Júnior, recém-chegado dos Estados Unidos, na ladeira da Barra, com artistas de várias partes do Brasil e do Mundo. Lá poderíamos encontrar o sergipano Jenner (1924-2003), o paranaense Poty (1924-1998), o alemão Hansen (1915-1978), o carioca Pancetti (1902-1958), o argentino Carybé (1911-1997), os baianos Carlos Bastos, Rubem Valentim (1922-1991), Mirabeau (1911-1993) e Genaro de Carvalho. Estes artistas “pela primeira vez, mostraram a cara da gente baiana e sua forma de viver, chamando atenção para a rica herança étnica do nosso povo e seus costumes, usos e crenças...” (MATOS, 2010, p. 24). Com foco na cultura baiana, estes

artistas conseguiram, aos poucos, reconhecimento nacional e internacional e ficaram conhecidos como Geração 40.

A luta contra a tradição acadêmico-realista da arte que predominava no gosto da sociedade baiana na década de 1950 encontrou suas primeiras zonas de conflito no batalhão de modernistas que atuou na primeira geração e introduziu mudanças significativas nas artes plásticas, abraçando um regionalismo que apontava como temas o modo de vida e o universo cultural da faixa economicamente pobre e socialmente relegada da população (operários, lavadeiras, feirantes, prostitutas etc.). Essas modificações sacudiram a mentalidade modorrenta e pouca afeita a renovações da sociedade e uma segunda frente de batalha se deu, de igual forma, com a adoção da linguagem abstrata por um grupo de representantes da segunda geração modernista do Estado, a postos em suas guaritas a partir do início da década de 1960. (MIDDLEJ, 2008, 98-99).

Esta segunda geração teve a liderança do artista plástico baiano Juarez Paraiso, que, à frente da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (EBA-UFBA), estimulava os alunos a buscar novas formas de expressão e conhecer a Arte produzida nos Estados Unidos e Europa. Desta geração são os artistas Juraci Dórea (1944), Eckenberger (1938), Emanuel Araújo (1940), Chico Liberato (1936), Sante Scaldaferrri (1928-2016) o próprio Juarez e Calasans Neto.

4.2 Calasans Neto - O príncipe de Itapuã

Nascido em 11 de novembro de 1932, José Júlio de Calasans Neto se destacou nas artes visuais desenvolvendo trabalhos em gravura, técnica que dominou com maestria e onde introduziu algumas inovações como o uso do compensado e do acrílico como matrizes de suas gravuras, e as matrizes pintadas como trabalho final.

Aos oito anos de idade teve poliomielite, na escola precisou de aulas de reforço para avançar nos estudos. Já no ensino médio se envolveu com vários colegas-artistas: Glauber Rocha (1939-1981), Fernando da Rocha Peres (1936), Paulo Gil Soares (1935-2000), Carlos Teixeira Gomes (1936) e outros; juntos promoveram, com a ajuda de

alguns professores, a Jogralesca, espetáculo de poesia teatralizada; as apresentações receberam muitos elogios e muitas críticas e após cinco apresentações foram encerradas sob protesto de vários intelectuais.

Aos 14 anos conheceu o artista plástico paulista José Pancetti pintando no Farol da Barra; se aproximou do artista e iniciou uma amizade. A partir deste primeiro contato resolveu vender sua coleção de selos e comprou tintas, telas e um cavalete usado. Decidiu que sua primeira experiência seria pintando paisagem ao ar livre e foi ao Dique do Tororó para pintar. Não conseguiu se concentrar, “as pessoas jogavam cascas de frutas, bolinhas de papel, ficavam em volta dando palpites.” (FRAGA, 2007, p. 47).

Figura 4 - Calasans Neto em uma apresentação da Jogralesca



Fonte: FRAGA, 2007.

Logo depois desta experiência conheceu Genaro de Carvalho, artista baiano recém-chegado da Europa que pintava um mural no Hotel da Bahia. Calasans ao ler a notícia em um jornal resolveu ir conhecer o artista. Conversando com ele foi convidado a trabalhar em seu atelier; lá encontrou a tranquilidade que precisava para pintar. Fez um

curso livre na Escola de Belas Artes, ministrado por Mario Cravo Júnior, e descobriu sua paixão pelas gravuras.

Contudo Calasans não é reconhecido apenas por seu trabalho com gravuras, desenvolveu trabalhos em pintura, cenografia, desenho e ilustração. Em 1957, foi criada por Calasans, Fernando da Rocha Peres, Glauber Rocha e Paulo Gil Soares, a Edições Macunaíma, uma editora alternativa para divulgar as produções do grupo e de outros autores que não tinham acesso a grandes editoras. Estas produções tinham características bem definidas: produções artesanais, alto padrão gráfico, tiragens limitadas e baixo custo de produção. Acreditava que “a arte gráfica é a preservadora de todas as formas de arte.” E que a “ilustração era recriação do tema proposto pelo autor.” (FRAGA, 2007, p. 50). Na cenografia, começou como cenógrafo oficial da Jogralesca, depois fez cenários para os espetáculos da Escola de Teatro da UFBA e o Teatro dos Novos; são destaques os cenários de Deus e o Diabo na Terra do Sol, de Glauber Rocha, e Eles Não Usam Black-Tie, de Gianfrancesco Guarnieri (1934-2006).

Em seus trabalhos podemos encontrar como temática: paisagens, casarios, saveiros, pássaros, igrejas, faróis, frutas nordestinas (mangas, cajus, pinhas e jacas); os temas religiosos e os retratos eram criados para presentear um amigo ou parente. Nas gravuras ele foi da abstração à figuração, e é reconhecido como um dos grandes mestres desta arte.

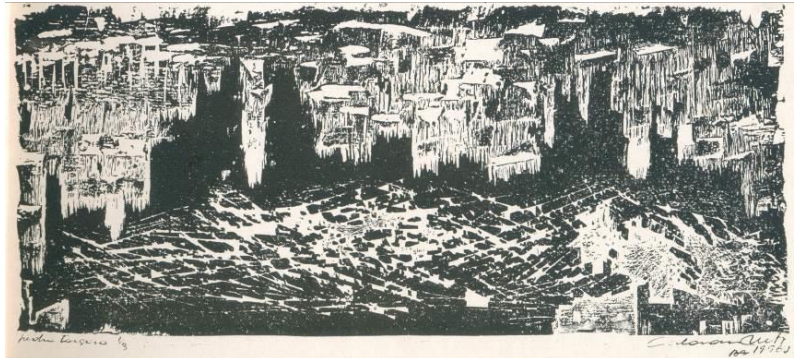
O trabalho abstrato de Calasans Neto tem como ponto de partida texturas livres que formam superfícies diferenciadas entre si. Os contrastes no entrelaçamento dessas áreas negras com as texturizadas criam dramáticas ambientações semelhantes às que se podem observar em formações rochosas (Figura 5), processo que evidencia a abstração como resultado de estilização formal a que o artista submete as formações rochosas (rochas das praias, as grutas, as ondas quebrando nos arrecifes etc.). O artista deixa entrever esse vínculo nos títulos das obras. Um exemplo que evidencia essa estilização formal é uma imagem que compõe o álbum Taigara (Figura 6), na qual é mais nítido o ponto de partida do artista para a estilização, almejando alcançar uma formulação abstrata. (MIDDLEJ, 2008, p.115).

Figura 5 - Gravuras abstratas de Calasans Neto



Grande gruta, 1962.

Figura 6 - Gravuras abstratas de Calasans Neto



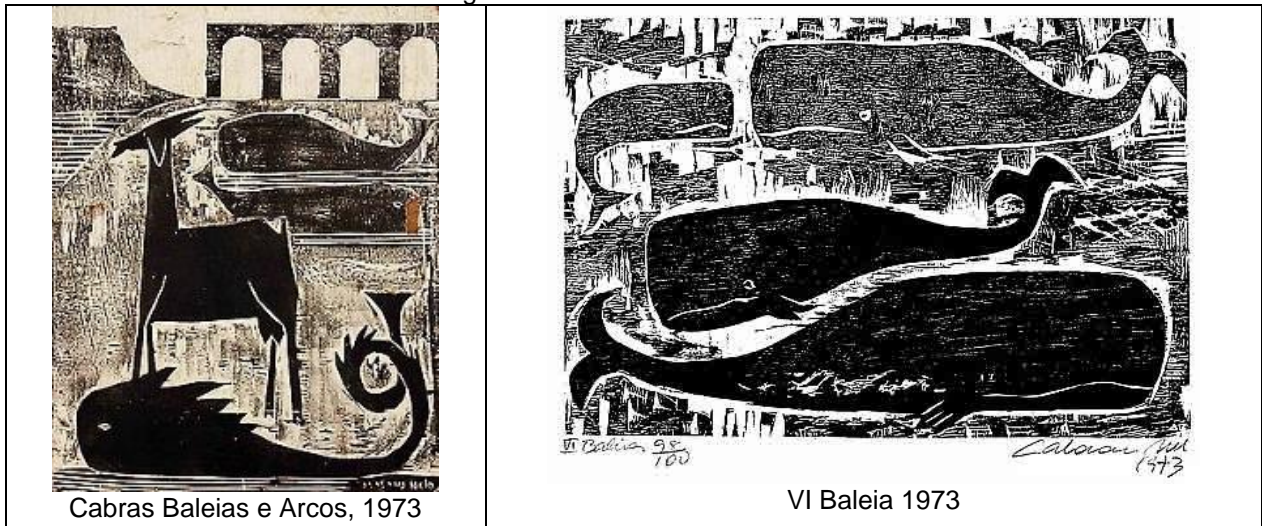
Pedra de Taigara, 1964.

Fonte: Dicionário Manuel Querino de Arte na Bahia²

Após a fase abstrata ele retoma a figuração na construção de casarios e paisagens, mas as figuras da cabra e da baleia (figura 7) tinham um lugar especial em suas criações. Sobre as cabras ele afirmou “(...) eu via a cabra como plano de invenção ilimitado, com sua angulosidade de formas. É plasticamente mais rica e, como vida, é um símbolo viril lutando sozinha contra tudo e contra todos. E vence.” (FRAGA, 2007, p. 24). Para Calasans as cabras representavam a resistência ao sertão, força e valentia. Já as baleias simbolizavam a riqueza, a fertilidade, o mar.

² Disponível em: <<http://www.dicionario.belasartes.ufba.br/wp/verbete/abstracao-na-bahia-parte-2/>>. Acesso em: 29 fev. 2016.

Figura 7 - Gravuras de Calasans



Fonte: FRAGA, 2007.

Brincando com cores e formas, Calasans se apropriou tanto da técnica da xilogravura que a transgrediu, inserindo a madeira compensada como matriz, e depois transformando a matriz em obra única,

“As matrizes começaram a ser enriquecidas, com o aumento da espessura dos cortes e o aumento dos relevos, passando à categoria de entalhes com características de técnica híbrida, misto de pintura e escultura. Ampliadas significativamente as dimensões, Calasans os elevou à categoria de painéis, encontrados em vários locais públicos de Salvador. Nestes painéis, como nas matrizes, a cor é de superfície, chapada, principalmente pelo emprego do rolo de impressão xilográfica.” (FRAGA, 2007, p. 136).

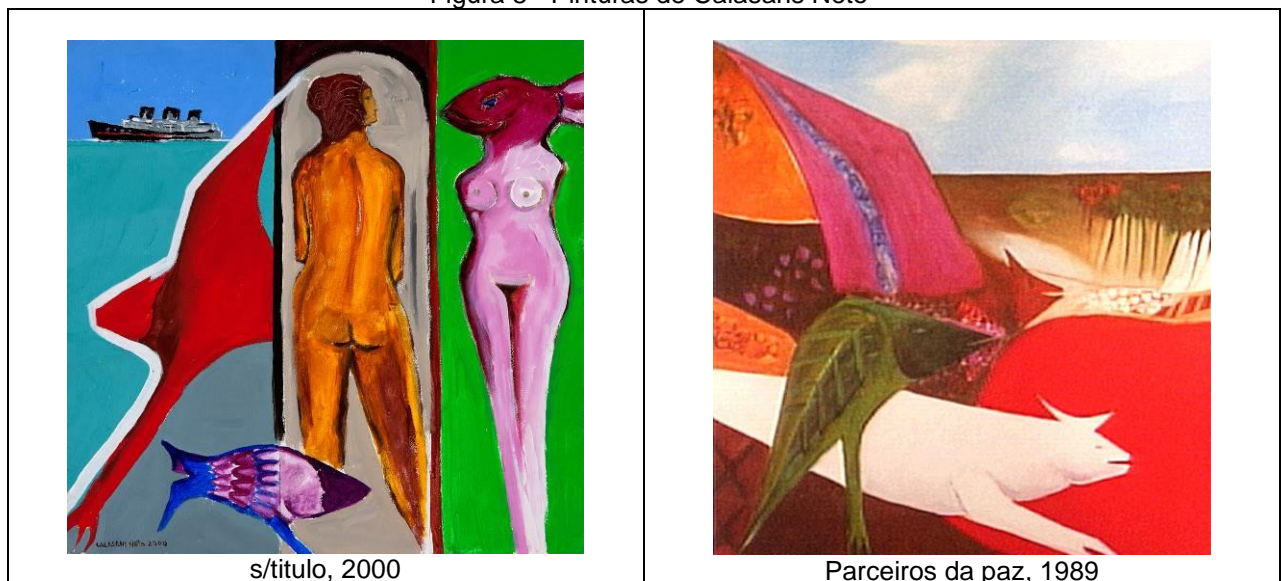
Trabalhou com gravura em metal. Descobriu as possibilidades expressivas da placa de acrílico como matriz marcando-a com os mesmos materiais utilizados na construção da matriz em metal, a descoberta veio meio ao acaso como o próprio Calasans relata em entrevista concedida a Brito e Matos em 1999:

“Trabalhava com cobre e aí descobri, por um acaso, que fazendo o mesmo trabalho em folha de acrílico como esta (exibiu uma placa de acrílico) ela oferecia a mesma resistência da folha de cobre. Esta é uma nova experiência

que eu vou começar a divulgar antes que apareça algum pai para a criança. Em acrílico a gente trabalha melhor porque o material é mais maleável. Na outra, a de cobre, posso usar ácido, mas nessa placa você não pode porque é acrílico”.

Na pintura ele deu forma aos contos e lendas de Itapuã, criou uma mitologia baseada nas lendas que ouvia, com seres e personagens que atestavam sua criatividade. Seu trabalho em pintura (figura 8) é muito diferente plasticamente das gravuras, se nestas a própria técnica exige formas com contornos mais simples, na pintura as cores luminosas em elegantes variações tonais enriquecem uma narrativa envolvendo seres metamorfoseados, Calasans reconstrói animais e seres mitológicos, ele nos diz: “A metamorfose é sedutora por não ter sido geográfica, vai crescendo, tomando dimensões na sua imagem e sendo desdobrada. Quando bulo com a figura mística da sereia, por exemplo, uso a visão grega da sereia alada. É uma mitologia minha”. (FRAGA, 2007, p. 28).

Figura 8 - Pinturas de Calasans Neto



Fonte: FRAGA, 2007.

Sempre convivendo com grandes artistas de sua época, Calasans foi citado por Jorge Amado (1912-2001) em seus livros *Dona Flor e Tenda dos Milagres*. Reconhecido por

seu bom humor, sua casa em Itapuã era reduto dos artistas que apelidaram sua casa de Principado de Itapuã. Faleceu em Salvador, em 30 de abril de 2006.

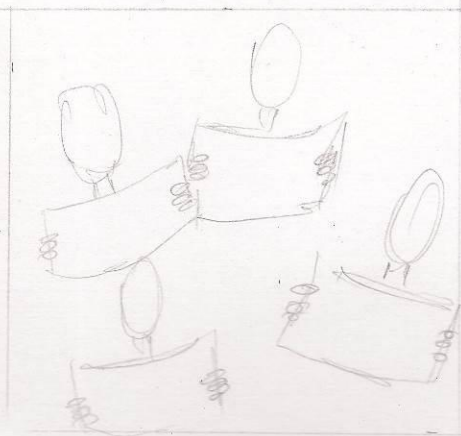
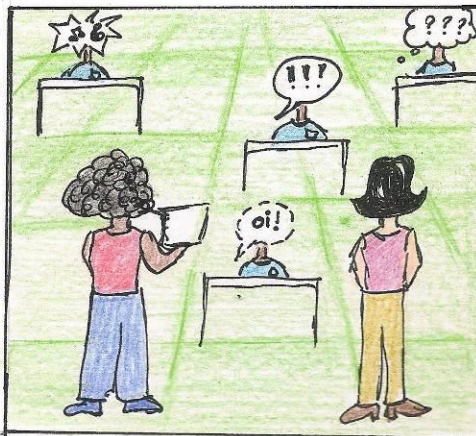
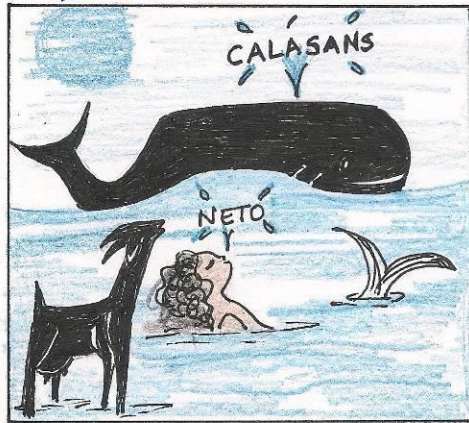
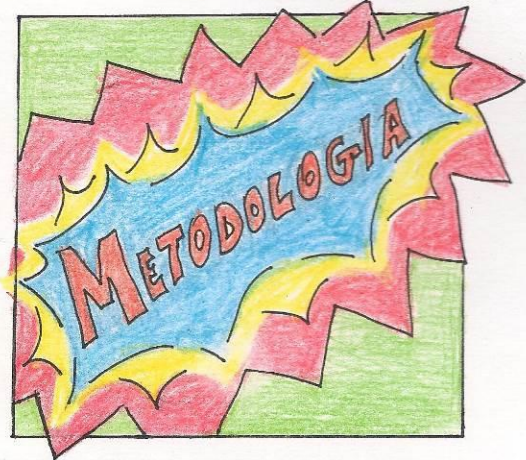
A modernidade no trabalho de Calasans se estabelece na representação de suas figuras sem a preocupação de representá-las exatamente iguais à realidade. Explorando linhas e texturas ele reconstrói a natureza; seus animais e construções arquitetônicas resignificam nosso mundo deixando o plano da representação figurada, e assumem a categoria de signos, detentores de inúmeras possibilidades comunicativas. Suas imagens transcendem nosso conhecimento e nos instigam a construir outros entendimentos.

Explorando todas as potencialidades da técnica da gravura e extrapolando seus parâmetros tradicionais, ao explorar novos materiais como matriz e trabalhando os suportes de diferentes maneiras, este artista apresenta e valoriza aspectos da nossa cultura, justificando desta maneira sua escolha para mediar este estudo. Suas imagens apresentam e valorizam aspectos da nossa cultura e abrem a possibilidade de um diálogo com o observador.

Cabe registrar que as artes baianas seguem apresentando artistas que se destacam no cenário nacional e internacional, divulgando nossa cultura. Podemos destacar Mario Cravo (1947-2009), Bel Borba (1957), Guache Marques (1954), Sergio Rabinovitz (1955), César Romero (1950), Viga Gordilho (1953), Maria Adair (1938), Sonia Rangel (1948), Graça Ramos (1948), Ramiro Bernabó (1947), Leonel Mattos (1955), Márcia Magno (1946), Gil Mário (1947), Ayrson Heráclito (1968), Zau Pimentel (1963), e muitos outros.

No próximo capítulo veremos como aconteceu esta interlocução entre Calasans Neto, os alunos e as histórias em quadrinhos.

A HISTÓRIA



5. A CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Neste capítulo apresento as intervenções realizadas para desencadear o processo de criação e produção dos alunos, um esboço construído a cada semana, diante dos questionamentos dos alunos, das observações, das contribuições da Professora Maria Freitas, das interlocuções com outros autores. Este texto demonstra que as intervenções em sala de aula são rascunhos cheios de potencialidades, são rabiscos sempre passíveis de novas intervenções, e ao serem concluídos abrem novos caminhos para outras possibilidades.

No ano de 2015 entrei em contato com o Colégio Estadual Bento Gonçalves, conversei com a diretora, expus o projeto de pesquisa e o interesse em trabalhar com os alunos desta escola. Durante minhas visitas retomei o contato com antigos colegas, a Professora Maria Freitas me convidou para desenvolver um trabalho de Língua Portuguesa e Arte, combinamos de nos encontrar na jornada pedagógica do ano de 2016 para pensarmos este projeto.

No início do ano letivo de 2016, entrei em contato com Maria e começamos a pensar a minha participação nas suas aulas. A proposta da escola era fazer um trabalho diferenciado com as turmas do 6º ano, incentivando a leitura e desenvolvendo as competências leitoras destes alunos, me animei e iniciei a parceria. Como o objetivo do componente Língua Portuguesa era trabalhar a leitura, pensamos em ampliar este conceito e trabalharmos a leitura verbal e imagética, através da construção de histórias em quadrinhos.

5.1 Primeiro semestre

1º Aula 16/02/2016

No primeiro dia de aula com a turma, participei da dinâmica desenvolvida por Maria, que consistia em algumas perguntas que os alunos deveriam responder individualmente, depois os papéis eram trocados, e o colega lia a resposta e o autor se identificava. As perguntas eram: o que você mais gosta? O que você não gosta? Uma qualidade sua, um defeito seu, e o que você quer ser quando ficar adulto? A dinâmica foi interessante porque além de podermos conhecer os alunos, pudemos rapidamente identificar algumas dificuldades de escrita, e perceber que a maioria dos alunos tinha ambições bem interessantes com relação ao seu futuro. Foi surpreendente e encontramos sonhos para ser administrador, pediatra, veterinário; em menor intensidade encontramos alguns cantores, policiais e jogadores de futebol. Percebemos também que a maioria dos alunos não sabia o que era qualidade e defeito e apresentava certa ingenuidade ao destacar a mentira como um dos seus defeitos. De maneira geral, a turma mostrou interesse e respeito pelas regras de participação na brincadeira.

Nesta mesma semana fui para reunião pedagógica da área de linguagens, estavam definindo livros para um projeto de leitura envolvendo toda a escola. Sugeri criar uma “estante aberta” onde colocaríamos livros, revistas, histórias em quadrinhos, jornais; os alunos teriam acesso livre a estes exemplares podendo levar para casa sem a necessidade de registrar, poderiam doar exemplares e seriam leituras livres sem mediações de nenhum professor. As Professoras gostaram da ideia e ficaram de conversar com a direção.

2º Aula 23/02/2016

Comecei a aula perguntando aos alunos se era possível ler imagens, mas não responderam. Expliquei que na leitura juntamos letras para formar palavras e com estas palavras construíamos frases que tinham um significado. Falei que era possível fazer a leitura de imagens, lembrei dos símbolos utilizados nos banheiros e que apenas pelas figuras sabíamos se o banheiro era feminino ou masculino; as placas de trânsito

também são imagens que informam ou proíbem ações; pelo som, falei dos apitos em jogos ou no trânsito que indicam ações que devemos fazer ou erros que foram cometidos; pelo tato, citamos os cegos que se comunicam através da leitura de sinais. Comentei que estamos o tempo todo fazendo leituras visuais de imagens, expressões faciais e corporais e não percebemos. Levei algumas imagens para começar a introduzir as possibilidades de leitura imagética.

Figura 9 - TOULOUSE-LAUTREC. A Dança no Moulin Rouge



Fonte: Wikiart.org³

As imagens (figuras 9, 10 e 11), eram de artistas europeus, que tinha e que apresentavam o tema em comum: “a dança”. Os alunos ficaram impressionados com as obras, queriam saber o nome dos artistas, identificaram outra bailarina no livro didático deles do mesmo artista da figura 11, Degas.

³ Disponível em: <<http://www.wikiart.org/pt/henri-de-toulouse-lautrec/at-the-moulin-rouge-the-dance-1890>>. Acesso em: 11 jun. 2016

Figura 10 - RUBENS. Dança dos Camponeses



Fonte: Wikiart.org⁴

Figura 11 - DEGAS. Bailarina em Frente da Janela.



Fonte: Wikiart.org⁵

A turma estava dispersa, consegui trazer apenas a ideia de que juntando linhas, cores e formas, podemos criar imagens que podem contar histórias, os alunos não mostraram interesse pelo assunto. Neste mesmo dia durante o intervalo entre as aulas, conversei

⁴ Disponível em: <<http://www.wikiart.org/pt/peter-paul-rubens/dance-of-italian-villagers>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

⁵ Disponível em: <<http://www.wikiart.org/pt/edgar-degas/dancer-posing-1878>>. Acesso em: 11 jun. 2016

com Maria as ideias centrais do projeto e planejamos a próxima ação conjunta. Como a turma tinha quatro aulas semanais, nas duas aulas geminadas das terças-feiras, eu desenvolvia o projeto; e nas duas restantes, ela trabalharia conteúdos específicos da disciplina. Sobre o Projeto “estante aberta”, ela pensou em implantar imediatamente com suas turmas de 6º ano, reformando caixotes de feira para disponibilizar os livros na sala e os alunos manusearem livremente.

3º Aula 01/03/2016

Comecei a aula com uma imagem de Carybé (figura 12), que representa uma feira. Nesta primeira abordagem apresentei a obra e pedi aos alunos para dizer o que viam; a turma disse que era uma feira, questionada sobre a localização da feira. Citaram a Feira de São Joaquim.

Figura 12 - CARYBÉ. Sem título.



Fonte: ilikechopim.blogspot.com.br⁶

Outro ponto interessante e que me chamou a atenção foi o galo que aparece na imagem, foi uma imagem que chamou atenção, levantando a hipótese de que não existia um galo com estas cores. Quando um aluno disse que já havia visto um, a turma duvidou e, neste momento fiz uma pequena intervenção no sentido de que o fato de eu nunca ter visto “algo”, não significava que o outro estava mentindo ou que aquilo não existia; acrescentei a importância de ampliar o conhecimento, o que aumentaria nosso

⁶ Disponível em: <http://ilikechopim.blogspot.com.br/2015_05_01_archive.html>. Acesso em 29 fev. 2016

repertório de imagens, um conjunto de imagens que cada pessoa traz de figuras que ela viu anteriormente. Com relação às cores precisei explicar sobre cores primárias (azul, vermelho e amarelo), secundárias (laranja, verde e roxo) e terciárias; na perspectiva de cor pigmento, as cores resultantes de materiais corantes, que misturados a aglutinantes formam as tintas que utilizamos para colorir os trabalhos artísticos.

Apresentei a imagem de Genaro de Carvalho (figura 13), mas eles não perceberam a geometrização das formas e o contorno preto, mas destacaram os diferentes verdes presentes na obra, ao qual fiz referência às cores terciárias.

Figura 13 - GENARO DE CARVALHO. Sem título.



Fonte: <http://www.skinnerinc.com>⁷

Conseguiram identificar a figura 14 e 15 como sendo respectivamente de Carybé e Genaro. As imagens e os artistas não foram escolhidos aleatoriamente. O primeiro critério foi escolher modernistas baianos que trabalhavam com imagens, cores e formas que representam nossa cultura. Segundo, escolher as imagens por sua estética. Como queríamos trabalhar a percepção visual e construir o conceito de estilo, escolhemos imagens que representam uma fase específica do trabalho dos artistas, para reforçar a

⁷ Disponível em: < <http://www.skinnerinc.com/auctions/2655B/lots/538>>. Acesso em 29 fev. 2016.

ideia de estilo. O objetivo da aula foi fazer com que os alunos compreendessem que existe uma maneira particular de cada artista organizar elementos nas composições. A partir de elementos básicos: cores, linhas, texturas e formas, os artistas conseguem construir uma poética própria.

Figura 14 - CARYBÉ. Bahia.



Fonte: artodyssey1.blogspot.com⁸

Figura 15 - GENARO DE CARVALHO. Casario e Vegetação Tropical.



Fonte: anadolabela.tumblr.com⁹

⁸ Disponível em: <<http://artodyssey1.blogspot.com.br/2012/11/carybe-hector-julio-paride-bernabo.html>>. Acesso em 29 fev. 2016.

⁹ Disponível em: <<http://anadolabela.tumblr.com/post/119297489832/casario-e-vegeta%C3%A7%C3%A3o-tropical-by-genaro-de>>. Acesso em 29 fev. 2016

Observei certo cansaço na turma, não sei se pelo fato de nossas aulas serem no 4º e 5º horários, ou pela dinâmica e abordagem do assunto trabalhado. Pedi uma pesquisa sobre: Carybé, Genaro de Carvalho, Sante Scaldaferrri, Chico Liberato e Calasans Neto. Os alunos deveriam escolher um desses artistas e pesquisar na internet sobre as suas vidas. Estes pintores fazem parte da primeira e segunda geração de modernistas baianos, um grupo de artistas que passou a representar os costumes e as gentes da Bahia dentro do ideal modernista. Quando solicitei a pesquisa, perguntaram se era uma biografia, confirmei que era biografia, porque Maria já havia trabalhado sobre o conceito de biografia e autobiografia.

Conseguimos duas caixas para implantar nosso projeto de leitura com as turmas do 6º ano e levei para casa para customizar.

4º Aula 29/03/2016

Fiquei três semanas sem ver os alunos. Na primeira foi a aula inaugural na UNEB; na segunda houve Paralisação Nacional da Educação e na terceira, precisei fazer uma viagem a trabalho. Cheguei na escola e tive uma pequena surpresa, o horário tinha mudado; minha turma saiu do quarto e quinto horários para o primeiro e segundo. Cheguei na sala e Maria me pediu para ficar com a turma e falar um pouco sobre texto visual; os alunos tinham realizado pesquisa sobre este assunto e anotado no caderno; falou também da preocupação com o rendimento deles no teste, não conseguiram entender o texto para responder às questões.

Pedi que lessem a pesquisa solicitada por Maria e me explicassem o que entenderam. Leram e não conseguiram explicar. Exemplifiquei através de desenho o que eu achava que era um texto visual, abri o livro e fomos ler uma poesia concreta (poesia onde o artista se preocupa não apenas com o verso, mas também com a organização das palavras no espaço do suporte onde a poesia está escrita.); uma aluna leu e esclareceu o que leu, comentamos sobre a pontuação e intencionalidade na leitura; fiz a leitura

respeitando a pontuação. Animaram-se. Escolhi outra poesia para fazerem a leitura, reli com entonação e fomos trabalhando sobre o entendimento do texto. Pedi que transformassem o texto em um desenho, estabeleci algumas regras: tamanho ofício, todo o papel colorido, não poderiam colocar textos no desenho, técnica livre, nome no verso do papel e o trabalho seria sobre medo, tema da última leitura que fizemos.

Conversamos também sobre pesquisa, que a pesquisa responde a três perguntas: O que, Como e Por que. Falei dos eventos da Rádio e ficaram animados para participar, propus que ao fim do ano escrevessem um texto em equipe sobre um artista baiano do modernismo. Ficaram assustados, contudo ficaram mais tranquilos quando disse que construiríamos juntos os textos. Após a aula conversei com Maria e acertamos que eu iria trabalhar apenas com a turma C. Tentei convencê-la a participar das reuniões da Rádio, e estimular os alunos das outras turmas a fazer pesquisa, ficou animada.

Percebi que minha ausência durante três semanas quebrou o ritmo das intervenções. O planejamento do dia teve que ser adiado. Utilizei os desenhos para orientar as futuras intervenções que faria nas próximas aulas, com o objetivo de ampliar o repertório gráfico e plástico dos alunos.

5º Aula 05/04/2016

Recolhi os desenhos dos alunos sobre Medo, que solicitei dia 29/03. Alguns alunos quiseram mostrar o desenho e falar sobre o medo que desenharam, deixei apresentar seus medos. Recolhi todos os desenhos e fui mostrando um a um, fomos tentando identificar o medo que foi representado, analisando formas e cores (figura 16).

Figura 16 - Composições sobre "Medo"



Fonte: A autora. 2016.

Fui ao mesmo tempo elencando no quadro os diversos medos: ser abandonado, cobras, ratos, fantasmas, barata, monstros, assombração, tubarão, escuro. Mostrei através de um esquema no quadro que de um tema central, no nosso caso o medo, podíamos decompor o tema, chegando aos medos específicos; processo que eles fizeram naturalmente. Destaquei os trabalhos que não estavam dentro dos critérios pré-determinados na aula anterior: não coloriram todo o papel, colocaram texto, colocaram o nome na frente do papel. Os outros critérios foram seguidos pela maioria. Não apareceu nenhum trabalho com a técnica de colagem, a maioria trabalhou com lápis de cor e tinta guache. Perguntei sobre a biografia que tinha pedido para eles realizarem; 18 fizeram sobre Carybé, 6 sobre Chico Liberato, uma aluna sobre Calasans Neto, 6 alunos não fizeram. Perguntei o que descobriram sobre os artistas, deveriam falar sem olhar a pesquisa no caderno, fui anotando no quadro (figura 17) as informações que eles descobriram nas pesquisas.

Figura 17 - Biografia dos artistas

Carybé	Chico Liberato	Calasans Neto
Argentino Pintor Desenhista Escultor Nome verdadeiro: Hector Júlio Paride Bernabó	Baiano Pintor 5 filhos Nome: Francisco	Baiano Gravurista

Fonte: A autora. 2016.

Propus que reproduzissem a biografia do artista com suas palavras, podiam reescrever o texto em formato de carta ou história, lembrando que esta história não podia ter elementos imaginários, já que se tratava de contar a história de uma pessoa real. Critérios para construção do texto: usar uma folha de caderno, colocar cabeçalho, texto em uma página, entrega na próxima semana.

Os trabalhos apresentados sobre medo me permitiram perceber que precisava explorar outras técnicas artísticas além do lápis de cor e da tinta guache, materiais que eles já dominavam.

Levei as caixas reformadas (figura 18) mas não havia livros suficientes para cada aluno das três turmas que Maria lecionava; desta forma apenas uma caixa com todos os livros foi levada no horário das aulas de Língua Portuguesa. Nossa ideia inicial era deixar as caixas na sala de aula em tempo integral.

Figura 18 - Caixas para livros

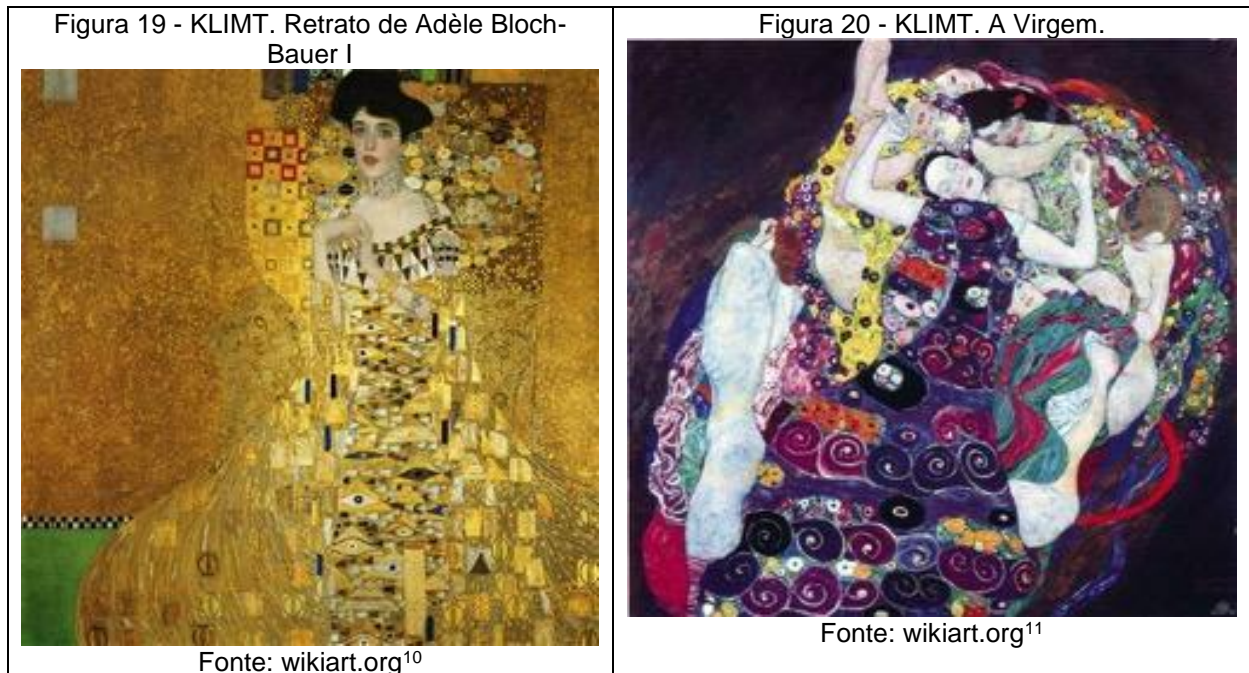


Fonte: A autora. 2016.

6º Aula 12/04/2016

A leitura das biografias foi feita por dois voluntários para cada artista. Algumas biografias foram copiadas da internet outras foram construídas. Levantei e expliquei alguns conceitos que não tinham entendido: bienal, gravura (xilogravura, litogravura, gravura em metal, serigrafia), ilustrador, contemporâneo. Apresentei quatro imagens de Gustav Klimt (figuras 19, 20, 21 e 22), perguntei se foram feitas pelo mesmo artista,

ficaram na dúvida, identificaram rostos e texturas semelhantes nas imagens, mas ficaram na dúvida sobre quais imagens seriam iguais.



Alguns alunos disseram que não conseguiam visualizar devido à iluminação da sala. Pedi que levantassem e observassem as imagens de perto. Após a análise, conseguiram identificar as imagens 19 e 21 como sendo de Klimt. Expliquei que alguns artistas tinham um estilo que mantinham durante toda a sua produção, outros possuíam períodos de produção que apresentavam características semelhantes. Este é o caso de Klimt, os dois trabalhos identificados são da fase dourada dele, os outros dois, figuras 20 e 22, são de outra fase, por isso pareciam de artistas diferentes.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.wikiart.org/pt/gustav-klimt/portrait-of-adele-bloch-bauer-i-1907-1>>. Acesso em: 11 jun. 016

¹¹ Disponível em: <<http://www.wikiart.org/pt/gustav-klimt/the-virgin-1913>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

Figura 21 - KLIMT. O Beijo.

Fonte: wikiart.org¹²

Figura 22 - KLIMT. Retrato de Mada Primavesi.

Fonte: wikiart.org¹³

Partimos para tentar destacar algumas características que eram comuns nas duas obras da fase dourada; identificaram o uso do dourado, da cor aplicada com textura, das formas delimitadas por texturas. Propus que pesquisassem no mínimo duas imagens dos artistas baianos que começamos a estudar (Carybé, Chico Liberato, Calasans Neto), analisassem as obras e identificassem as características das pinturas, criassem um desenho utilizando as características do artista pesquisado. Critérios da atividade: não precisava imprimir as imagens dos artistas, todo o papel colorido, técnica livre, nome no verso. Entrega na próxima semana.

7º Aula 19/04/2016

Comecei a aula colocando no quadro o nome dos artistas pesquisados pelos alunos – Carybé, Chico Liberato e Calasans Neto e pedi que dissessem as características, tema e técnicas utilizadas pelos artistas, que perceberam a partir da análise das obras, (figura 23).

¹² Disponível em: <<http://www.wikiart.org/pt/gustav-klimt/the-kiss-1908>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

¹³ Disponível em: <<http://www.wikiart.org/pt/gustav-klimt/mada-primavesi>>. Acesso em: 11 jun. 2016

Figura 23 - Características dos artistas

Carybé	Chico Liberato	Calasans Neto
<p>Tema: paisagem, capoeira, baiana, cidade baixa, cangaceiros.</p> <p>Elementos gráficos: contornos pretos, cores fortes, sem pescoço, sem face, sem mãos e pés. Animais em cores diferentes da realidade. Sem detalhes na face. Corpo alongado.</p> <p>Técnica: pintura, desenho, escultura, cerâmica.</p> <p>Usa cores: azul, vermelho, preto, amarelo. Todas as pessoas com o mesmo formato.</p>	<p>Tema: animais, aves, nordeste, samba.</p> <p>Elementos gráficos: contorno preto ou branco, cores fortes. Flores, frutas.</p> <p>Técnicas: colagem, pintura, animação.</p>	<p>Tema: animais, árvores, festas, cultura.</p> <p>Elementos gráficos: branco, cores fortes, detalhes.</p> <p>Técnica: xilogravura.</p>

Fonte: A autora. 2016.

Recolhi os trabalhos e fomos tentando identificar qual era o artista que o colega tinha pesquisado e representado. Nesta fase foram muito interessantes as contribuições, ouvi colocações do tipo: não pode ser Carybé porque ele usa cores fortes. Neste caso específico falei que a escolha da técnica pode interferir no resultado, com o uso do lápis de cor é muito difícil a gente conseguir cores saturadas, teria sido melhor colorir com lápis de cera ou tinta guache. Ouvi comentários do tipo, “é Carybé porque ele pinta as coisas com cores diferentes da realidade”, ou “é Carybé porque está sem pescoço”; “ele não desenha os pés e braços”; “é Calasans porque ele só pinta com preto e branco”; “é Chico Liberato, ele copiou este desenho, eu vi na internet”; “este é Chico, mas as cores e a textura estão diferentes”; “é Carybé ele fez muita paisagem de mar”; em poucos trabalhos houve erro na identificação do artista, apesar de eu ficar em dúvida de algumas imagens, os meninos conseguiram identificar a maioria dos trabalhos, justificando com muita propriedade sobre as características dos trabalhos dos artistas.

Ao final da aula pedi que trouxessem para a próxima semana bandejas de isopor e papel ofício, para fazermos uma simulação da técnica de xilogravura, técnica muito utilizada por Calasans. Na figura 24 algumas obras de artistas que consegui identificar na internet e alguns dos trabalhos feitos pelos alunos; em alguns casos, não criaram

desenhos com as características estudadas, mas fizeram cópias; em outros percebemos uma tentativa de inserir elementos, modificar cores, fazendo uma releitura das obras, mas acredito que esta releitura aconteceu de forma intuitiva.

Figura 24 - Criações dos alunos a partir de obras originais.



¹⁴ Disponível em: < <http://reynaldobritoartesvisuais.blogspot.com.br/2013/05/as-aves-de-chico-liberato-voam-no.html>>. Acesso: em 09 mai. 2016.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.pinturasemtela.com.br/carybe-pintor-e-escultor-naturalizado-brasileiro-morreu-em-salvador/>>. Acesso em: 09 mai. 2016.

¹⁶ Disponível em:<<http://www.paulodarzegaleria.com.br/genaro-de-carvalho/>>. Acesso em: 05 jun. 2016



LIBERATO, Chico. Cenas do filme animado 'Ritos de passagem'.
Fonte: jornalgrandebahia.com.br¹⁷



Fonte: A autora. 2016



CARYBÉ, Capoeira na praia, 2003.
Fonte: pinturasemtela.com.br¹⁸



Fonte: A autora. 2016

Tivemos mais três semanas sem aulas. A primeira semana foram de atividades na escola. Na segunda precisei fazer uma viagem a trabalho, aproveitei e deixei com Maria um questionário, apêndice A, para os meninos responderem. Na terceira houve outra paralisação da Educação.

Conversando com alguns colegas que insistem em dizer que os alunos de hoje em dia não leem, eu como mãe, percebo que meus filhos gostam de ler, mas não gostam das leituras indicadas pela escola. Conversando com alguns alunos sobre livros, durante a

¹⁷ Disponível em: <<http://www.jornalgrandebahia.com.br/2014/10/longa-animado-ritos-de-passagem-e-apresentado-em-salvador/>>. Acesso em: 09 Mai. 2016

¹⁸ Disponível em: <<http://www.pinturasemtela.com.br/carybe-pintor-e-escultor-naturalizado-brasileiro-morreu-em-salvador/>>. Acesso em: 09 mai. 2016

oficina de *stop motion*, realizada em 2015, percebi que as alunas liam com frequência e que tinham um discurso bem claro em relação ao conteúdo dos livros. Diante da conversa e de minhas observações, que divergiam da opinião geral, pensei que talvez eu estivesse equivocada quanto aos conhecimentos que meus alunos efetivamente tinham sobre leitura, Arte e quadrinhos. Neste momento surgiu a ideia de aplicar um questionário para saber que tipo de leitura eles faziam, o que nos indicariam os encaminhamentos para ampliar a leitura textual e imagética desses alunos para saber o que conheciam sobre Arte, se lembravam de artistas baianos; a frequência a museus, para pensarmos nas possibilidades de visitar este espaço cultural; o que pensavam sobre a função da Arte; se liam histórias em quadrinhos, quais, o que entendiam por HQs e o que estas representavam. Deste modo poderíamos pensar numa estratégia que ampliasse este conceito e esta percepção sobre HQ; lugares que costumavam frequentar, o que nos apontaria o ambiente cultural que estavam imersos; qual a ideia que formularam ao juntarmos Língua Portuguesa e Arte. Das respostas veríamos como estavam percebendo a ligação entre as duas disciplinas, preferências nas aulas de Arte nos mostrariam que técnicas tinham contato e quais técnicas precisariam ser aprofundadas para um melhor desenvolvimento da arte final nas histórias que seriam construídas pelos alunos.

Dia 17/05/2016

Cheguei à escola e a Secretaria de Educação tinha enviado uma avaliação para ser aplicada com os meninos do 6º ano: 40 questões de português e Matemática. Aproveitei para conversar com Maria sobre o planejamento da 2ª unidade; a escola tinha interesse em um projeto sobre São João – manifestações populares. Recolhi os questionários, devolvi aos alunos os desenhos sobre características dos artistas, que havia recolhido, e relembrei os materiais que iríamos precisar para a atividade da semana seguinte.

Durante esta semana aproveitei para tabular os resultados da pesquisa, esses 30 alunos têm a faixa etária entre 10 e 13 anos e há certo equilíbrio entre meninos 14 e

meninas 16; sendo que a maioria lê livros, textos na internet e histórias em quadrinhos. Sobre os artistas baianos que conhecem, acredito que este dado foi um pouco contaminado, muitos citaram os artistas que estamos trabalhando, mas foi surpresa aparecer os artistas: Gilberto Gil, Jorge Amado, Lázaro Ramos, Lucas e Orelha, entre as respostas alguns citaram artistas que não são baianos. O único aluno que já tinha ido a um museu, não soube dizer o nome deste; fiquei de pensar com Maria a possibilidade de levá-los para visitar um museu de arte.

Quando pensa Arte, a maioria dos alunos lembra principalmente de desenho e pintura, mas surgiram outras técnicas como recorte e trabalhos em argila; materiais como tela e tinta; outras linguagens: música, dança, teatro; e até questões subjetivas como alegria, felicidade, calma, harmonia, cultura, invenções. Sobre a função da Arte, aparece com bastante frequência a prática artística: desenhar, pintar e colorir; mas me surpreendeu a ideia de conhecer artistas e obras, Arte como decoração de escola, como profissão; para fruição: ficar mais alegre, feliz, distrair a mente, se expressar.

Sobre história em quadrinhos, a maioria acha que são histórias com desenho em quadrinhos, ilustrada em diversos quadrinhos, contada em vários quadros. Algumas frases sobre quadrinhos: “Como uma história, mas só que é ilustrada e divertida”, “É uma revista que tem quadrinho com história e quadros”, “É uma história que os desenhos falam”, “É uma história em quadrinho e vários personagens que tem fala em cima da cabeça”, “É uma história que é ilustrada em diversos quadrinhos”, “É uma história inventada e feita de desenho”. Escreveram que HQs são importantes; é um gênero textual; é divertida e fala sobre coisas da vida. Fizeram referências a um elemento específico, às vezes chamado de nuvenzinhas - “História que tem nuvenzinhas”, “balões, fala em cima da cabeça”.

A maioria lê HQ, mas poucos leram outras coisas além da Turma da Mônica; Vinte e três alunos acham que devemos ler quadrinhos para desenvolver nossa mente, porque é divertido ou porque distrai; quando se referiu a HQ pensaram em personagens,

diversão, desenho, alegria, ação, amor, história, revista. Três alunos leem e são contra a leitura destas histórias, um explicou que “Porque eu não sei o gosto de cada um e não sei se ele gosta” os outros dois deixaram em branco a justificativa. Um aluno disse que não devemos ler HQ “porque existe história mais importantes para lê”. Sobre os motivos para ler os quadrinhos aparecem com mais frequência: para desenvolver a mente, para distrair a mente, para passar o tempo, porque é divertido, para melhorar a leitura, desenvolver a imaginação, aumentar o conhecimento.

Os alunos em sua maioria frequentam casa de parentes - 19, shoppings - 15, igreja – 14, praia – 10, cinema – 8, parque – 3, estádio de futebol – 2 e biblioteca apenas um. A maioria acha que juntar Língua Portuguesa e Arte vai contribuir para aumentar o aprendizado de forma divertida, ampliando o conhecimento sobre as duas disciplinas; mas alguns não concordaram com a junção, porque “não vai dar certo” e “não precisa”. Na aula de Arte a preferência é pintar e desenhar, mas tive uma surpresa ao ler de um aluno que gosta de “saber mais sobre as culturas e o que se passa nas pinturas.”

8º Aula 24/05/2016

Cheguei na sala e distribuí o texto de Gil e Veloso (1965),

Beira Mar

Na terra em que o mar não bate

Não bate o meu coração

O mar onde o céu flutua

Onde morre o sol e a lua

E acaba o caminho do chão

Nasci numa onda verde

Na espuma me batizei

Vim trazido numa rede

Na areia me enterrarei

Na areia me enterrarei

Ou então nasci na palma

Palha da palma no chão

Tenho a alma de água clara

Meu braço espalhado em praia

Meu braço espalhado em praia

E o mar na palma da mão

No cais, na beira do cais

Senti meu primeiro amor

E num cais que era só cais	Costa, clara, litoral
Somente mar ao redor	Costa, clara, litoral
Somente mar ao redor	
	É por isso que é o azul
Mas o mar não é todo mar	Cor de minha devoção
Mar que em todo mundo exista	Não qualquer azul, azul
O melhor é o mar do mundo	De qualquer céu, qualquer dia
De um certo ponto de vista	O azul de qualquer poesia
De onde só se avista o mar	De samba tirado em vão
E a ilha de Itaparica	É o azul que a gente fita
	No azul do mar da Bahia
A Bahia é que é o cais	É a cor que lá principia
A praia, a beira, a espuma	E que habita em meu coração
E a Bahia só tem uma	E que habita em meu coração

Fizemos a leitura e pedi que grifassem as palavras que não entendessem do texto. As palavras que desconheciam foram: “cais” e “devoção”, perguntei se alguém sabia o significado de cais, e dois alunos explicaram que era uma construção de madeira para o barco atracar; expliquei que o cais servia para as pessoas não se molharem ao entrar no barco e para facilitar retirar as cargas. Sobre devoção ninguém na sala sabia o significado; expliquei que era se dedicar a algo, geralmente a um santo; no caso da poesia, o autor era devoto do mar.

Fiz a leitura em voz alta, estrofe por estrofe, conversando sobre os significados de cada uma, perguntando o que tinham entendido e complementando as falas, a fim de ampliar o entendimento do texto. Após a análise da poesia, expliquei o que era uma isogravura (técnica que imita a xilogravura) e qual o procedimento para construí-la (desenho com lápis ou caneta sobre uma placa de isopor, podiam fazer linhas mais finas ou mais grossas e utilizar outros instrumentos para marcar o isopor.). Desenhei uma placa, entintei e imprimi (coloquei o papel guia, a matriz entintada, o papel ofício para copiar o

desenho e com uma colher de pau, fiz pressão sobre todo o desenho para transferir a tinta da placa de isopor para o papel; a colher neste processo faz às vezes do rolo compressor), explicando todo o processo (figura 25).

Figura 25 - Passo a passo da isogravura



Desenho no isopor.

Passando tinta com o rolinho.

Impressão pronta.

Fonte: André Betonnasi. Acervo pessoal, 2016.

No final da impressão expliquei como se assina as gravuras (sempre a lápis) e o significado dos números e siglas nas mesmas (P/A – Prova do artista, 1/10 – gravura número 1 de uma série de 10). Entreguei as placas, montei a mesa de impressão e começamos os trabalhos. A aula transcorreu tranquila. À medida que eles terminavam a gravação, se dirigiam para a fila de impressão, entintavam a matriz e faziam a impressão. Algumas alunas que terminaram todo o processo se ofereceram para ajudar os colegas, deixei-as orientando os meninos para terminar os trabalhos, entintando-os e imprimindo-os. Ao concluir, cada aluno tirou uma cópia de sua gravura (figuras 26 a 33), arrumou a mesa de trabalho, deixando a bancada limpa.

Figura 26 - Isogravura 1



Fonte: A autora. 2016.

Figura 27 - Isogravura 2



Fonte: A autora. 2016.

Figura 28 - Isogravura 3



Fonte: A autora. 2016.

Figura 29 - Isogravura 4



Fonte: A autora. 2016.

Figura 30 - Isogravura 5



Fonte: A autora. 2016.

Figura 31 - Isogravura 6



Fonte: A autora. 2016.

Em alguns trabalhos percebemos a inserção do cais, um elemento que alguns alunos desconheciam, figuras 28, 29, 33. O mar apareceu em todos os trabalhos, e a ilha apenas em alguns, figura 27, 31. A representação do artista, que no texto aparece nascido no mar, nas imagens aparece algumas vezes em barcos, outra no cais e em outra na terra olhando para o mar, figuras 26, 27, 33. O sol e as estrelas aparecem em conjunto em algumas obras, figuras 26, 28, 30 e 33.

Figura 32 - Isogravura 7



Fonte: A autora. 2016.

Figura 33 - Isogravura 8



Fonte: A autora. 2016.

Ao final da impressão, pedi que assinassem suas gravuras e colocassem P/A; perguntei o que acharam do processo e dos resultados, perceberam que algumas impressões tinham pouca tinta, outras tinham muita e que não passaram a colher sobre toda a impressão ficando campos em branco, figura 30 e 33. Recolhi as impressões e solicitei material para a próxima aula: pincel, paninho, avental, jornal, corretivo e hidrocor preto.

Ao sair da sala conversei com Maria sobre a atividade realizada e os resultados, ela disse que iria pedir um texto sobre os desenhos; expliquei que tinha usado a poesia de Gil, e surgiu a ideia de elaborar texto onde os alunos falariam da sua cidade, como o autor falou. Pensei que poderia ter pedido para desenharem sobre a cidade deles e não sobre a poesia de Gil, nas próximas atividades penso em estabelecer esta relação entre “a cidade” do ponto de vista da poesia, da imagem, de textos, de músicas, vídeos, etc., sempre pensando na cidade de Salvador. Comentei com Maria sobre os resultados da pesquisa e se poderia levar algumas histórias em quadrinhos para os meninos lerem no dia de leitura livre, ela gostou da ideia, me informou que na semana seguinte, 31 de maio, haveria reunião com os pais. Fui confirmar com o vice-diretor e a reunião seria na terça-feira, dia da nossa aula.

Dia 31/05/2016

Pensei que teria reunião com os pais, cheguei à escola e a reunião tinha sido remarçada para a quarta-feira. Como não tinha planejado aula com os meninos, conversei com Maria e entreguei as revistas em quadrinhos para a leitura livre. Selecionei algumas HQs que tinha em casa com temática recomendada para a faixa etária dos alunos e com construções gráficas diferenciadas; como não tinha quantidade suficiente para que todos os alunos fizessem uma leitura individual, comprei também alguns gibis em um sebo. Aproveitei que estava com a turma e falei da proposta de construirmos uma HQ. Não gostaram, mas expliquei que seria uma HQ diferente, e que quando fossem ler as histórias prestassem atenção aos balões, enquadramentos, onomatopeias e também no texto. Disse que as histórias eram de minha coleção particular e que construiríamos uma HQ bem diferente, ficaram curiosos.

Nas semanas seguintes (7 e 14 de junho de 2016) não consegui encontrar os alunos. Em uma semana houve a Olimpíada Brasileira de Matemática dos alunos da Rede Pública, e na seguinte Maria aplicou um teste. Começamos nosso recesso, época de festejar o São João e o São Pedro, só retornamos após as comemorações da Independência da Bahia que acontecem dia 02 de julho. Durante o recesso, com base no questionário e nas observações feitas até o momento, organizei novas intervenções para a construção da nossa revista em quadrinhos. Inicialmente iríamos apresentar os elementos que caracterizam uma história em quadrinhos: balões, onomatopeias, calhas/sarjetas, requadros.

Por sugestão da banca de qualificação trabalhei um artista de cada vez. Como fizemos uma aula prática com a técnica de isogravura, técnica que simula a xilogravura, comecei com Calasans Neto, gravurista baiano. A ideia foi apresentar a obra do artista e partindo destes elementos, propor a construção de histórias em quadrinhos.

5.2 Segundo semestre

9ª Aula 05/07/2016

Primeiro dia de aula após o recesso junino. A ideia foi iniciar a produção das HQs; para isso introduzimos os elementos principais da HQ para que os alunos entendessem e se apropriassem da função e construção deles. Maria iniciou a aula perguntando do recesso, como tinha sido, se haviam descansado, depois perguntou se tinham gostado de participar da festa da escola. Alguns gostaram, outros a mãe não tinha deixado ir. Outros estavam tristes, Maria questionou o porquê e disseram que era por causa das funcionárias terceirizadas (merendeiras, ajudantes de classe, faxineiras) que estavam sem receber dinheiro e com possibilidade de serem demitidas. Maria elogiou a postura de se colocar no lugar, e disse que tinham que rezar para que tudo se resolvesse.

Assumi a turma, perguntei se tinham lido as revistinhas que havia deixado, disseram que sim, que gostaram muito. Perguntei se tinham notado diferença entre estas revistas e a Turma da Mônica, que tinham costume de ler. Disseram que os personagens e os temas eram diferentes. Perguntei se eles perceberam algumas coisas que poderíamos caracterizar como específico das HQs. Expliquei o que significava específico. Sinalizaram o balão, os requadros, “aquelas palavras de sons” (onomatopeia), à medida que iam falando eu escrevia no quadro.

No caso do requadro perguntei qual a função, disseram que era para representar “os vários movimentos que os personagens faziam”; no caso da onomatopeia, alguns alunos não sabiam o que era, disse o nome e expliquei que representava os sons nos quadrinhos, Maria me ajudou com alguns exemplos. Perguntei se os quadrinhos tinham movimento, já que perceberam que tinha som; um aluno sinalizou que sim e explicou que “eram as linhas que ficavam atrás de um personagem”.

Perguntei se o personagem era desenhado sempre do mesmo jeito, disseram que sim, acho que entenderam que as características do personagem sempre são as mesmas; daí, perguntei se o personagem era sempre representado de frente, de corpo inteiro ou

se o artista às vezes representava só o rosto, da cintura pra cima, só o personagem e em outros momentos o personagem e a paisagem do local onde ele estava, citei a questão dos planos de enquadramento e também os pontos de vista, de frente, do alto, de baixo.

Questionei se sabiam para que serviam os balões, disseram que era para indicar o que o personagem estava dizendo; expliquei que o balão é composto de corpo e rabicho e o rabicho deveria sempre estar virado para o personagem que estava falando. Exemplifiquei como se fazia as leituras dos balões, sempre da esquerda para direita e de cima para baixo; desenhei no quadro alguns exemplos.

Mostrei, através de desenhos no quadro, que se o personagem fala primeiro temos que ter o cuidado de pensar em desenhá-lo no lado esquerdo do quadro, ou colocar seu balão mais alto, respeitando nossa orientação de leitura que é sempre feita da esquerda para a direita e do mais alto para o mais baixo. Fui desenhando no quadro os diversos tipos de balões e perguntando se eles conheciam ou sabiam o que significava.

Fala normal, pensamento ou sonho. Falei do rabicho que é diferenciado no balão de grito; quando o personagem dá uma pausa na fala usamos o balão duplo; indiferença, balão derretendo; balão uníssono, quando todos falam ao mesmo tempo a mesma coisa. Expliquei que, primeiro nós escrevemos o texto e depois desenhamos o balão em volta dele, recurso que garante que o texto fique bem escrito no balão; exemplifiquei o uso da letra em bastão, que se evita a letra cursiva; ficaram na dúvida do que seria letra cursiva. Neste momento Maria interrompeu e lembrou a eles o que era, ela já havia feito uma aula sobre isso, sinalizou que agora eles estão querendo assinar com letra bastão.

Propus uma atividade: distribuí uma folha de ofício, dobramos em oito partes, em cada parte iríamos desenhar um balão. A ideia da brincadeira é que deveriam escrever o texto de acordo com o tipo de balão desenhado. Ex.: se fosse balão de pensamento,

escrever o que estavam pensando, de grito o que queriam gritar, etc. Começamos a atividade. No primeiro balão tive que lembrar que escreveríamos com letra bastão, e durante a atividade, fui andando pela sala e sinalizando para alguns alunos que deveriam escrever o texto e depois desenhar o balão em volta. Durante a atividade me lembrei do balão do narrador, perguntei se já tinham visto nas histórias um balão quadrado sem rabicho, um aluno sinalizou que era do narrador, alguns alunos não entenderam o que era narrador, expliquei.

Demoraram um pouco pensando o que iriam escrever; como os exemplos estavam no quadro, no meio da atividade comecei a apagar os nomes dentro dos balões, protestaram, logo depois apaguei os balões. Não concluímos a atividade, recolhi os desenhos para concluirmos na aula seguinte. Para a próxima aula pedi que em casa dividissem um papel ofício no meio e desenhasssem duas onomatopeias, ficaram na dúvida, Maria deu exemplos: buzina, barulho da porta batendo, telefone tocando, etc.

10ª Aula 12/07/2016

Na sala dos professores, Maria me disse que no teste os alunos da turma C tinham melhorado o rendimento, conseguiram entender melhor o texto e responder corretamente as questões.

Em sala recolhi os desenhos de onomatopeias, à primeira vista estavam corretas. Comecei distribuindo o exercício que começamos na semana anterior, para ser concluído nesta aula. Enquanto alguns alunos distribuíaam os trabalhos entre os colegas, fui perguntando dos balões e pedindo para desenharem no quadro, escrevendo primeiro o nome do balão e depois fazendo o desenho do mesmo.

Os alunos têm dificuldade de escrever com letra bastão ou letra de forma. Um dos alunos que foi ao quadro desenhar um balão de pensamento demorou, tentando lembrar como eram as letras bastão, ele sabia escrever cursivamente. Durante a retomada dos balões alguns alunos perceberam que desenharam errado o balão;

relataram a dificuldade de desenhar o balão direito. Perguntei se conheciam alguma criança com dois três anos que, se déssemos um lápis e um papel, não sairiam desenhando tudo, responderam que sim; perguntei se conheciam adultos que diziam que não sabiam desenhar, disseram que sim, perguntei o que acontecia no caminho onde começávamos desenhando e ficávamos adultos sem saber desenhar, não souberam explicar. Expliquei que a gente vai deixando de desenhar e por isso perde a capacidade motora, que desenho era como andar, falar, precisamos praticar sempre; sugeri que eles praticassem o desenho dos balões e das letras em casa.

Depois de lembrar os tipos de balão, a forma de leitura, ditei o balão seis que seria o uníssonos. Os dois últimos espaços seria escolha livre, sempre lembrando que deveriam associar o texto ao tipo de balão. Ex.: de pensamento, escrever um pensamento, de grito, alguma coisa que queriam gritar.

Depois do exercício finalizado, distribuí cartolinas enquanto um aluno foi distribuindo as canetas hidrográficas. Expliquei que teriam que escolher um dos balões que desenharam na outra atividade e deveriam desenhá-lo ampliado na cartolina. Precisaríamos ter cuidado com o espaço, adequar o tamanho do balão e das letras para caber no papel. Escrever primeiro o texto e depois fazer o contorno do balão. Enquanto desenhavam, fui circulando pela sala e fazendo algumas intervenções: um tinha desenhado o balão e lembrei de que o texto vinha primeiro; texto muito grande, diminuir porque não daria para desenhar o balão; separação das palavras; tamanho das letras, as primeiras maiores e iam diminuindo, pedi para tentar mantê-las todas do mesmo tamanho; letra cursiva; fui ao quadro e escrevi todo o alfabeto com letra bastão para eles consultarem.

Terminado os desenhos, e com o nome no verso, expliquei a dinâmica da próxima etapa. Usariam os balões desenhados nas cartolinas como texto, fala deles; sairíamos da sala e no pátio ficariam circulando com o papel e olhando o dos colegas. Quando sinalizasse, deveriam se agrupar em no máximo quatro pessoas e construir uma

história com os balões desenhados, outra recomendação é que toda a dinâmica deveria ser feita em silêncio, pois estávamos no pátio e havia outras turmas em aula. Desenhei um balão de fala, escrito silêncio e levei para a dinâmica.

Sáímos da sala e ficaram agrupados; lembrei através de mímica que deveriam circular pelo espaço pré-estabelecido, pensaram que era para fazer uma fila atrás de mim, lembrei que eles tinham que circular pelo pátio, dessa vez oralmente. Ao sinal, se agruparam formando frases, este primeiro agrupamento foi feito pelas relações de amizade, encontramos muitas frases sem sentido. Retomamos a andança pelo espaço, na segunda parada, alguns alunos se preocuparam em formar frases com um mínimo de coerência que seria possível diante dos balões desenhados (figura 34, 35).

Figura 34 - Alunos com balões 1



Foto: Maria Freitas. Acervo Pessoal. 2016

Figura 35 - Alunos com balões 2



Foto: Maria Freitas. Acervo Pessoal. 2016

Terminou o tempo, retomamos para sala de aula. Recolhi os cartazes e perguntei se tinham gostado da dinâmica. Ouvi um uníssono sim.

Dia 19/07/2016

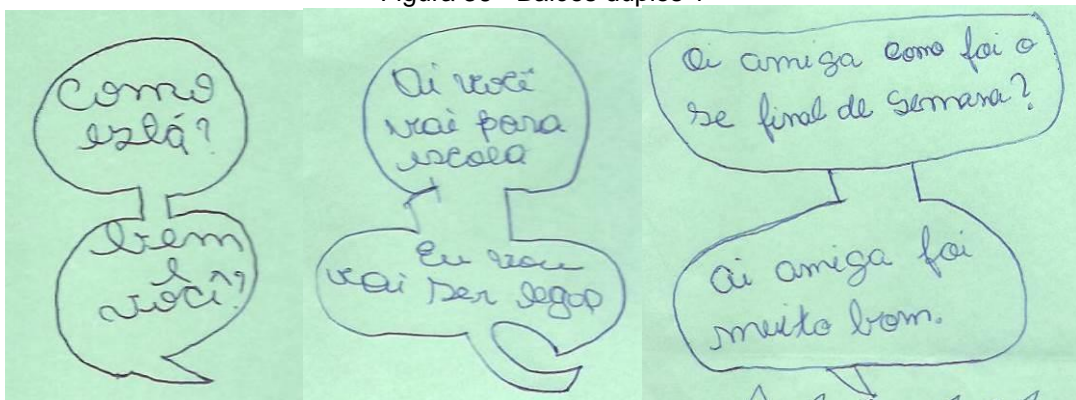
Paralisação dos funcionários terceirizados que estavam sem receber salário, portanto não houve aula.

11ª Aula 26/07/2016

Entreguei a atividade dos balões para Maria, detectei algumas questões de gramática que seriam interessantes trabalhar nas próximas aulas de Língua Portuguesa: falta de pontuação nas frases, mistura de letra cursiva com bastão, escrita incorreta de algumas palavras.

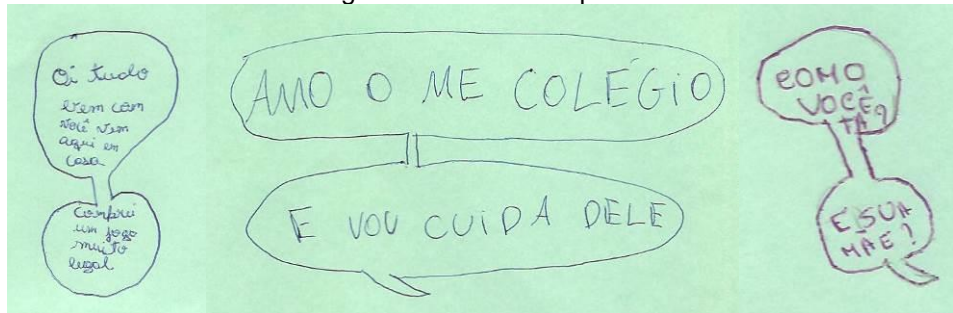
Comecei a aula mostrando as onomatopeias que tinham feito em casa, perguntando os sons. Depois pontuei algumas questões que identifiquei nos balões: o balão duplo usado como fala dupla de dois personagens diferentes (figura 36), o balão duplo é utilizado quando o personagem fala, dá uma pausa e continua a falar (figura 37);

Figura 36 - Balões duplos 1



Fonte: A autora. 2016.

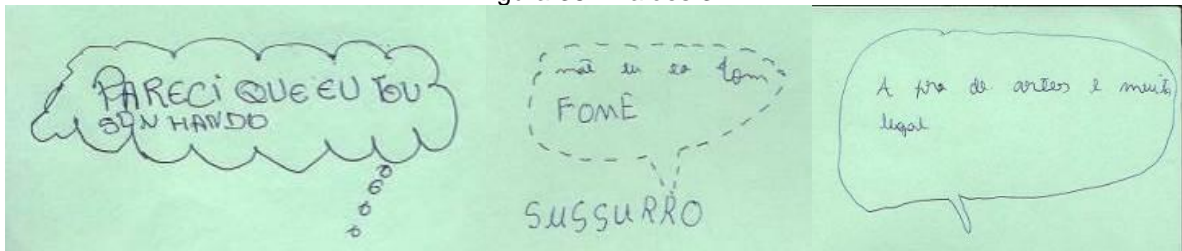
Figura 37 – Balões duplos 2



Fonte: A autora. 2016.

Ausência de pontuação no final da frase para definir se é uma pergunta, uma afirmação, uma exclamação, etc. (figura 38);

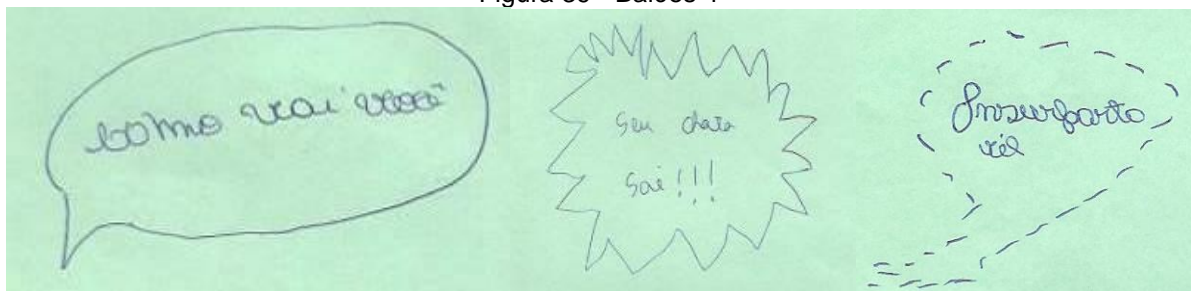
Figura 38 - Balões 3



Fonte: A autora. 2016.

Uso de letra cursiva, que dificulta a leitura do texto; a separação de palavras no balão (figura 39).

Figura 39 - Balões 4



Fonte: A autora. 2016.

Perguntei se fossemos construir uma HQ o que precisaríamos; falaram balões, quadro, muitos disseram personagens, título. Expliquei que começaríamos com o tema da HQ, no caso seria os artistas baianos, perguntei o nome dos artistas que pesquisaram: Carybé, Calasans e Chico Liberato. Depois de definir o tema o que precisaríamos?

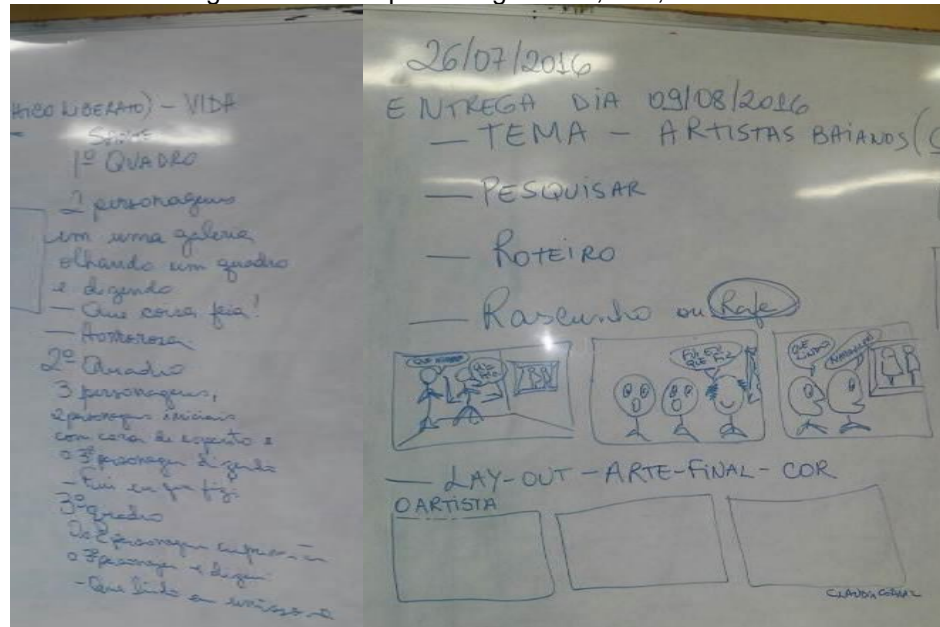
Disseram o personagem, os balões. Falei que após definir o tema tínhamos que pesquisar sobre ele, e que como já tínhamos pesquisado sobre os artistas, era só utilizar a pesquisa que já tinham. Perguntei o que vinha depois, disseram o personagem, expliquei que precisávamos fazer argumento/roteiro, definindo quadro a quadro os personagens, as falas e o local onde estariam.

Expliquei que faríamos uma tira, a tira é um produto específico da HQ, que tem entre um e quatro quadros, geralmente organizados em linha horizontal. Fiz um argumento/roteiro de exemplo (figura 40): 1º quadro: dois personagens conversando em frente a um quadro: - Que coisa feia! – Horrorosa.

No 2º quadro: três personagens, os dois primeiros com cara de espanto e o terceiro personagem falando: - Fui eu que fiz!

3º quadro: os dois personagens cumprimentam o terceiro personagem e dizem: - Que lindo! (Em uníssono).

Figura 40 - Exemplo de argumento, rafe, arte-final



Fonte: A autora. 2016.

Depois do argumento, fazemos o esboço ou rafe, um desenho rápido organizando as informações do roteiro. Fiz um desenho rápido do argumento/roteiro.

Próximo passo, rafe, layout, arte final e cor.

As orientações para o trabalho foram: em uma folha de ofício escrever o argumento/roteiro e no verso fazer o rafe. Em outra folha de ofício fazer a arte final e colorir, colocar no canto direito o nome e no canto esquerdo superior o título. Entrega no dia 09/08/2016, na semana seguinte seria semana de prova e não teríamos nosso encontro.

Dia 09/08/2016

Semana do estudante, fizeram atividades organizadas pela escola.

12ª Aula 16/08/2016

Cheguei e pedi a dois alunos que distribuíssem os trabalhos da isogravura e das onomatopeias que estavam comigo, estava escaneando as imagens. Enquanto entregavam os trabalhos, comecei a colar no quadro alguns trabalhos de Calasans que tinham a baleia e as cabras como tema; colei três fotografias de Calasans, uma com 14 anos, uma fazendo as impressões e outra, mais velho. E duas fotografias de baleia e uma de uma cabra (figura 41).

Figura 41 - Obras de Calasans



Fonte: A autora. 2016.

Após colar as imagens no quadro, pedi que levantassem e observassem as imagens, foram levantando em grupos, expliquei que observassem as formas, cores, tema, texturas, linhas. Não precisava pressa, percebessem o que estavam sentindo, se gostavam de alguma, e porque gostava. A observação foi em silêncio.

Um grupo ficou conversando entre si, diziam: “tudo tem baleia”, “Gostei dessa” – das baleias juntas; porque esta imagem deste homem? Expliquei que era Calasans, o autor, “é seu pai?”.

Após toda a turma observar as imagens, perguntei se achavam que era do mesmo artista, alguns disseram que não. Apontaram as fotografias, expliquei que eram dos animais e realmente não tinham sido feitas pelo artista. As fotografias foram inseridas no painel para que os alunos pudessem observar a diferença entre o animal real e o desenho do artista. Perguntei sobre o que o artista tinha retratado: “cabras e baleias”, perguntei se tinham ideia do porque o artista ter desenhado estes animais? Disseram que porque ele gostava, achava bonito.

Sinalizaram que só tinha branco, preto, azul, vermelho e amarelo, que algumas obras eram só em branco e preto e o único elemento colorido era o sol; que em uma imagem o sol estava mais claro que o outro, perguntei por que, disseram que era porque o sol estava mais fraco. Falei que o preto e o branco eram por causa da técnica que ele utilizava: a xilogravura, expliquei como funcionava e no início da explicação um aluno disse: “igual aquele desenho que fizemos com o isopor”, confirmei, e fui dizendo as diferenças entre a gravura em isopor e a xilogravura. Perguntaram que madeira usava para a xilogravura, falei do compensado utilizado pelo artista e dos instrumentos, as goivas.

Mostrei o trabalho onde o artista em vez de imprimir utiliza a matriz como obra final; Maria perguntou como o artista controlava a impressão de sua obra, se estava

comprando uma matriz, o que impedia as pessoas de imprimirem cópias e venderem como sendo do artista, expliquei a questão da assinatura e da numeração nas gravuras. Ela associou à fotografia, que utiliza o mesmo sistema de numeração. Li alguns textos de Calasans, e sobre ele, para turma:

“Antônio Conselheiro, de Canudos, dizia que um dia o sertão virará mar, e o mar virará sertão. As cabras simbolizam o sertão, sua pobreza, sua valentia, sua virilidade; as baleias representam o mar, a fertilidade e a riqueza. Cabras e baleias simbolizam, portanto, o equilíbrio.” (FRAGA, 2007, p. 24).

“(...) eu via a cabra como plano de invenção ilimitado, com sua angulosidade de formas. É plasticamente mais rica e, como vida, é um símbolo viril lutando sozinha contra tudo e contra todos. E vence.” (FRAGA, 2007, p. 24).

“Cabras, baleias, pássaro e sol são figuras recorrentes nas suas criações artísticas, e representam simbolicamente os quatro elementos da natureza: terra (cabra), água (baleia), ar (pássaro) e fogo (sol).” (ATHAYDE, 2007, p. 28).

“Ele trabalhava muito rapidamente, com pinceladas largas, e o resultado era uma pintura muito fluida, muito peculiar. Como curioso, me aproximei, esperei que terminasse o trabalho e iniciei uma conversa. Ficamos amigos, eu com 14 anos, ele um pintor já consagrado (...). Nosso relacionamento foi a princípio muito curioso, pois ele era uma pessoa muito seca, mas aceitava minha companhia e até respondia com paciência às minhas perguntas.” (FRAGA, 2007, p. 40).

“Vendeu sua coleção de selos para comprar tintas, telas e um cavalete usado. Primeira tentativa foi pintar uma paisagem no Dique do Tororó. Mas não conseguia se concentrar porque as pessoas jogavam cascas de frutas, bolinhas de papel, ficavam em volta dando palpites.” (FRAGA, 2007, p. 47).

“Foi convidado por Genaro de Carvalho a pintar em seu ateliê, depois de se conhecerem quando Genaro pintava um mural no Hotel da Bahia.” (FRAGA, 2007, p. 47).

Trabalhou como cenógrafo e na criação de cartazes para filmes.

Perguntei por que Calasans tinha escolhido trabalhar com gravura, disseram que era porque era mais fácil que pintar, expliquei que tinha escolhido a gravura porque queria atingir um público maior, possibilidade que a gravura dava porque tirava várias cópias de um mesmo trabalho e assim uma gravura geralmente é mais barata que uma pintura, que é única. Exemplifiquei: se chegasse na sala com uma pintura e vendesse para eles, apenas um aluno iria ter o trabalho e apenas a família iria conhecer a obra, se levasse 33 gravuras, e todos comprassem a obra, muito mais gente teria acesso ao trabalho.

Falei da doença que ele teve ainda criança, poliomielite, e que além do risco de vida o deixou com várias sequelas, entre elas a estatura mais baixa. Após se casar se mudou para Itapuã, na época era muito distante do centro da cidade; um aluno disse que continuava distante, que a gente leva uma hora para chegar hoje em dia em Itapuã, expliquei que naquela época era ainda mais longe, que hoje tinha ônibus toda hora para lá e na época o acesso era bem mais difícil. Li:

“A mudança para Itapuã ampliou os horizontes do artista. Ali não se encontrava mais o mar tranquilo da enseada do Porto da Barra, mas a amplidão sem fim do mar atlântico com seus ventos, suas ondas largas, suas pedras cantando na escuridão das noites povoadas de lendas. Era Abaeté com sua mãe-d’água, Oxum, escondida no fundo das águas escuras e, no mar oceano, a lemanjá dos pescadores, com suas oferendas, suas promessas de fartura, seus encantos de sereia. E as baleias... Para o antigo menino, rebento urbano, era custoso acreditar que aquele esguicho que arrepiava o azul do mar fosse mesmo do animal totêmico, o engolidor de profetas, a vingativa Moby Dick, adversária do capitão Ahab.” (FRAGA, 2007, p. 64).

Ficaram surpresos em saber que já houve baleias aqui em Salvador, expliquei que vinham se reproduzir e cuidar dos filhotes, e com a caça tinham sumido, hoje em dia já podíamos reencontrá-las em Abrolhos, no sul da Bahia.

Perguntei se achavam que artista acordava cedo, se trabalhava todos os dias, disseram que não, que acordava tarde e trabalhava às vezes. Li o trecho onde Calasans fala:

“Sou um trabalhador manual com uma tarefa a cumprir todos os dias, e esta é a minha maneira de ganhar a vida.” (FRAGA, 2007, p. 180). Expliquei que um artista precisa estar sempre pesquisando, estudando, produzindo, que se erra alguma coisa, refaz, e no caso da xilogravura, um erro de corte pode inutilizar todo o trabalho e o artista precisa recomeçar.

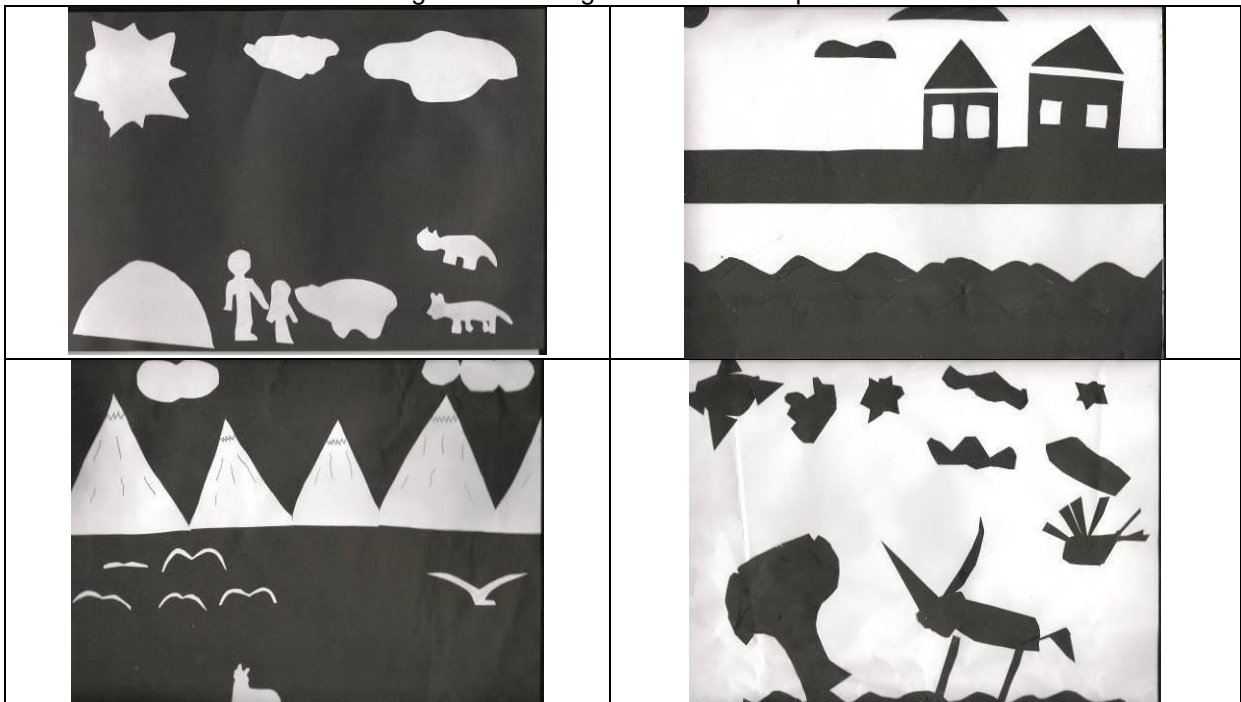
Ao fim da aula comentei que estava fazendo uma pesquisa e que minha proposta era que eles construíssem uma HQ sobre a vida dos artistas, primeiro sobre Calasans. Já queriam saber para quando seria a entrega, prazo, ficaram reclamando, questionaram sobre os outros artistas. Expliquei que inicialmente iríamos falar sobre Calasans e depois, se tivéssemos tempo, íamos trabalhar com os outros artistas. Perguntei se depois da conversa de hoje, teriam dificuldades para criar uma história sobre Calasans, disseram que não. Disse que seria um processo, que não precisava pressa e que deveriam pensar se preferiam trabalhar em grupo ou individual. Maria sinalizou que as equipes teriam que ser no máximo com quatro alunos, que um fazia, dois conversavam, e o quarto ajudava. Expliquei que se fôssemos trabalhar em grupo cada um ia ter uma função: roteirista, desenhista, arte finalista e colorista.

13ª Aula 23/08/2016

Recolhi os trabalhos da aula anterior e coleí novamente as imagens de Calasans no quadro, reclamaram: “De novo?”. Pedi que observassem as imagens e como o artista conseguiu compor as cenas, utilizando apenas branco e preto. Apontei as paisagens onde as cabras e as baleias estavam. Distribuí duas folhas de papel, uma branca e outra preta, expliquei que íamos fazer uma colagem, eles deveriam escolher se iriam trabalhar figura preta no fundo branco ou figura branca no fundo preto. Começaram as produções alguns desenharam a composição e foram recortando e colando no outro papel. Alguns detalhes dos desenhos ficaram definidos pelo contorno do lápis, pontuei que eles deveriam recortar e colar as imagens, os detalhes deveriam ser desenhados com caneta hidrográfica preta ou corretivo ou recortados, poderiam também ser colados pedaços pequenos de papel da outra cor.

Fui fazendo pequenas intervenções nos trabalhos, apontando novas perspectivas, estipulando pequenas dificuldades na execução. Alguns alunos colocaram figuras brancas sobre fundo preto, outros fizeram o inverso (figura 42). A dinâmica da maioria foi desenhar no papel toda a composição e depois ir recortando as figuras e colando no outro papel. Não conseguiram concluir em sala, levaram para casa e trouxeram na semana seguinte.

Figura 42 - Colagem em branco e preto



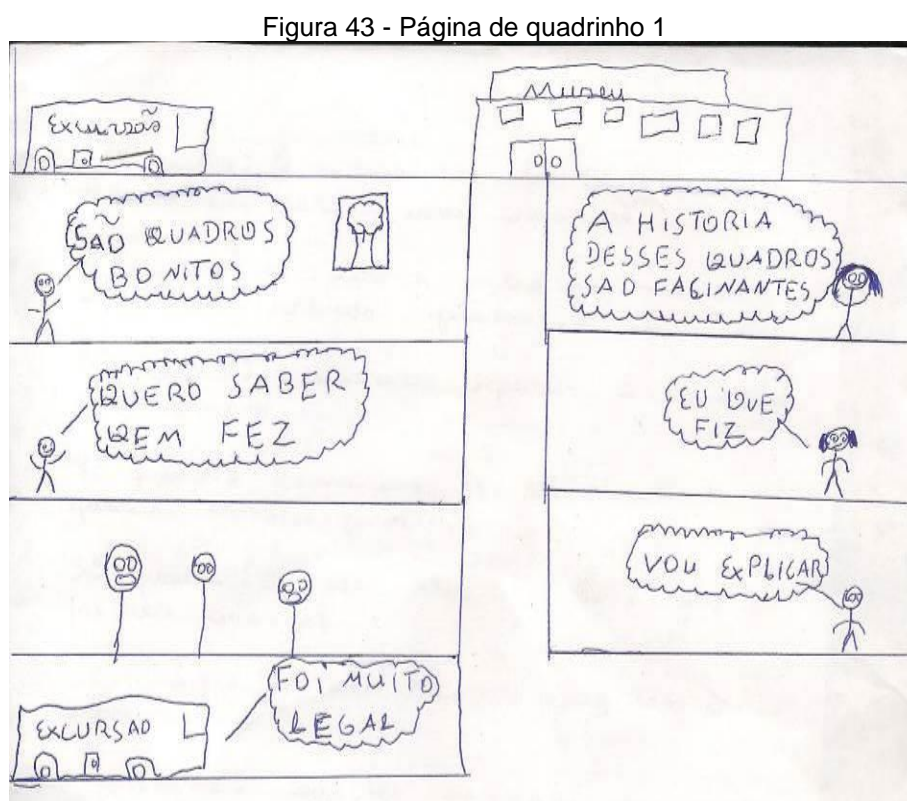
Fonte: A autora. 2016.

14ª Aula 30/08/2016

Recolhi as colagens, alguns perguntaram se podiam entregar na próxima aula porque não vieram na aula anterior, concordei. Perguntei se sabiam desenhar, quase metade da turma levantou a mão, inclusive Maria. Um sinalizou que sabia um pouco, outros, incluindo Maria, disseram que também desenhavam pouco. Perguntei se conheciam alguma criança pequena que não desenhasse, um irmão, um primo, uns dois disseram que não, um sinalizou que o primo não podia ver um lápis e papel que riscava tudo. Perguntei quem tinha nascido sabendo ler ou escrever, ou andar. Falei que

aprendemos tudo na vida, e só com a prática conseguimos melhorar; que com o desenho é a mesma coisa e estabeleci um paralelo com a escrita: ninguém nasceu sabendo escrever, aprenderam e hoje em dia a letra está melhor do que no início, no desenho era a mesma coisa se temos dificuldade no início, com a prática vamos melhorando.

Falei que tinha gostado muito das tiras que tinham feito e fiz algumas observações: a falta de calha na borda do papel e entre os quadros (figura 43);



Fonte: A autora. 2016.

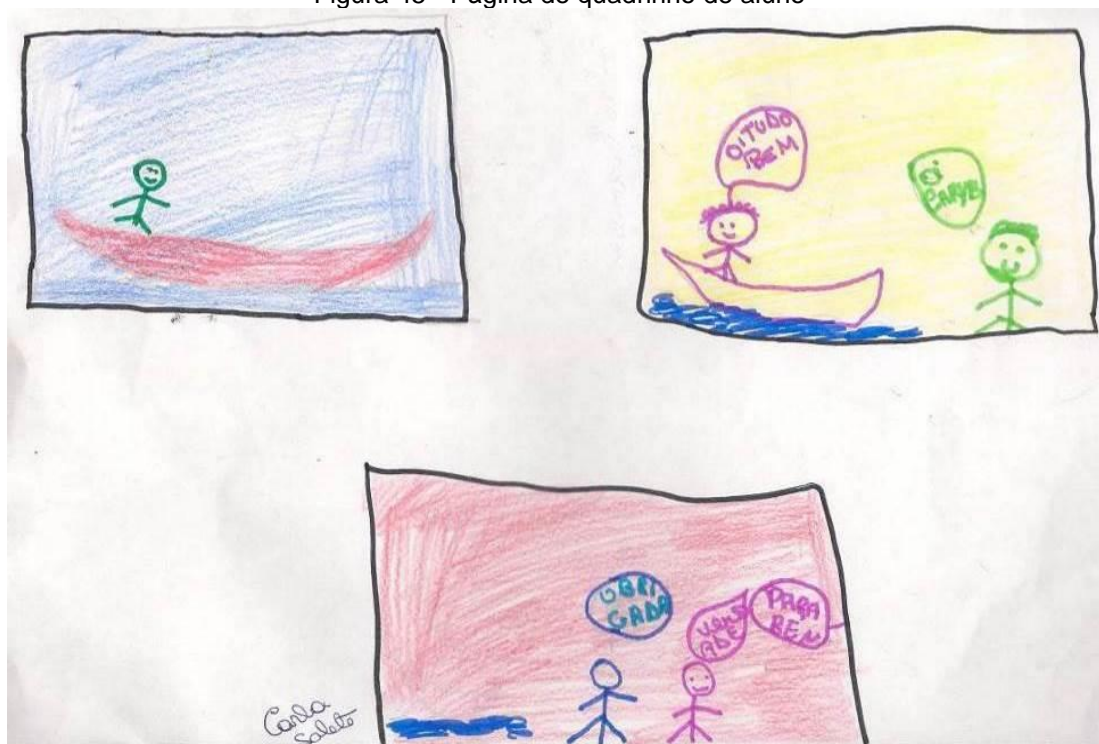
O balão muito colado no personagem e a ordem das falas trocadas no primeiro quadro, o personagem da direita fala primeiro que o da esquerda, mas como lemos da direita para esquerda o diálogo fica confuso (figura 44); o texto escrito depois de desenhar o balão (figura 45), quando desenhamos o balão antes do texto, geralmente o balão fica pequeno e o texto fica muito espremido no balão, geralmente a leitura fica prejudicada.

Figura 44 - Tira em quadrinho de aluno



Fonte: A autora. 2016.

Figura 45 - Página de quadrinho de aluno



Fonte: A autora. 2016

Li uma das histórias (figura 46) e perguntei se tinham entendido; apenas uma aluna sinalizou que sim, perguntei o que era, disse que a personagem tinha virado uma grande artista.

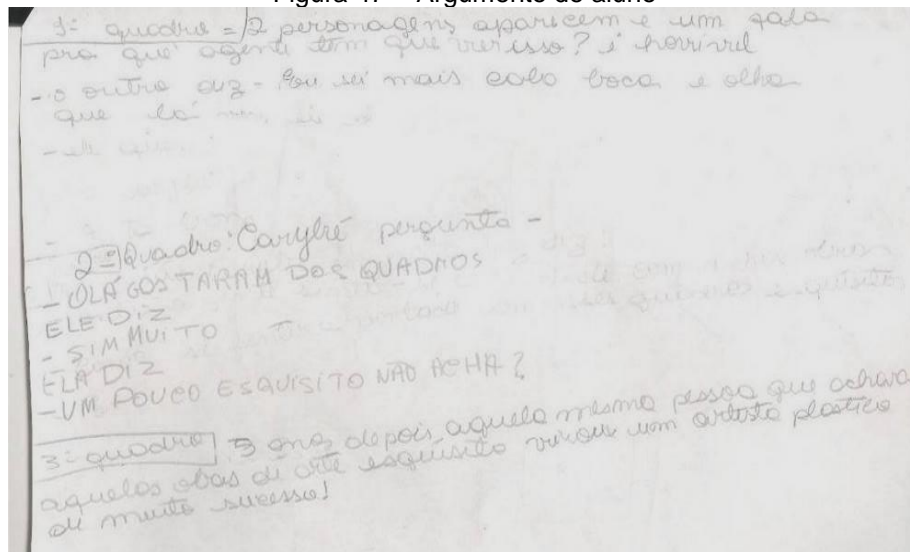
Figura 46 - Página de quadrinho de aluno



Fonte: A autora. 2016.

Perguntei se alguém mais tinha entendido, e que eu mesma não tinha entendido de primeira, que só após ler o argumento (figura 47) foi que entendi a tirinha. Um aluno disse que ela poderia colocar um texto em cima sinalizando a passagem do tempo.

Figura 47 - Argumento de aluno

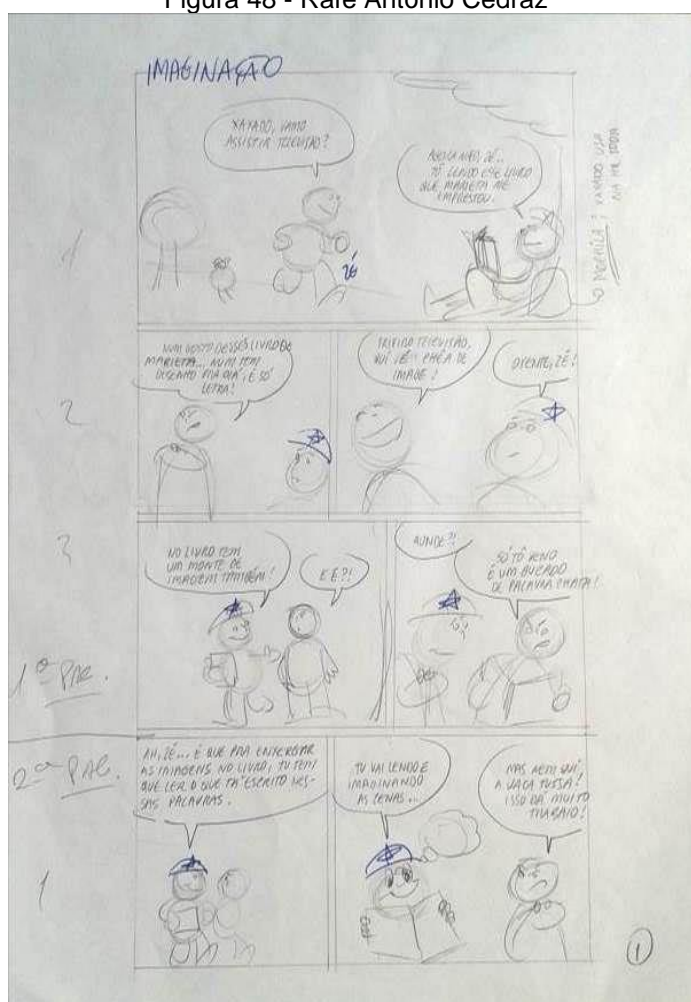


Fonte: A autora. 2016

Falei que tínhamos que mostrar a alguém conhecido os desenhos e perguntar o que tinham entendido, porque como estávamos imersos na construção criativa achávamos que estava tudo claro, mas que às vezes não estava. Concordaram comigo.

Perguntei se lembravam que eu tinha dito que era filha de um desenhista, disseram sim. Levei um trabalho de meu pai para conhecerem o processo de construção de uma HQ.

Figura 48 - Rafe Antônio Cedraz

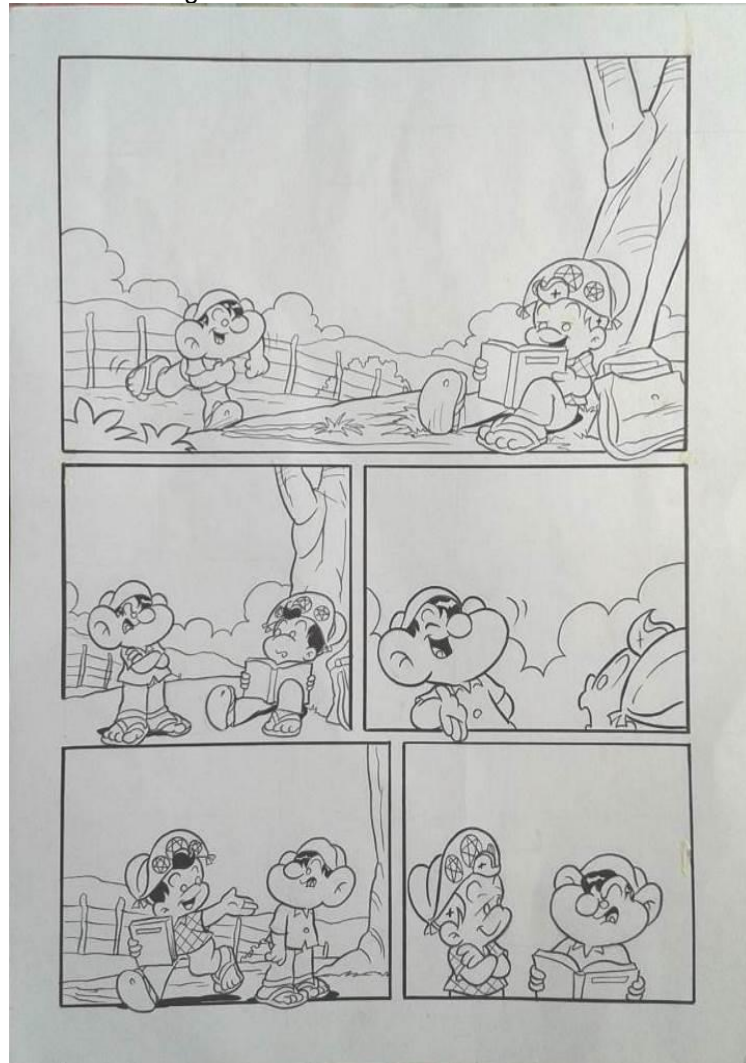


Fonte: Estúdio Cedraz. Acervo da empresa.

Mostrei um rafe (figura 48) e sinalizei o desenho apressado, sem muitos detalhes; depois uma arte final sem balões (figura 49), expliquei que a arte final estava sem balão

porque hoje em dia o desenhista finaliza com caneta nanquim preta e o desenho é escaneado, no computador são colocados os balões e o texto; e o desenho colorido e impresso na mídia final, neste caso um jornalzinho (figura 50), coloquei no quadro, sinalizaram que era muito pequeno, se podiam levantar para observar, deixei que levantassem.

Figura 49 - Arte Final Antônio Cedraz



Fonte: Estúdio Cedraz. Acervo da empresa.

Figura 50 - Página impressa Antônio Cedraz



Fonte: Estúdio Cedraz. Acervo da empresa.

Sinalizei o espaço que o artista deixou para os balões. Sentaram. Tirei os trabalhos do quadro e coloquei algumas páginas selecionadas previamente (Figuras 51 a 60) que mostravam diagramações diferentes, uso apenas de uma cor e o branco do papel, desenhos mais estilizados, rabicho mais alongado, balões ajustados ao desenho, uso de fotografia como recurso para compor a paisagem.

Perguntei o que estavam vendo, falaram dos quadrinhos apenas de uma cor, do quadro maior com outro quadro sobreposto. Sinalizei as diversas diagramações diferentes. Olharam os desenhos e sinalizaram que mesmo com diagramações diferentes o formato geral era sempre retangular, falei da necessidade da margem externa.



Figura 54 – Tirinha de quadrinhos



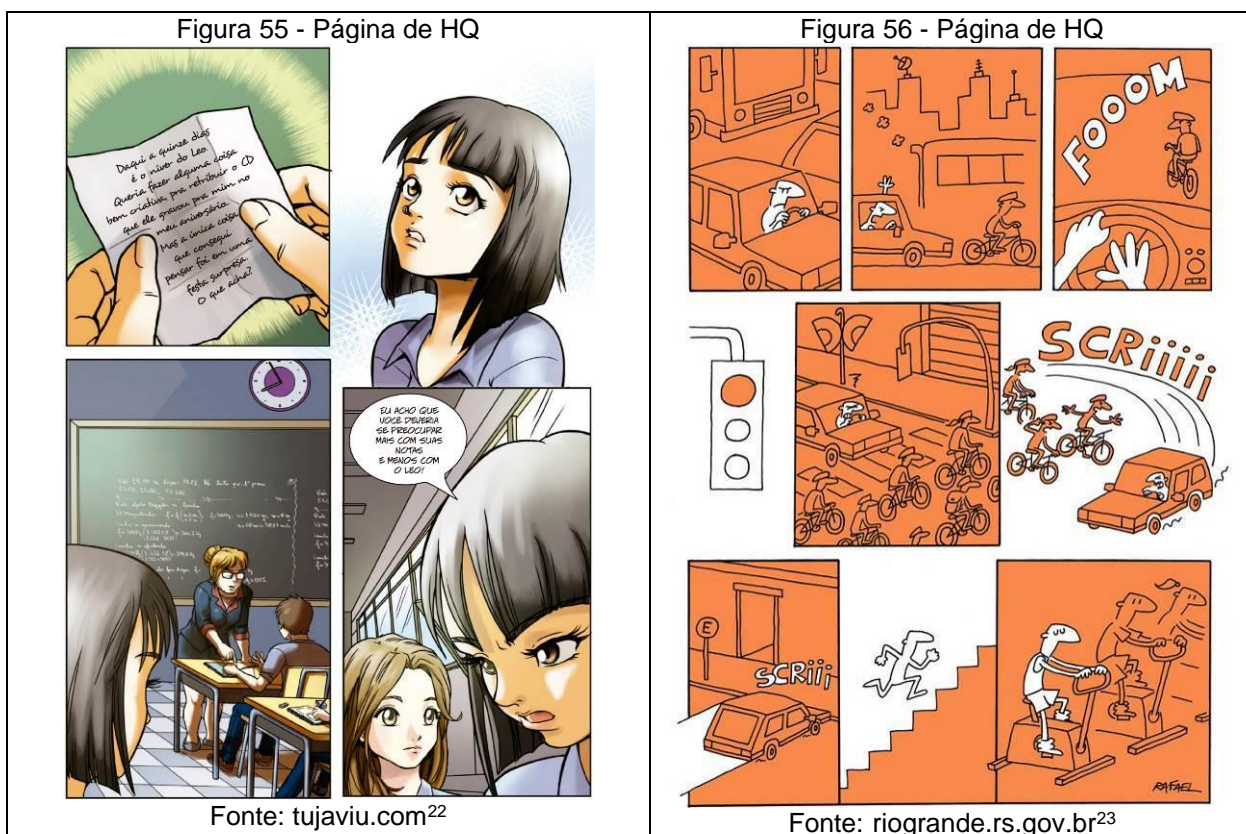
¹⁹ Disponível em:

<http://1.bp.blogspot.com/_P6oMqYleJiA/TD54apISMJI/AAAAAAAAACTA/dnqcG_hUde4/s1600/TURMA+D+A+MONICA+JOVEM+15.jpg>. Acesso em 26 de Ago. de 2016

²⁰ Disponível em: <<https://splashpages.files.wordpress.com/2015/11/godzilla-2-p.jpg?w=736>>. Acesso em 26 de Ago. de 2016

²¹ Disponível em: <http://imguol.com/2012/09/21/pagina-da-hq-que-mostra-o-casamento-de-monica-e-cebolinha-1348247018910_830x1080.jpg>. Acesso em 26 de Ago. de 2016

Apontaram na tira (figura 54) que o quadrinho do meio estava sem requadro, mostrei que o artista utilizou os outros requadros como margem e sinalizei outra página com a mesma diagramação (figura 55).



Apontaram o quadrinho em branco e laranja que também tinha quadrinho sem requadro (figura 56).

²² Disponível em: <<http://www.tujaviu.com/wp-content/uploads/2014/08/20140811081645.jpg>>. Acesso em 26 de Ago. de 2016.

²³ Disponível em: <http://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/arquivos/noticia_foto/zoom_55f9dcc99dbcb.jpg>. Acesso em 26 de Ago. de 2016.

Figura 57 - Página de HQ



Figura 58 - Detalhe página de HQ



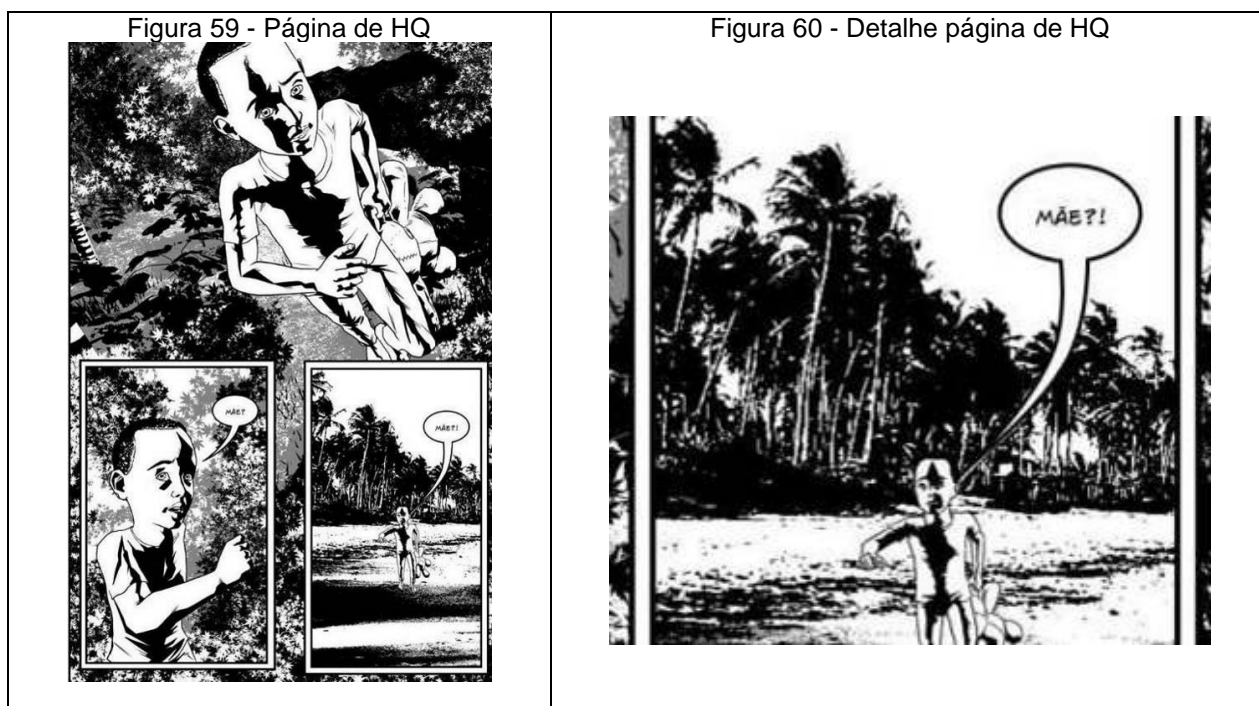
Fonte: comicnewbies.com²⁴

Perguntaram o que era a torre no primeiro quadro (figura 57), disse que provavelmente era o prédio onde estava acontecendo as ações seguintes, perguntei se concordavam, que não tinha sentido o artista colocar um prédio daqueles para nada, que tudo que era colocado no quadrinho tinha uma função, que se não entendíamos de primeira deveríamos ter atenção porque tinha um motivo para as coisas estarem ali, questionaram o formato do prédio, um disse que parecia uma nave espacial.

Nesta mesma página tinha um personagem de costas (figura 58), aparecendo apenas o cabelo perguntaram porquê, expliquei que era o topo do cabelo e de costas não tinha muito detalhe para ver. Mostraram um quadrinho onde o interlocutor não aparecia (figura 58), falei que era porque o artista queria dar destaque para a reação do

²⁴ Disponível em: < <https://comicnewbies.files.wordpress.com/2016/07/kong-kenan-becomes-the-chinese-superman-1.png?w=620>>. Acesso em 26 de Ago. de 2016.

personagem ao ouvir a frase. Apontei um rabicho longo (figura 58, segundo quadro) e perguntei se sabiam porquê, levantaram para ver, uma aluna perguntou o que era rabicho, outra colega respondeu, eu desenhei no quadro. Um aluno disse que era porque havia várias pessoas no quadro, confirmei que para deixar claro quem estava falando, o artista tinha feito um rabicho grande, sinalizei também a pausa na fala do personagem.



Fonte: splashpages.wordpress.com²⁵

Um aluno perguntou o que o personagem do quadrinho preto e branco (figura 59) estava dizendo, falei “mãe” ele perguntou porquê, disse que ele estava procurando a mãe; um aluno perguntou por que estava tão pequeno o texto, sinalizei o espaço em volta da palavra, um aluno disse que estava falando baixo, mas não cochichando.

Uma aluna afirmou que a frase poderia ser pontuada com reticências, eu expliquei que neste caso a mãe estaria perto dele e iria continuar a conversa, no quadrinho (figura 60)

²⁵ Disponível em: <https://splashpages.files.wordpress.com/2015/09/page_1.jpg>. Acesso em 26 de Ago. de 2016.

ele estava procurando a mãe por isso a interrogação junto com a exclamação; aproveitei para sinalizar que não é só o balão que indica a fala, a pontuação auxilia na comunicação indicando se o personagem está perguntando, afirmando, exclamando, dando pausa. Mostrei que poderíamos usar colagem na construção de um quadrinho, recortando uma paisagem e desenhando ou colando o personagem.

No final da aula, pedi um trabalho para ser feito em casa e entregue na aula seguinte: uma tira ou página de quadrinho, tema: a vida de Calasans; disseram “e quem não pesquisou sobre Calasans?”. Disse que tínhamos tido uma aula sobre Calasans, sua vida, suas obras, que podiam escrever sobre algo específico da vida do artista ou criar uma história sobre os personagens das suas gravuras: a cabra e a baleia. Deveria ser preto e branco, um aluno perguntou pelo papel preto, como faria o preto, outro respondeu que ele podia fazer com caneta preta; eu complementei dizendo que podiam utilizar caneta, tinta preta ou colagem.

Mostrei o papel que iriam fazer a arte final, sugeri que fizessem o rafe em um papel ofício e finalizassem neste outro papel, perguntaram que papel era, expliquei que era um opaline 180gr, perguntaram o que era gramatura, expliquei que quanto maior a gramatura mais grosso é o papel. Reclamaram do tema, falei que podiam usar a criatividade e construir a história em uma página, uma aluna perguntou onde comprava o papel e quando comecei a distribuir, ficaram surpresos, acharam que iam ter que comprar. Pedi para assinarem abaixo do último quadro. A aula foi bem participativa, demonstraram interesse no assunto e dúvidas sobre a mecânica da HQ, mas ficaram desanimados com a possibilidade de fazer outra história.

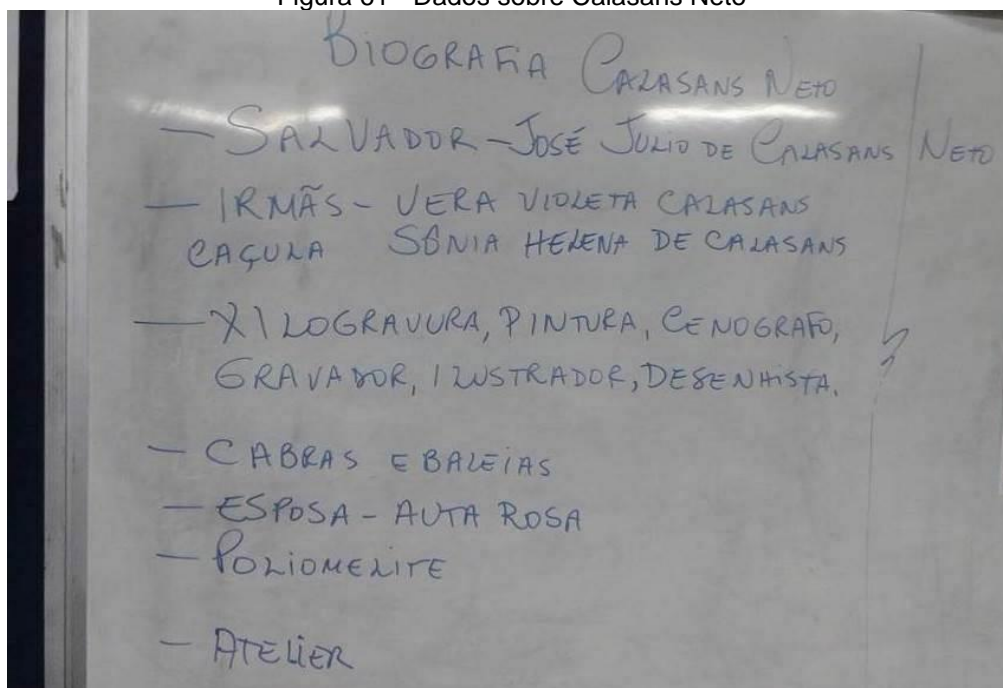
15ª Aula 27/09/2016

Nas últimas três semanas (06, 13 e 20 de setembro) não consegui reunir com os alunos, em função de atividades internas da escola. Recolhi as tiras atrasadas, alguns alunos entregaram sem contornar de preto, perguntei e me disseram que não tinham canetas pretas ou tinta preta. Retomei a proposta de construirmos uma revista, falei que

existiam poucas publicações sobre Calasans, e que nosso trabalho seria uma referência. Que poderíamos colocar textos sobre o artista e suas obras, construir histórias sobre as gravuras de Calasans e fazer releituras de seus trabalhos.

Depois disso, levantei as informações sobre Calasans que tinham (figura 61), lembraram que tinha nascido em Salvador, tinha duas irmãs e sabiam os nomes delas: Vera Violeta e Sônia Helena; que fazia xilogravura, pintura, cenografia; era gravador, ilustrador, desenhista. Tema de suas obras Cabras e Baleias.

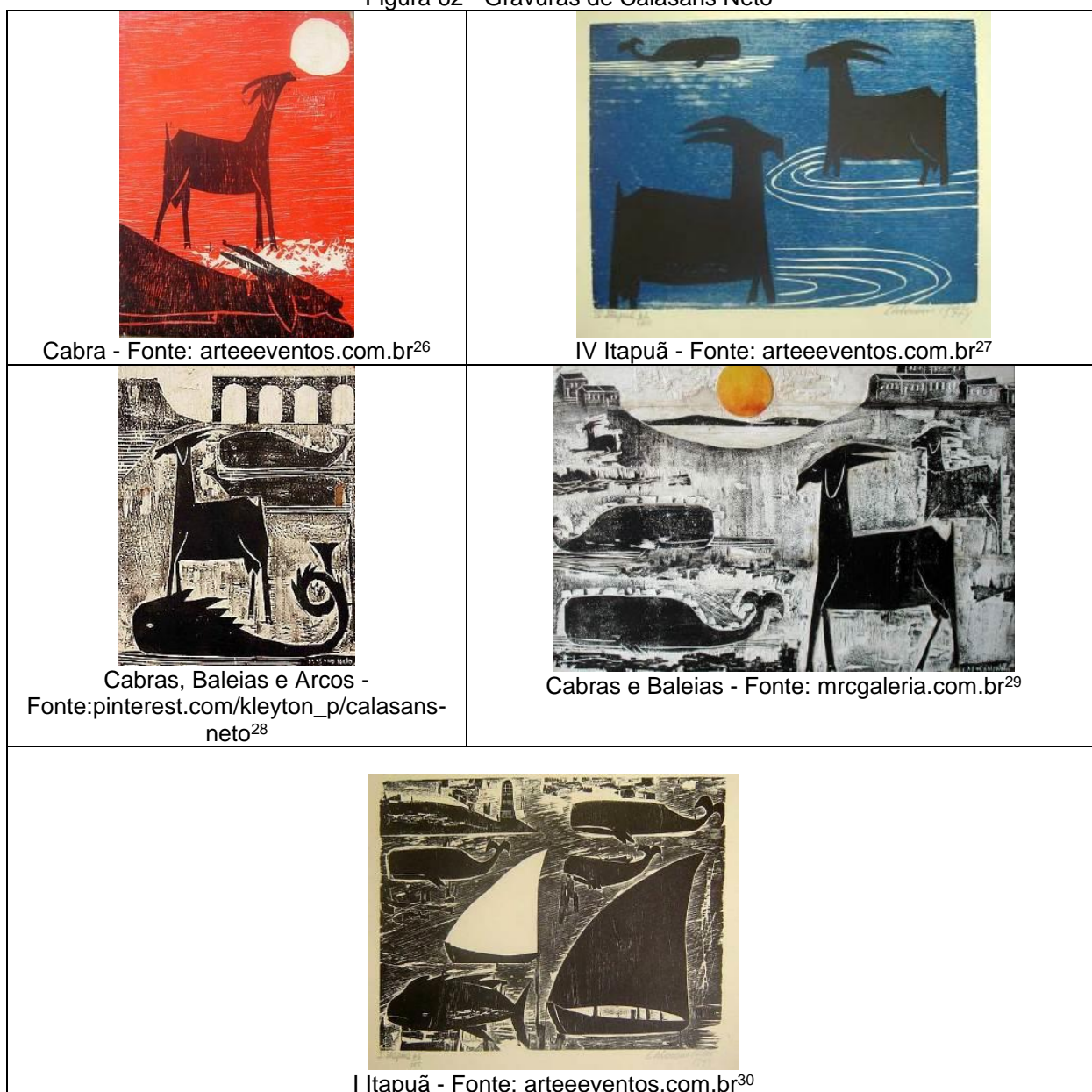
Figura 61 - Dados sobre Calasans Neto



Fonte: A autora. 2016.

Expliquei que escreveriam um texto sobre Calasans, entreguei duas folhas, uma para rascunho e outra folha definitiva. O texto poderia ser uma biografia, a leitura de uma das imagens ou uma história construída a partir de uma de suas gravuras, ter no mínimo 15 e no máximo 25 linhas. Se usassem a imagem deveriam pôr o nome dela. Coloquei algumas imagens no quadro (figura 62):

Figura 62 - Gravuras de Calasans Neto



²⁶ Disponível em: <http://www.arteeeventos.com.br/paginas_leilao/pictures/002a_4.jpg>. Acesso em 12 ago. 2016.

²⁷ Disponível em: <http://www.arteeeventos.com.br/paginas_leilao/pictures/030b.jpg>. Acesso em 12 ago. 2016.

²⁸ Disponível em: <<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/236x/02/8f/c7/028fc7588509b07199f335a84a2a5b95.jpg>>. Acesso em 12 ago. 2016.

²⁹ Disponível

em: <http://www.mrcgaleria.com.br/mcr/albums/userpics/10001/normal_CALASANS%20NETO-CABRAS%20E%20BALEIAS-50%20X%2080%20CM-ASSINADO.jpg>. Acesso em 12 ago. 2016

³⁰ Disponível em: <http://www.arteeeventos.com.br/paginas_leilao/pictures/030a.jpg>. Acesso em 12 ago. 2016

Perguntaram o nome da esposa de Calasans, o nome da doença que ele teve na infância, como se escrevia atelier. Alguns alunos não conseguiram concluir a atividade no prazo. Outros fizeram o texto menor. Ao final da aula entreguei uma folha de papel em branco e outra margeada, propus a construção de uma nova HQ, se tivessem dificuldade poderiam voltar na internet e ampliar a pesquisa sobre Calasans. Reclamaram de ter que fazer outra HQ, sinalizei que ainda tinha alunos copiando a história que criei para exemplificar argumento e rafe, outros ainda continuavam a desenhar o balão e depois as letras, colocando os balões próximos dos personagens mesmo tendo espaço sobre eles; e que as histórias estavam sem cenário, não sabíamos se o personagem estava em casa ou fora dela, o que justificava continuarmos fazendo novas histórias em quadrinhos.

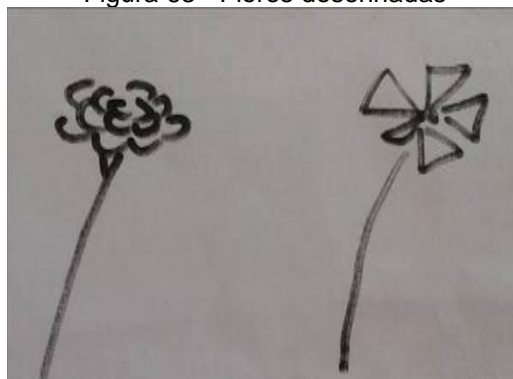
Dia 04/10/2016

Atividade apenas de Língua Portuguesa.

16ª aula 11/10/2016

Comecei a aula elogiando a escrita, disse que os textos estavam muito bons, mas que alguns não consegui ler, riram. Apontei alguns erros de português (pontuação, começo de frase com letra minúscula, nome próprio iniciado com letra minúscula). Maria reforçou que também estava avaliando e todas as minhas atividades seriam pontuadas. Expliquei que em Arte não existe desenho perfeito, que não posso chegar e dizer que os desenhos estão feios. O que posso é estabelecer critérios, antes da produção, para avaliar as produções. Ex.: se pedisse um desenho preto e branco e me trouxessem colorido, neste caso o desenho estaria errado; se colocasse como critério um trabalho sobre Calasans e entregassem sobre outro assunto. Tive a impressão de que ficaram mais tranquilos com o esclarecimento de que utilizaria critérios definidos anteriormente de forma objetiva. Exemplifiquei com o desenho de uma flor realista e outra estilizada (figura 63), se pedisse uma flor qualquer uma estaria certa, se pedisse de uma rosa só a primeira estaria correta.

Figura 63 - Flores desenhadas



Fonte: A autora. 2016.

Alguns alunos trouxeram suas histórias em quadrinhos para eu dar uma olhada (figura 64), pontuei algumas questões individualmente: ausência de calha/sarjeta, cópia de outros quadrinhos, balões com espaço livre em cima. Pedi que refizessem.

Figura 64 - Quadrinhos dos alunos

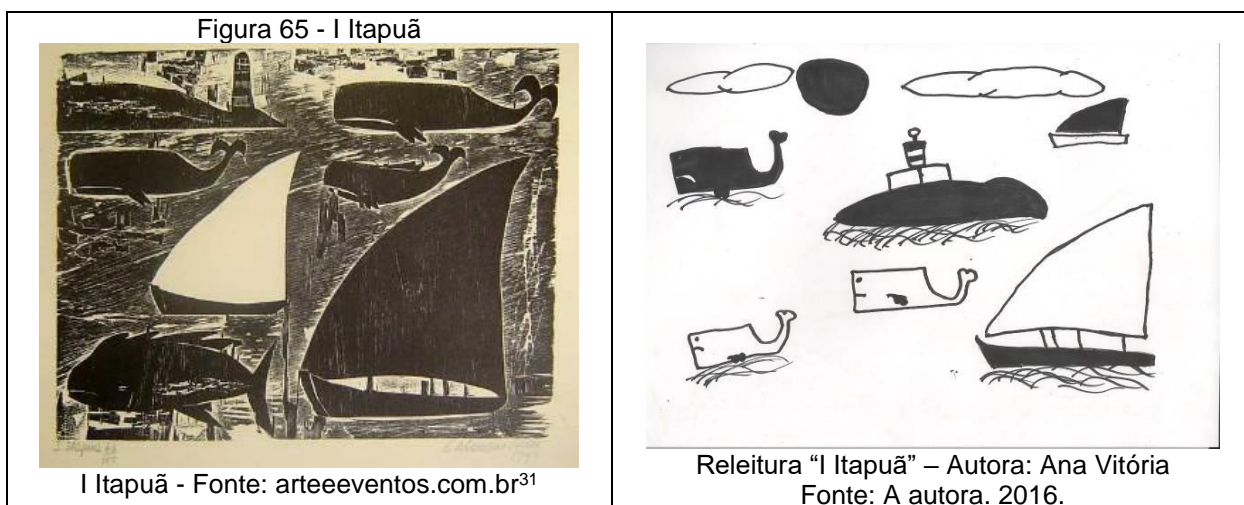


Fonte: A autora. 2016.

Levei uns marcadores permanentes pretos de ponta chanfrada, expliquei que havia percebido a dificuldade de alguns em arte finalizar os desenhos. Um aluno sinalizou que eu estava comprando material para eles por causa da minha pesquisa, confirmei. Exemplifiquei como podíamos utilizar o marcador, fazendo linhas finas, grossas e cobrir grandes áreas. E que com o marcador com ponta redonda não seria possível esta

diversidade de traços. Comentei que tinha pensado em comprar tinta, mas que alguns não tinham pincel (alguns alunos disseram que tinham), e que além da tinta também haveria o custo da caneta preta para as letras. Com o marcador conseguiríamos fazer linhas de espessuras variadas e também cobrir uma grande área de preto.

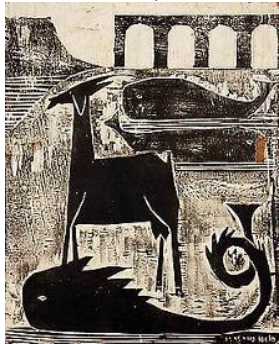
A atividade desta aula foi uma releitura de uma das obras de Calasans (figuras 65 a 68). Levantei o conhecimento de releitura, falaram de “ler novamente”, “escrever de outra forma”; perguntei quanto às imagens, como poderíamos fazer releitura delas? Ficaram sem saber, expliquei que para fazer a releitura de uma imagem deveríamos colocar alguns elementos da imagem original e acrescentar elementos pessoais de forma que o observador dissesse: lembra Calasans ou isto aqui parece Calasans, mas, não é.



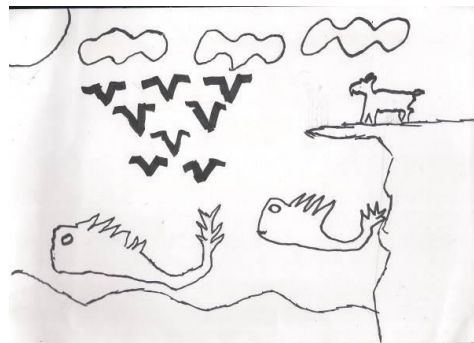
Um dos alunos disse que Calasans só fazia cabras e baleias, lembrei que estávamos trabalhando apenas com a fase de xilogravuras das Cabras e Baleias e que havia outros trabalhos dele, coloridos e com outras técnicas. Nos trabalhos colocados para releitura havia um com fundo azul e outro com um sol laranja, perguntaram como poderiam fazer? Disse que podiam usar estas cores.

³¹ Disponível em: <http://www.arteeeventos.com.br/paginas_leilao/pictures/030a.jpg>. Acesso em 12 ago. 2016

Figura 66 - Cabras, Baleias e Arcos



Fonte: pinterest.com/kleyton_p/calasans-neto³²

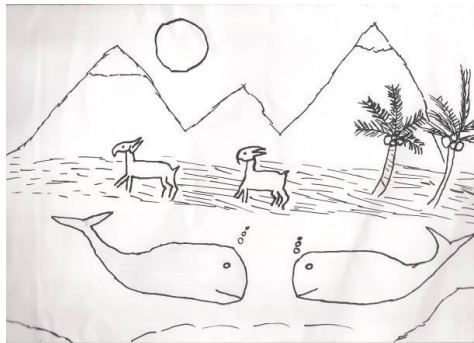


Releitura “Cabras, Baleias e Arcos” – Autor: Tauan
Fonte: A autora. 2016.

Figura 67 - Cabras e Baleias



Fonte: mrcgaleria.com.br³³



Releitura “Cabras e Baleias” – Autor: Rafael
Fonte: A autora. 2016.

Figura 68 - IV Itapuã



IV Itapuã - Fonte: arteeeventos.com.br³⁴



Releitura “IV Itapuã” – Autor: Milena
Fonte: A autora. 2016.

³² Disponível em: <<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/236x/02/8f/c7/028fc7588509b07199f335a84a2a5b95.jpg>>. Acesso em 12 ago. 2016.

³³ Disponível em: <http://www.mrcgaleria.com.br/mcr/albums/userpics/10001/normal_CALASANS%20NETO-CABRAS%20E%20BALEIAS-50%20X%2080%20CM-ASSINADO.jpg>. Acesso em 12 ago. 2016

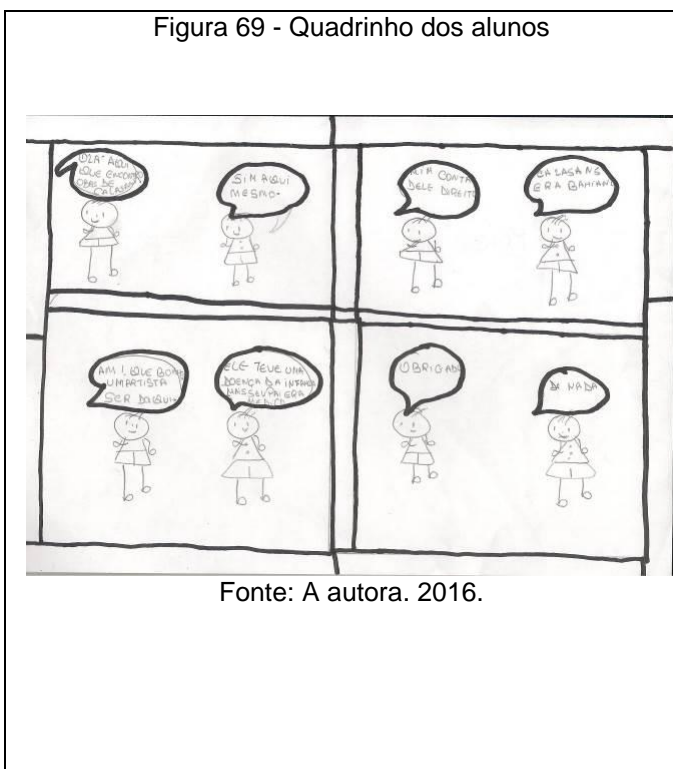
³⁴ Disponível em: <http://www.arteeeventos.com.br/paginas_leilao/pictures/030b.jpg>. Acesso em 12 ago. 2016.

Ao escolher uma das obras de Calasans deveriam colocar o nome no verso do trabalho. Começaram desenhando a lápis e depois cobriram com o marcador preto. A atividade foi tranquila, desenhavam e vinham me mostrar, apontei algumas vezes que Calasans tinha um traço mais reto, mais anguloso. Muitos alunos trouxeram o desenho perguntando se estava bom, sinalizei que faltava a parte deles, que Calasans estava no trabalho, mas faltava ele. Não deu tempo de todos terminarem na sala, levaram para casa para terminar e trazer na aula seguinte.

17ª Aula 18/10/2016

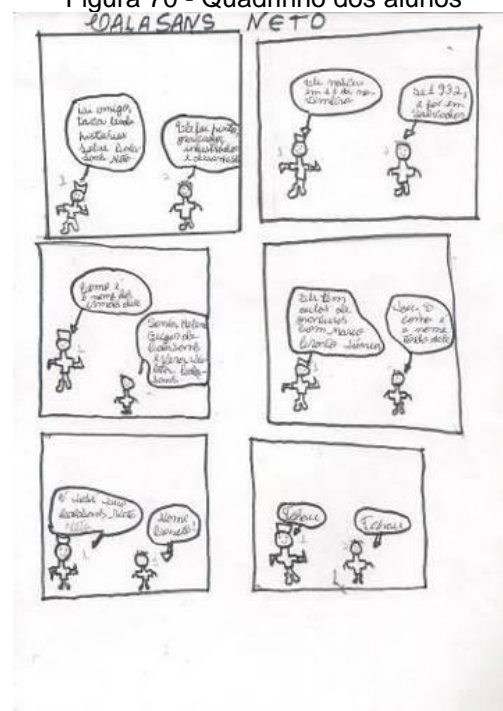
A proposta foi passar a limpo as histórias sobre Calasans que entregaram dia 11/10. A dinâmica da aula era ler cada história, chamar os autores, sugerir algumas mudanças: no texto, na imagem, no layout; depois faziam as correções ortográficas e gramaticais nos balões com Maria. Com as correções feitas, os alunos recebiam um papel mais grosso e passavam a limpo as histórias, fazendo a arte final. Alguns pediram para mudar a história que trouxeram antes, refazendo o argumento. As principais correções sugeridas foram de relacionar texto com imagem; escrever o texto e depois desenhar os balões; correção de erros gramaticais; algumas histórias horizontais foram orientadas para construção vertical e algumas ganharam mais requadros (figura 69 e 70); ausência de cenário nos quadrinhos.

Figura 69 - Quadrinho dos alunos



Fonte: A autora. 2016.

Figura 70 - Quadrinho dos alunos



Fonte: A autora. 2016.

Um dos alunos disse que não iria participar da pesquisa, sinalizei que o trabalho dele era bom e uma colega reforçou o elogio, ficou de pensar. Falei para turma que quem quisesse desistir podia, mas tínhamos até o final do ano para resolver esta questão. Como o processo de elaboração das ideias e desenho das histórias é um processo individual, a atividade foi desenvolvida em silêncio. Não conseguimos concluir o trabalho, recolhi as histórias e continuamos o processo na aula seguinte.

18ª Aula 25/10/2016

Reiniciamos o processo da aula anterior, entreguei os desenhos e à medida que ia entregando, sinalizava questões de diagramação da página, coerência entre texto e imagem, inserção de cenário, lógica da história. Alguns alunos estavam no processo, entenderam as contribuições e trabalharam para resolver as questões. Outros voltaram com os mesmos problemas. Maria continuou ajudando na correção dos erros de português nos balões. Ao final recolhi os trabalhos e rascunhos para concluirmos na próxima aula.

19ª Aula 01/11/2016

Distribui os trabalhos e sinalizei que seria o último dia para concluirmos. Faltando duas semanas para encerrar o ano letivo, Maria precisava de algumas aulas para finalizar a unidade. Alguns alunos ainda estavam trabalhando os rascunhos. Fui ajudando e resolvendo algumas dúvidas e dificuldades durante o processo, alguns tiveram que refazer a arte final porque cobriram as letras com o piloto e a leitura ficou confusa. Levei régua, caneta preta, lápis, borrachas para a aula, alguns alunos não tinham estes materiais. Confirmei a participação de todos na pesquisa, um aluno sinalizou a dúvida em participar porque não desenhava bem, eu e uma colega dele o incentivamos a participar, resolveu continuar o processo. Alguns alunos não conseguiram entregar o desenho final, combinei de entregarem pronto na próxima aula.

Voltei na escola na semana seguinte, 08 de novembro, para recolher os trabalhos.

5.3 P.S. - Post scriptum

Algumas considerações não cabem na narrativa das intervenções realizadas na sala de aula, neste momento elas serão ampliadas. As interlocuções e relações percorrem caminhos indiretos e sutis. A alfabetização das crianças não deve apenas contemplar o reconhecimento e a compreensão das letras e palavras, imersos em um mundo onde a imagem é utilizada para motivar, educar, informar, as crianças precisam entender os elementos constitutivos das imagens, seu uso e a importância destas em seu percurso social e pessoal. Compreender que a comunicação se dá, também, através das imagens.

A proposta triangular: ler, fazer, contextualizar, contempla a mediação destes olhares, a assimilação destas imagens e a construção delas. Propõe também a contextualização,

o entendimento que as imagens são geradas por indivíduos imersos em um sistema social que se reflete em sua produção artística, e sendo reflexo se transforma em signo desta mesma sociedade. Mas é no fazer, na experiência prática que podemos exercitar este fazer, pensar, reconstruir e transformar a si mesmo e a realidade a sua volta. Na compreensão dos processos construtivos, reflexivos, a mediação de si e do outro ocorre com mais clareza e de forma mais fluida.

Os processos criativos são processos construtivos globais. Envolvem a personalidade toda, o modo de a pessoa diferenciar-se dentro de si, de ordenar e relacionar-se em si e de relacionar-se com os outros. Criar é tanto estruturar quanto comunicar-se, é integrar significados e é transmiti-los. Ao criar, procuramos atingir uma realidade mais profunda do conhecimento das coisas. (OSTROWER, 1987, p. 142-143).

Através da experimentação nas aulas de arte o encontro com o novo, um novo material, uma nova técnica, uma nova imagem, além da surpresa e das dificuldades iniciais, permite a ampliação das possibilidades criativas e comunicativas. Aumentando o repertório, seja ele qual for, elevam-se as possibilidades de expressão. Neste sentido de apreender algo novo e exercitar o processo criativo, foram propostas as atividades práticas de isogravura e colagem.

A técnica de xilogravura, muito utilizada por Calasans, é uma técnica que precisa de madeira e goivas, materiais difíceis de prover para 33 alunos e ao mesmo tempo apresentam certo risco no uso das goivas, os alunos podem se cortar, corte complicado como já presenciei no curso de Artes Plásticas. A substituição pela isogravura permite que o aluno conheça o princípio da técnica, utilizando materiais de fácil acesso e que não apresentam risco de cortes. Outro fator favorável à isogravura é a similaridade com a xilogravura, em ambas as técnicas o aluno tem a experiência de construir uma imagem a partir da linha. Uma linha que pode se transformar em plano e formar imagens. Em ambas as técnicas a imagem é impressa invertida, e é preciso cuidado no entitamento da matriz e no momento da impressão.

A isogravura foi utilizada também como suporte para o exercício de interpretação visual. Apresentei um texto aos alunos e eles deveriam traduzir este texto em imagem, transformar palavras em imagens, escolher imagens que carregassem em si o sentido de algumas palavras. De início pode-se incorrer na significação palavra-imagem, necessário um exercício constante para se conseguir captar do texto seu sentido global e construir uma forma que o represente, nesta construção são utilizados todos os conhecimentos sobre linhas, pontos, cores, texturas, perspectiva, as funções e possibilidades expressivas destes elementos.

Quanto maior a intimidade com estes elementos maiores as possibilidades de construir uma imagem que carregue o sentido abstrato do conteúdo subjetivo imerso nas palavras. Este exercício é similar ao utilizado com as palavras durante nossos anos escolares, compreensão das letras, palavras, possibilidades expressivas contidas em cada verbo, interpretação das frases além da simples significação das palavras. Mas ao contrário destas, que passamos todos os anos de escolaridade no exercício de compreensão e uso delas, as imagens não têm o mesmo espaço na escola para nossa apreensão. Nesta prática os alunos vivenciaram a técnica construindo linhas curvas e retas com a ponta do lápis, com o fundo fizeram pontos (figura 71), houve tentativas de construção de planos cromáticos, como neste exemplo (figura 72) nos coqueiros e na figura no centro da composição.

Figura 71 - Isogravura dos alunos



Fonte: A autora. 2016.

Figura 72 - Isogravura dos alunos



Fonte: A autora. 2016.

Mesmo em um exercício tão simples é perceptível a presença da individualidade nas composições, o mundo que o aluno conhece e suas representações simbólicas estão expressas nos trabalhos. Esta individualidade pode ser percebida se olharmos atentamente a maneira particular que os alunos representaram o mar. Enquanto um utilizou a repetição de linhas com a mesma forma em repetições regulares para representar as ondas do mar (figura 71), o outro representou o mesmo mar utilizando linhas curvas com uma maior distância entre elas e combinadas irregularmente (figura 72).

A colagem foi outra técnica apresentada aos alunos; em nossa proposta utilizamos dois papéis de cores diferentes, um preto e outro branco, os alunos deveriam criar uma composição utilizando figuras brancas sobre o fundo preto ou figuras pretas sobre fundo branco. Neste exercício, além da experiência com a técnica, propomos a exploração das formas, um exercício de expressividade em que não contávamos com a ajuda expressiva das cores.

Figura 73 - Colagem em preto e branco dos alunos



Fonte: A autora. 2016

Figura 74 - Colagem em branco e preto dos alunos



Fonte: A autora. 2016

Neste exercício observamos como os alunos exploram o espaço do papel na organização dos elementos, enquanto uns tem uma estruturação ordenada dos planos (figura 73), outros conseguem organizar o espaço de uma forma que subverte a lógica

da perspectiva que estamos acostumados, nos causando certa estranheza na compreensão da imagem (figura 74).

Através do fazer, livre ou direcionado, o aluno compreende as dificuldades e facilidades na construção de algo. Este exercício pode ser mediado por propostas de interlocução com obras já constituídas socialmente como artísticas ou com imagens ou objetos utilizados cotidianamente e que não são considerados obras artísticas, facilitando a compreensão de que o processo criativo acontece na prática da elaboração, uma atividade que precisa ter uma constituição solidificada na pesquisa reflexiva, na exploração das possibilidades expressivas em exercícios para domínio técnico e sensível dos materiais e formas.

No ensino de Arte os objetos artísticos são fruição, estesia e informação. Partindo da arte chegamos à compreensão das imagens que estão a nossa volta e fazem parte da nossa cultura visual.

As obras artísticas, os elementos da cultura visual, são, portanto, objetos que levam a refletir sobre as formas de pensamento da cultura na qual se produzem. Por essa razão, olhar uma manifestação artística de outro tempo ou de outra cultura implica uma penetração mais profunda do que a que aparece no meramente visual: é um olhar na vida da sociedade, e, na vida da sociedade, representada nesses objetos. Essa perspectiva de olhar a produção artística é um olhar cultural. (HERNÁNDEZ, 2000, p. 53).

Partindo deste princípio foi realizada uma série de atividades em que os alunos conheceriam as obras do artista baiano Calasans Neto, numa clara tentativa de ampliar o conhecimento da cultura no qual eles estão imersos. Aumentando sua cognição através da expansão de seu repertório de imagens, propomos a reconstruções destes signos que nos constituem enquanto ser cultural. Ainda acompanhando os pensamentos de Hernandez (2000, p.54), a arte e a cultura seriam mediadoras de significados, deste modo elas dizem sobre si, sobre quem as constituiu e sobre onde elas foram criadas. São passíveis de interpretação e podem ser construídas e reconstruídas. Ao estabelecer uma relação de diálogo com estas criações humanas

(arte e cultura), o aluno torna-se um cidadão mais consciente e crítico do meio social que está. Se aliarmos a leitura e contextualização ao fazer, criar, ele consegue dar conta de uma forma de expressão diferente, e ao mesmo tempo tão necessária quanto a linguagem verbal ou científica, a comunicação das formas, que se apresenta nas imagens.

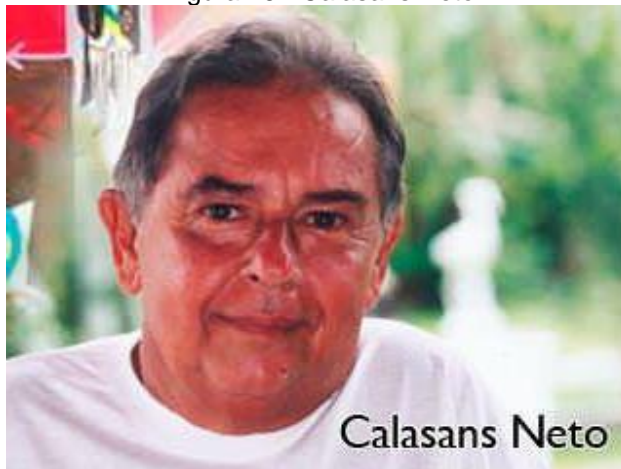
As atividades propostas nesta pesquisa sempre permearam a leitura, contextualização e o fazer. As relações estabelecidas pelos alunos, suas interlocuções são sempre muito interessantes. E percebemos mudanças no caminhar das ideias, das produções plásticas e verbais. Algumas colocações interessantes surgiram na aula 12 (16/08/2016), a primeira em relação à roupa usada por Calasans em uma fotografia que levei (figura 75), eles ficaram curiosos sobre a roupa, não acreditaram que ele tinha apenas 15 anos por causa da roupa que usava; expliquei que naquela época os homens se vestiam assim no dia a dia.

Figura 75 - Calasans Neto em uma apresentação da Jogralesca, 1956



Fonte: FRAGA, 2007.

Figura 76 - Calasans Neto



Fonte: [escritoriodearte.com](https://www.escritoriodearte.com)³⁵

³⁵ Disponível em: <<https://www.escritoriodearte.com/imagens/artista/calasans-neto.jpg>>. Acesso em 04 de Dez. de 2016.

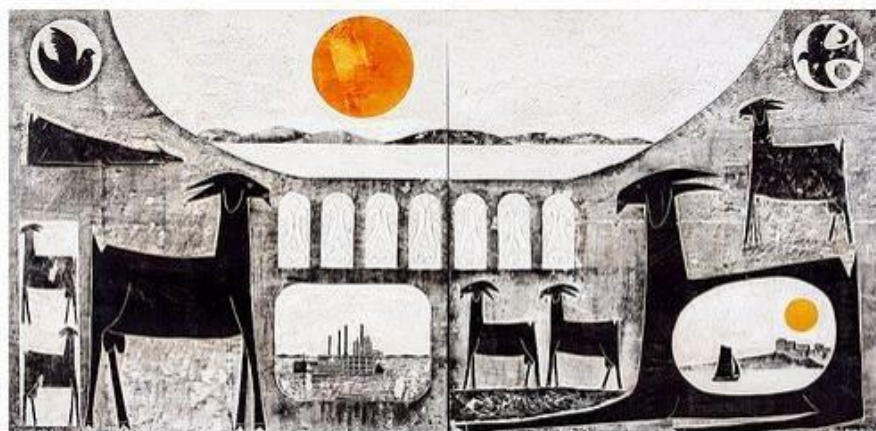
Sobre a fotografia de Calasans mais velho (figura 76), perguntaram se era meu pai. Na leitura de imagens as observações também apresentam algumas curiosidades, mas se pensarmos que

... a leitura da imagem é produto de um conjunto de conhecimentos do leitor que se articula com o texto da obra a ser lida, entrecruzando-se numa trama a princípio caótica, mas que acaba por se organizar no processo de geração de significação. Podemos dizer então que leitura se constrói num ir e vir *ad infinitum*, num diálogo entre o repertório do leitor e o texto lido. (BUORO, COSTA, 2012, p. 100).

Compreenderemos que como signo, as imagens são passíveis de diversas leituras, e uma mesma pessoa pode apreender uma mesma figura de maneiras diferentes, tudo dependendo de seu repertório imagético e de suas relações com seu entorno cultural. Desta maneira as percepções que os alunos apresentam na leitura das imagens não se configuram nem como acertos nem como erros, porque toda sua interpretação depende de suas referências.

Diante da imagem “Cabras e Paisagem” (figura 77) entenderam que existia uma parte de dentro e uma parte de fora. O limite entre as partes foi entendido como este plano cinza com uma curvatura superior e algumas “aberturas” em forma de arcos. Os elementos à frente deste plano seria “dentro”, o mar e a linha do horizonte com o sol seriam a parte de “fora”. Diante destas afirmações percebemos que alguns já têm uma percepção de profundidade a partir de planos. Sobre a mesma imagem alguns alunos não contextualizaram a linha de terra sobre o mar, não tinham este referencial imagético, mas alguns alunos que já tinham visto o mar e a ilha de Itaparica ao fundo, conseguiram explicar aos colegas porque a terra estava sobre o mar.

Figura 77 - Cabras e Paisagem, 1979



Fonte: desenbahia.ba.gov.br³⁶

Na imagem “Cabras e Baleias” (figura 78) eles conseguiram estabelecer um paralelo interessante, seria o outro lado da figura 77, a parte de “fora” da mesma construção.

Figura 78 - Cabras e Baleias, s/d



Fonte: mcr Galeria.com.br³⁷

Na figura 79, a dúvida foi porque as cabras estavam dentro da água, outros alunos me ajudaram a explicar que a cabra da frente estava sobre a areia, e complementaram que

³⁶ Disponível

em: <<http://www2.desenbahia.ba.gov.br/publita0/arquivos/imagens/1b72c88d0bf64e84ad18886fea0f3894.jpg>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

³⁷ Disponível

em: <http://www.mcrGaleria.com.br/mcr/albums/userpics/10001/normal_CALASANS%20NETO-CABRAS%20E%20BALEIAS-50%20X%2080%20CM-ASSINADO.jpg>. Acesso em 12 ago. 2016.

elas estavam na praia. Na figura 80 queriam saber o motivo das cabras estarem dentro da água junto da baleia, perguntando se existiam cabras aquáticas. Expliquei que não existiam cabras aquáticas, mas não dei uma explicação dos motivos delas estarem na água, deixei que a imaginação e experiência deles resolvessem esta questão, sinalizei apenas que as cabras poderiam estar na parte mais rasa da praia. E na figura 81 alguns alunos visualizaram uma baleia e não uma cabra deitada na parte inferior da gravura, outro aluno levantou e foi apontando os chifres, orelha, olho da cabra.



A leitura das imagens e a contextualização histórica é apenas uma parte do percurso na construção do conhecimento em Arte, existe um terceiro movimento que é a produção, o fazer. A proposta de nossa pesquisa é desenvolver a leitura imagética e textual e encontramos nas histórias em quadrinhos a possibilidade de trabalhar estas duas linguagens. Esta forma de Arte necessita de uma atitude interdisciplinar porque procura inter-relacionar vários conteúdos tanto na construção das histórias quanto na sua

³⁸ Disponível em: <http://www.arteeeventos.com.br/paginas_leilao/pictures/139_6.jpg>. Acesso em 12 ago. 2016.

³⁹ Disponível em: <http://www.arteeeventos.com.br/paginas_leilao/pictures/030b.jpg>. Acesso em 12 ago. 2016

⁴⁰ Disponível em: <http://www.arteeeventos.com.br/paginas_leilao/pictures/002a_4.jpg>. Acesso em 12 ago. 2016.

compreensão, além de seus códigos específicos que tornam as HQs uma forma de linguagem com características bem específicas.

Uma forma de arte em que o escritor/artista deve dominar um amplo repertório de fatos e informações sobre inúmeros temas, a aquisição de conhecimentos é interminável. Afinal, trata-se de uma forma artística que trata da experiência humana. (EISNER, 1989, p.145).

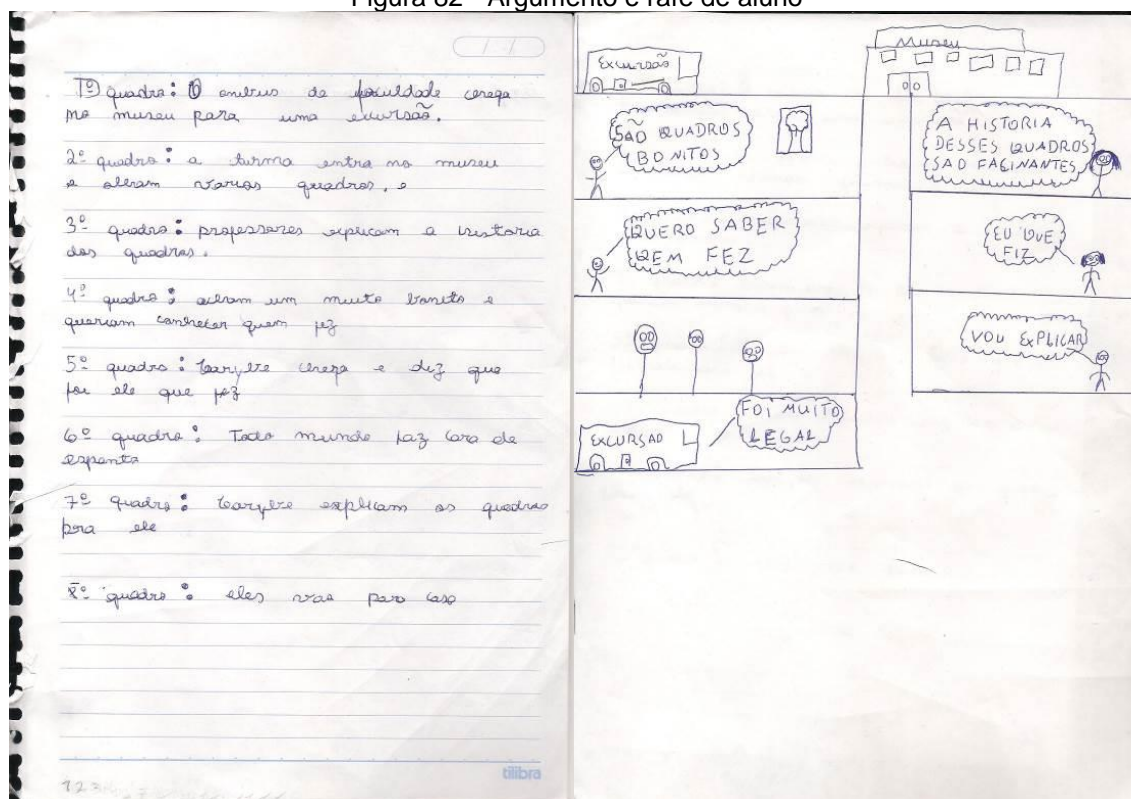
Apresentando um amplo campo de experimentações e possibilidades criativas e inventivas, na construção material da história e na sua elaboração conceitual, porque envolve o conhecimento de si e do repertório do outro, enquanto leitor do trabalho. Em sua elaboração é imprescindível o conhecimento de códigos verbais e imagéticos, porque a interação texto e imagem precisam acontecer.

No caminho das especializações as HQs não ficaram de fora, atualmente é comum encontrarmos uma história construída por um roteirista, com outra pessoa desenhando, outra arte-finalizando, outra colorindo, outra fazendo o letramento, um trabalho em equipe que exige uma interação muito grande entre os diversos profissionais, principalmente entre o roteirista e o desenhista. Mas em nosso projeto pensamos como Eisner (2005, p.115) quando diz que o processo ideal de escrita ocorre quando o escritor e o artista são a mesma pessoa, encurtando a distância entre a ideia e sua tradução. Neste caso como os alunos ainda estão em processo de apreensão dos códigos específicos das HQs, como balões, requadros, onomatopeias, achamos que seria mais produtivo que o aluno fosse responsável pelo roteiro, desenho e finalização das suas histórias. Um processo que em si não tem nada de simples.

O processo de escrever para uma narração gráfica está relacionado com o desenvolvimento do conceito, a descrição dele e a construção da sequência narrativa para traduzi-lo em imagens. O diálogo auxilia a imagem e ambos estão a serviço da história. Eles se combinam e emergem como um todo sem emendas. (EISNER, 2005, p. 115).

As ideias iniciais que surgiram na proposta da 11ª aula, (26/07/2016), após a explicação de alguns dos elementos básicos que compõem uma história em quadrinhos, mostraram potencialidades. Pedimos um argumento, o rafe/esboço e a história finalizada, após uma explicação rápida as produções surpreenderam, alguns problemas na diagramação, na posição dos balões, no letramento depois de desenhar os balões, mas foram entregues histórias interessantes.

Figura 82 - Argumento e rafe de aluno

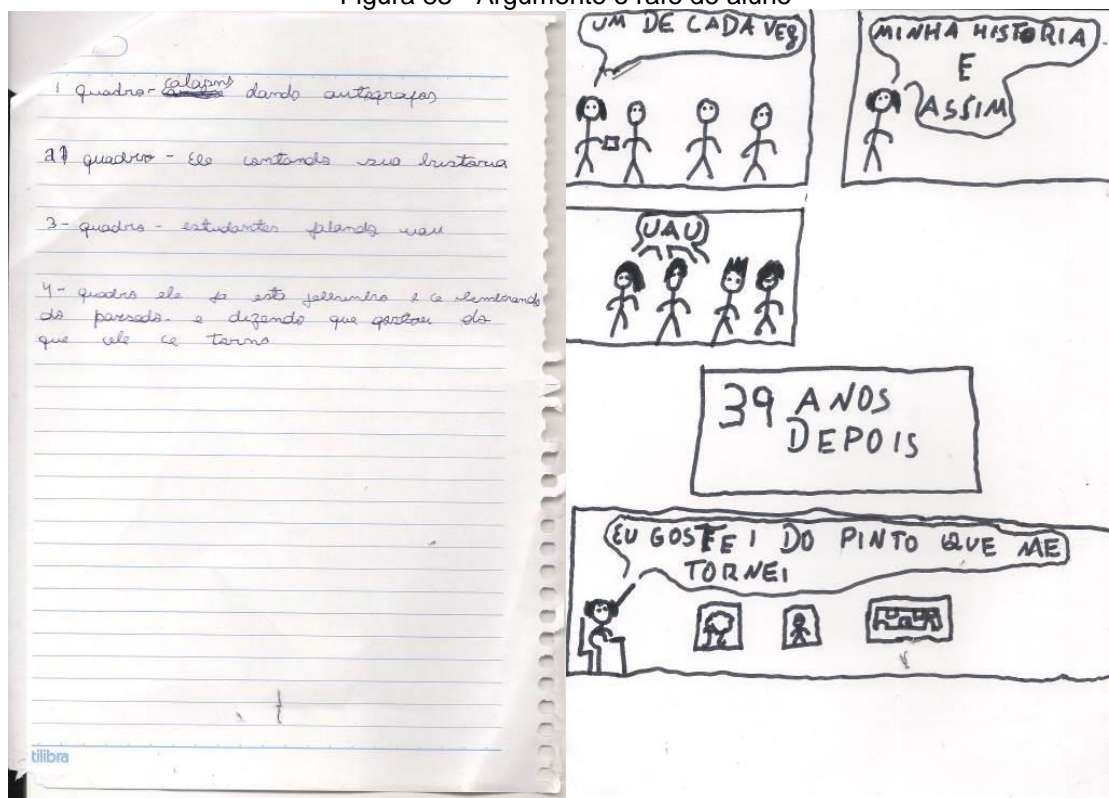


Fonte: A autora. 2016

Na figura 82 vemos um argumento claro, mas sem as falas, estas foram construídas no momento de desenhar a página; na diagramação da página (organização dos quadros na folha de papel) os quadros estão concentrados na metade superior da folha, percebemos ausência de calhas/sarjetas, cenário quase inexistente. O aluno se preocupou em acrescentar alguns elementos numa tentativa de acrescentar mais informações além da presente nos balões. Os balões têm um contorno de balão de sonho, com um rabicho bem simplificado, mas, direcionado ao interlocutor. Todo o

desenho é bem simplificado, esquemático. No segundo trabalho apresentado pelo mesmo aluno (figura 83) vemos no argumento uma indicação de fala. No desenho do quadrinho já encontramos uma tentativa de diagramação com calha, mas sem deixar a borda da página. O contorno dos balões já se assemelha ao de fala normal, e o rabicho aparece aberto. Algumas pessoas podem visualizar este rabicho e até mesmo o anterior e sinalizar para criança que está errado, neste momento é bom lembrar que as convenções tanto em Artes Visuais quanto nas histórias em quadrinhos servem apenas de parâmetro e podem ser quebradas ou reinventadas sempre que o autor julgar necessário; afinal é desta forma que as novidades e inovações vão sendo construídas, com a mudança dos paradigmas. Neste caso precisamos atentar para a função do balão, de conter a fala do personagem e do rabicho, de indicar o personagem que está falando, que nesta história estão sendo cumpridas; se não compromete a compreensão da história, a forma pode sofrer alterações.

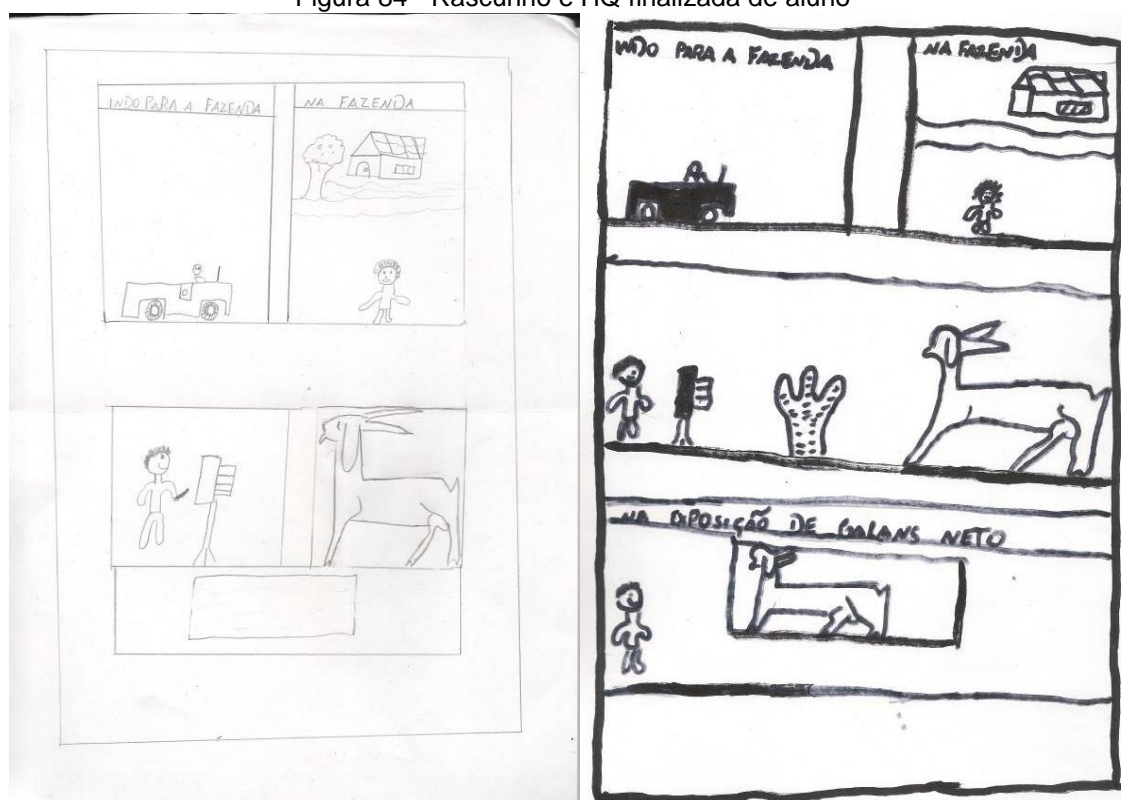
Figura 83 - Argumento e rafe de aluno



Fonte: A autora. 2016.

Na terceira história criada (figura 84), o aluno já faz uso de outro recurso, a narração. A construção da narrativa é feita com base no desenho, com pequenas inserções do narrador para situar o leitor, que precisa complementar a história a partir da sequência dos quadros. Neste último trabalho já temos uma diagramação mais organizada com as calhas e a margem, apesar de vermos no rascunho linhas mais retas e mais simétricas. A narrativa também sofreu uma mudança com a inclusão de um quarto requadro, apresentando o desfecho da história.

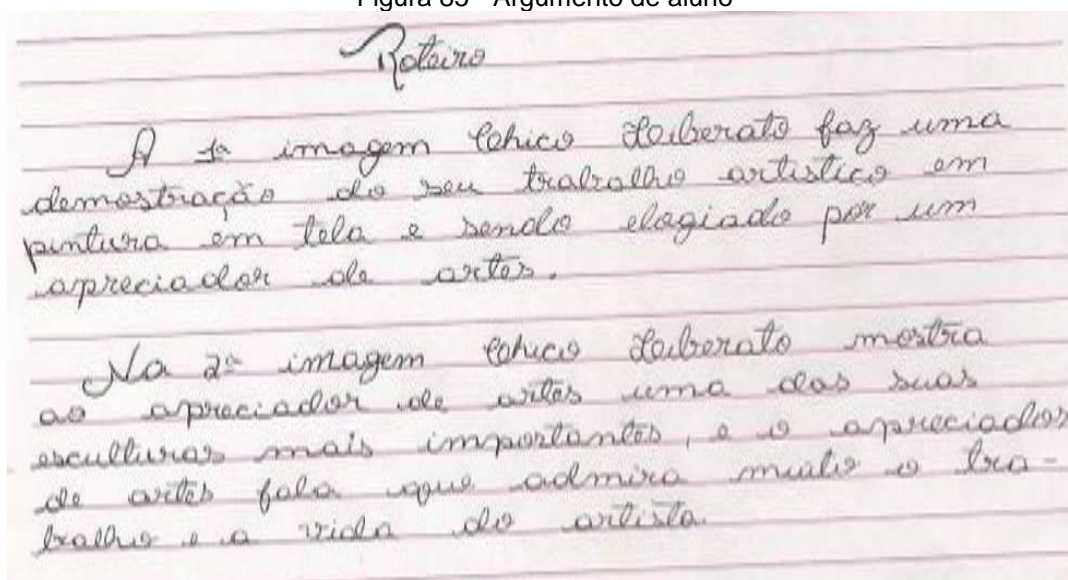
Figura 84 - Rascunho e HQ finalizada de aluno



Fonte: A autora. 2016.

Alguns alunos na primeira proposta de construção das histórias em quadrinhos conseguiram compreender a lógica de trabalho e fizeram argumento, rafe e arte final, no argumento temos a construção da cena sem uma preocupação com a finalização do trabalho; na arte final (figura 87) são inseridos elementos na composição das cenas, que contribuem para a narrativa visual que não aparecem no argumento (figura 85).

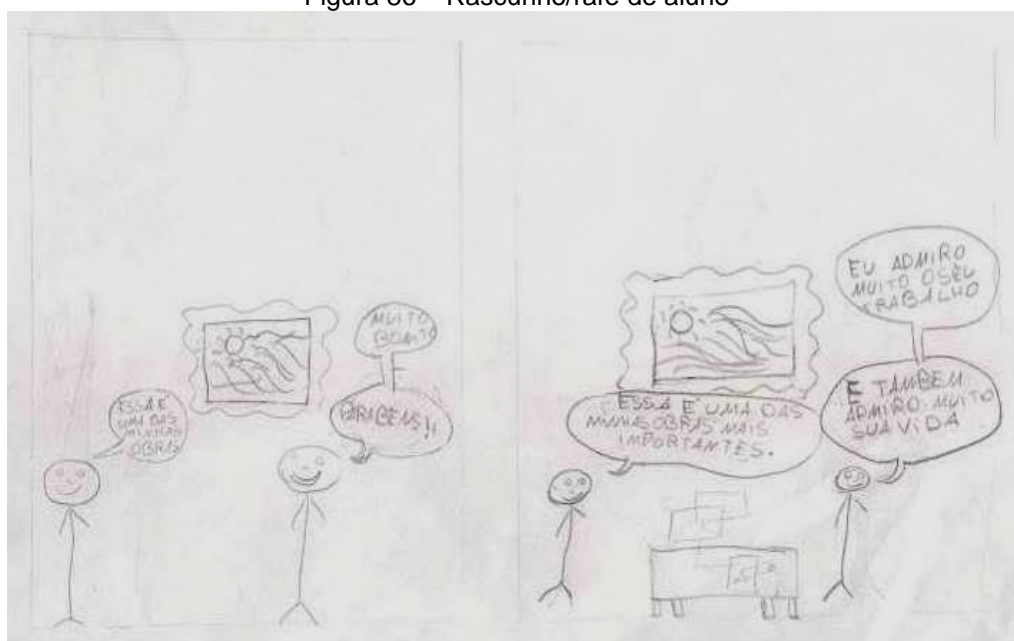
Figura 85 - Argumento de aluno



Fonte: A autora. 2016.

As falas foram acrescentadas no momento do rafe (figura 86), e até a construção do personagem é feita de forma ligeira sem muitos detalhes. Na arte final (figura 87) percebemos uma preocupação em estruturar melhor os personagens, acrescentar elementos no cenário que contextualizam a narrativa.

Figura 86 – Rascunho/rafe de aluno



Fonte: A autora. 2016.

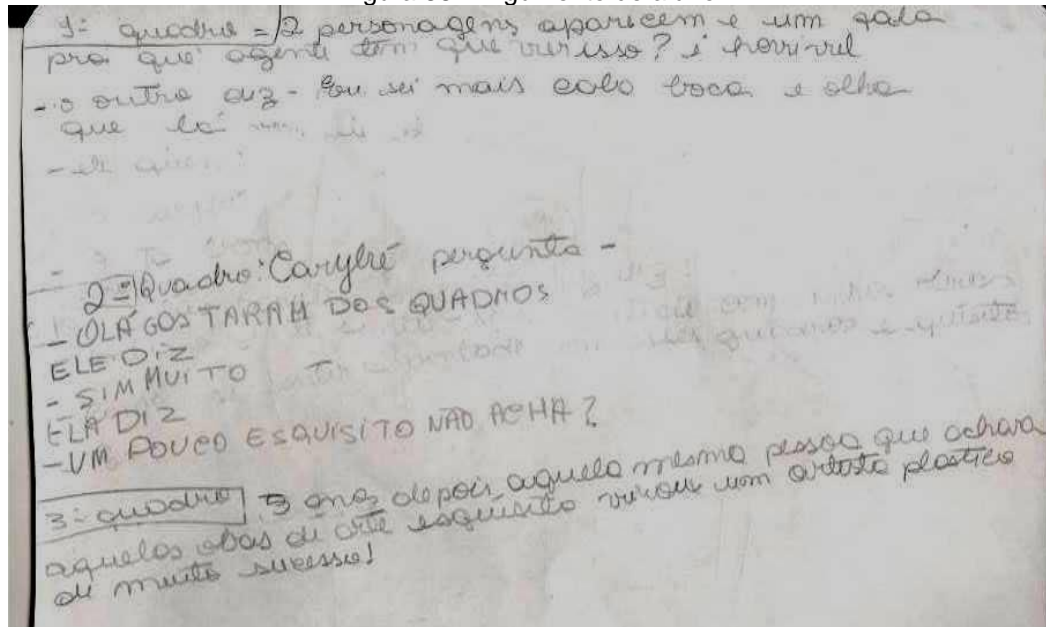
Figura 87 - Tirinha de aluno



Fonte: A autora. 2016.

Outros alunos já sinalizam as falas dos personagens no argumento (figura 88).

Figura 88 - Argumento de aluno



Fonte: A autora. 2016.

Figura 89 - Rascunho de aluno

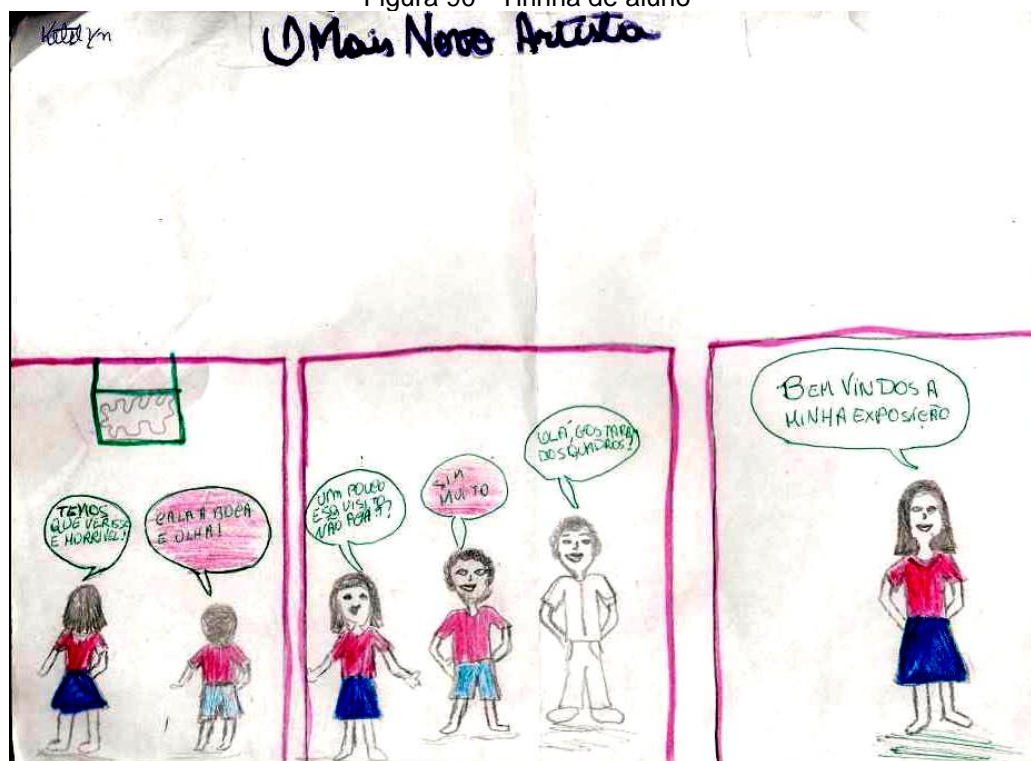
Rascunho - Rose



Fonte: A autora. 2016.

Durante a aula o rafe desta história foi discutido em sala de aula, percebi que o rafe (figura 89) não deixava claro o contexto da história; depois de ler o argumento, alguns alunos sugeriram a inserção no último quadro de um balão de narração com o texto: após alguns anos, ou algo do gênero, para explicar a passagem de tempo da personagem. A autora solucionou com a definição dos personagens, desenhando a personagem que virou artista mais alta e o cabelo sem franja no último requadro, manteve as cores da roupa para percebermos que se tratava da mesma personagem; sem a necessidade de uma narração (figura 90). Um recurso sofisticado, manter as características cromáticas dos personagens, caracterizando a permanência deles na história ao mesmo tempo em que faz pequenas alterações em um dos personagens para indicar o transcorrer do tempo.

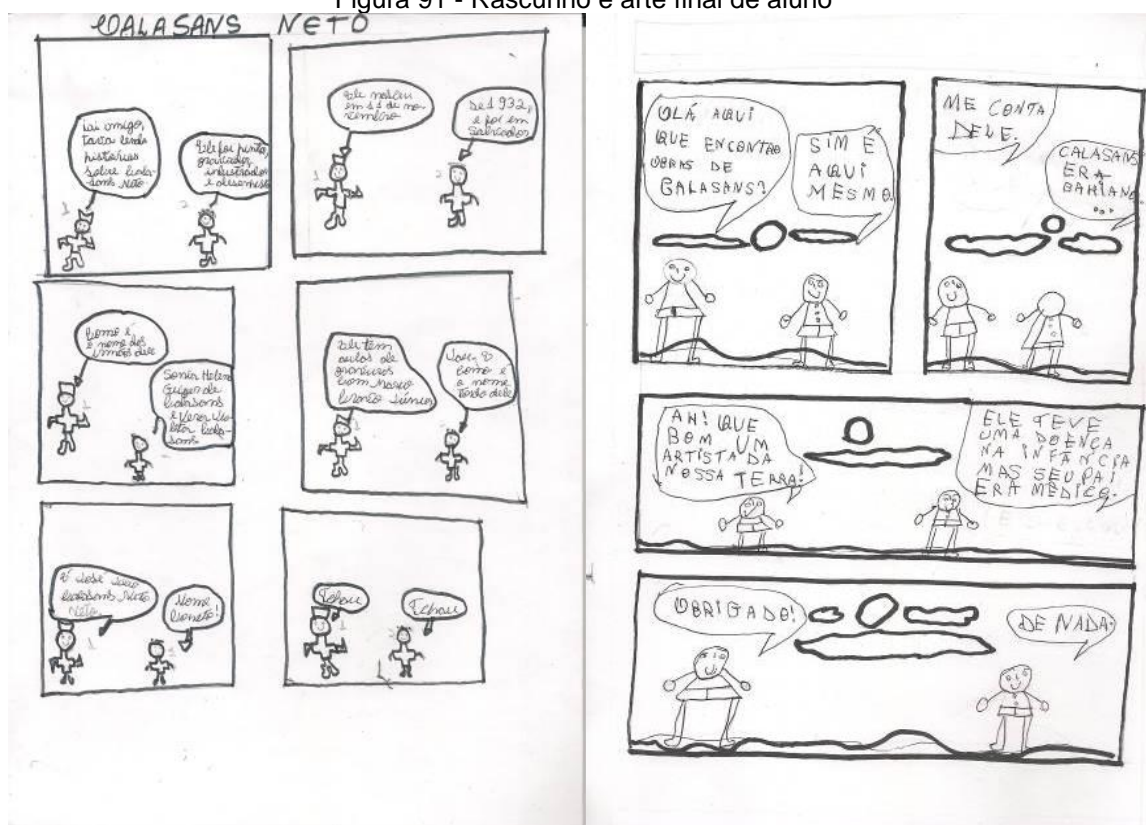
Figura 90 - Tirinha de aluno



Fonte: A autora. 2016.

Fica claro que as histórias têm problemas estruturais de forma e texto, as narrativas precisam ser mais elaboradas. Mas diante de um estudo inicial vemos a potencialidade das histórias em quadrinhos no exercício da construção textual e imagética. Um exercício que não se esgota em um ano de atividade de construção de HQs, é um percurso contínuo, com inúmeras possibilidades expressivas e construtivas, principalmente se vincularmos a exploração de diversas técnicas das artes visuais e os diversos gêneros textuais.

Figura 91 - Rascunho e arte final de aluno



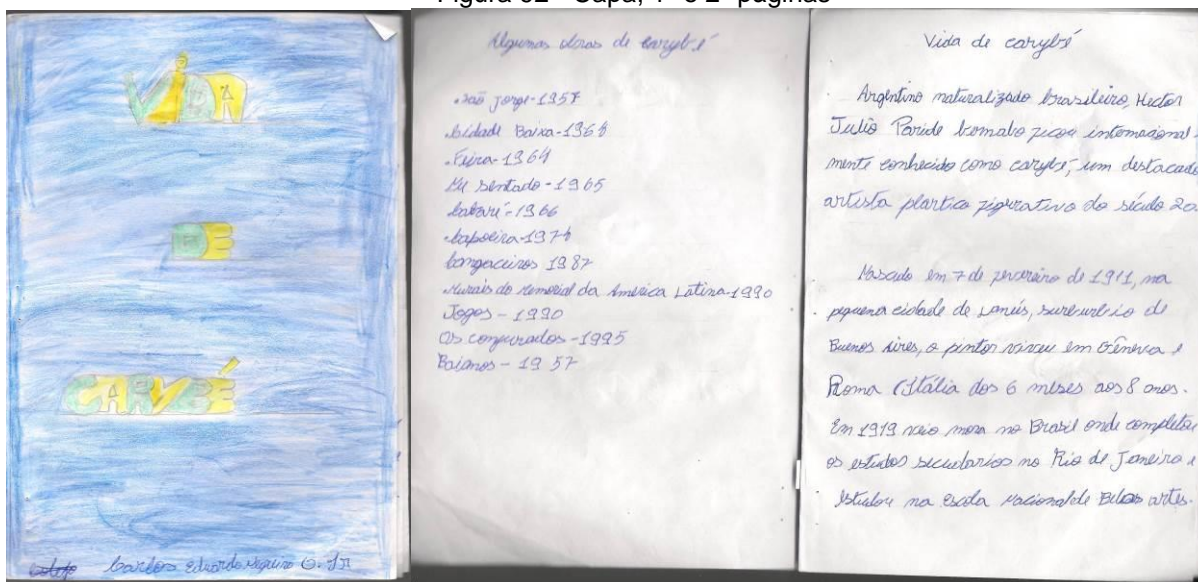
Fonte: A autora. 2016.

Em muitos trabalhos (figura 91) vemos uma ampliação do conhecimento, através do exercício de construção, da observação de trabalhos publicados, na observação dos acertos e erros dos colegas. De uma diagramação irregular, assimétrica, vemos uma organização mais simétrica das linhas dos quadros. De construções onde apenas os balões e os personagens têm destaque, vamos aos poucos conscientizando os alunos da necessidade de inserir uma paisagem, contextualizar o espaço onde as ações acontecem. Um percurso contínuo rumo a um domínio de regras pré-estabelecidas.

De início era comum ouvir dos alunos que eles não sabiam desenhar, mas quando se propõe um trabalho e se dá certa liberdade na construção deste, muitas boas surpresas ocorrem. Um aluno, na primeira construção, trouxe uma história encadernada (figura 92 e 93). E sua maneira de superar a dificuldade de copiar o desenho do artista foi

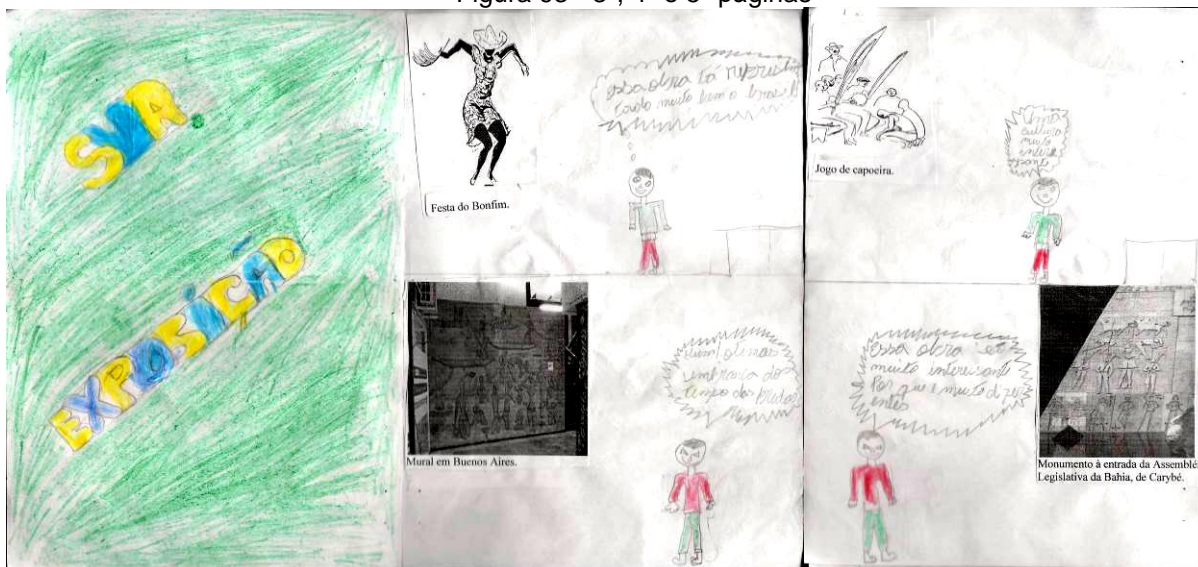
incorporar colagens de suas obras para contar sua história em quadrinhos, o resultado surpreende.

Figura 92 - Capa, 1º e 2º páginas



Fonte: A autora. 2016.

Figura 93 - 3º, 4º e 5º páginas



Fonte: A autora. 2016.

As primeiras histórias tinham a orientação do papel livre, os alunos escolhiam se sua história seria diagramada na horizontal ou na vertical. Para o trabalho final, que faria parte da nossa revistinha sobre Calasans, foi definida a orientação vertical, isto fez com

que alguns alunos tivessem que adaptar sua história construída na horizontal para o formato vertical. A sugestão de mudança da orientação era sempre acompanhada de sugestões de novas diagramações.

Figura 94 – Rascunho/rafe de aluno



Fonte: A autora. 2016.

No rafe (figura 94) percebemos a ausência de cenário e até os personagens estão incompletos. Com a sugestão de mudança de orientação do papel, do horizontal para o vertical (figura 95), algumas falas foram alteradas e alguns elementos foram inseridos no cenário.

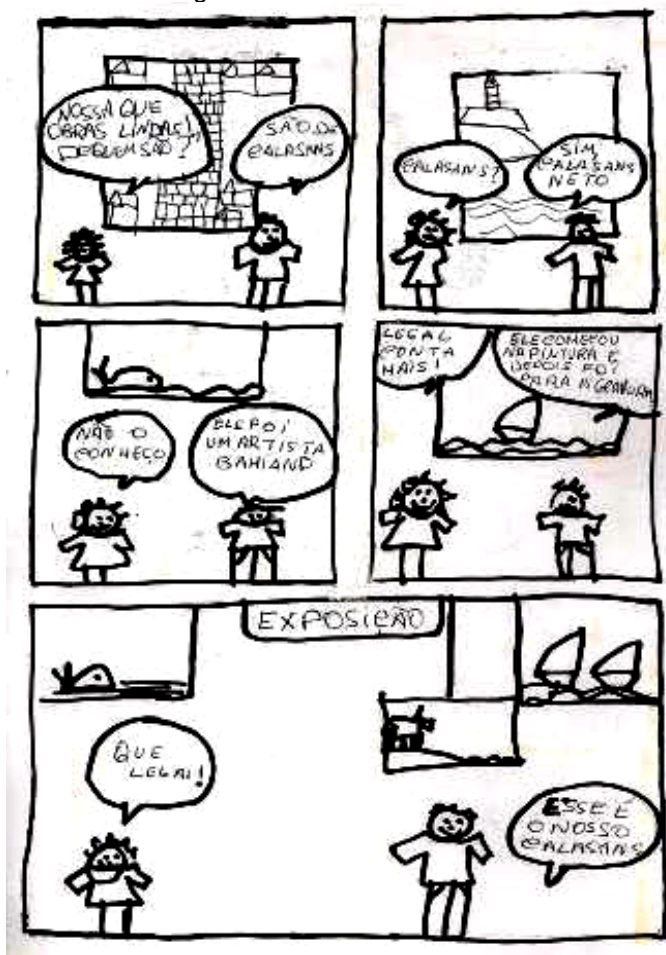
Figura 95 - Rascunho de aluno



Fonte: A autora. 2016.

Na história finalizada (figura 96), percebemos que a ausência de braços é uma característica construtiva, e houve a inserção de mais elementos para contextualizar o espaço onde as ações acontecem. O movimento na história é construído pelo cenário, os personagens permanecem os mesmos, os textos mudam, configurando o diálogo, mas o tempo passa e nossa percepção de passagem do tempo é compreendida na mudança dos quadros pendurados na parede. Este detalhe nos ajuda a construir a ideia de movimento, de que os personagens estão passeando por uma galeria.

Figura 96 - Arte final de aluno

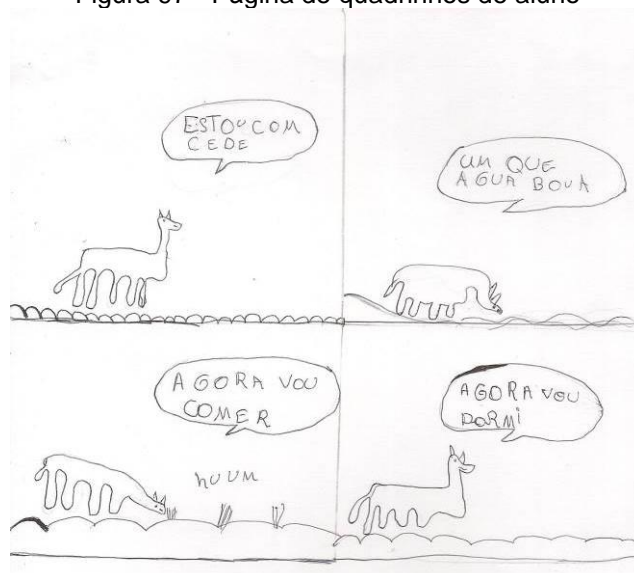


Fonte: A autora. 2016.

Nestes exemplos percebemos que a construção de histórias em quadrinhos não é uma atividade tão simples de se fazer, nem tão simples de se ensinar. A construção exige a percepção de vários fatores que vão do cenário, construção de personagens, marcação de tempo e movimento. Conhecimento dos elementos constitutivos de uma história em quadrinhos e que a caracterizam: balões, calhas/sarjetas, requadros, onomatopeias, linhas de movimento. Inter-relacionar estes diversos elementos é uma tarefa que exige o desenvolvimento de diversas habilidades cognitivas. E não é a simples organização destes elementos em uma folha de papel que se constitui uma HQ, é preciso contar uma história, desenvolver um argumento com sentido: começo, meio e fim.

Algumas ideias não chegaram a ser arte finalizadas, mas mostram o potencial criativo dos alunos, em duas delas a história é contada pelos animais eleitos por Calasans como símbolos da resistência e da fertilidade, as cabras e baleias (figura 97 e 100).

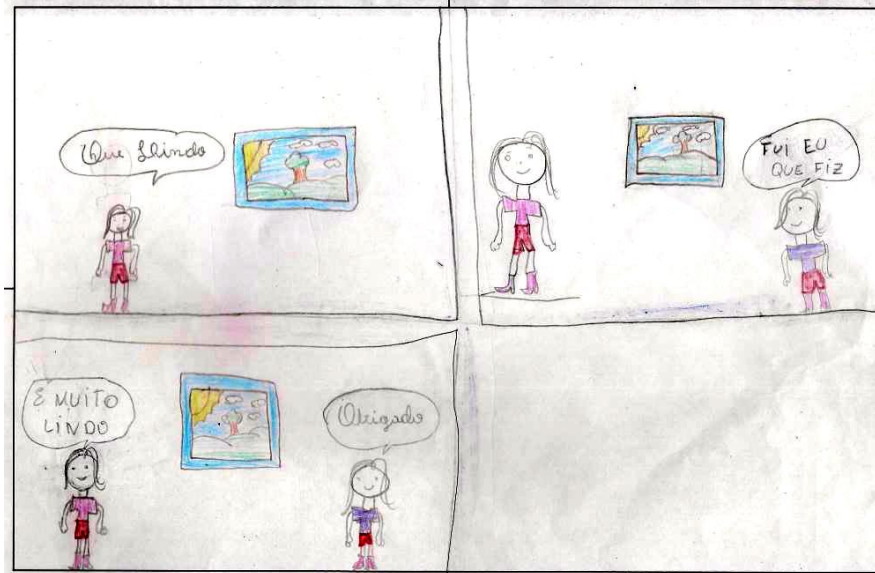
Figura 97 - Página de quadrinhos de aluno



Fonte: A autora. 2016.

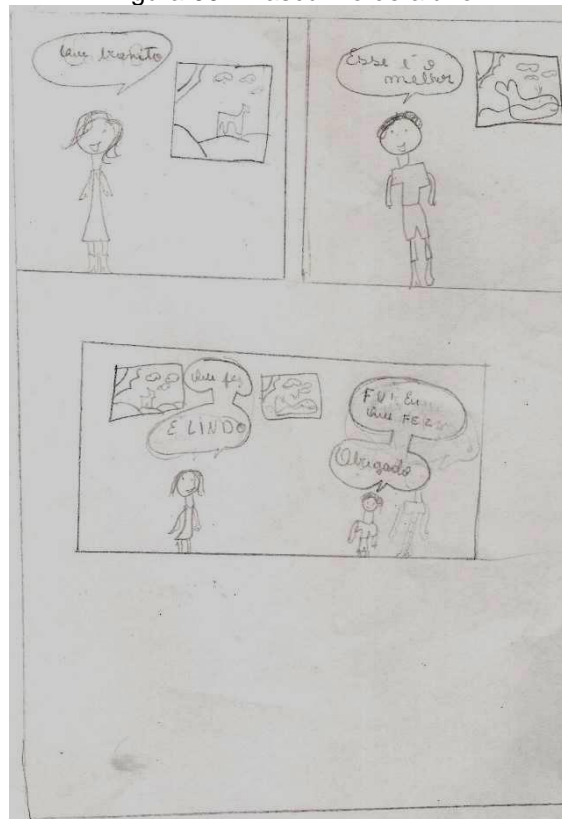
Na HQ (figura 97) a aluna nos apresenta o dia a dia da cabra, um dos personagens principais da obra do artista estudado. Uma abordagem interessante que desloca o foco do homem, e apresenta a cabra como personagem principal, assim como o próprio Calasans fez, uma vez que nesta série das “Cabras e Baleias” não vemos em nenhum dos trabalhos figuras humanas. Na segunda aula para produção das histórias ela mudou completamente o roteiro (figura 98), chegou a adaptar para o formato vertical (figura 99), mas não conseguiu finalizar esta história.

Figura 98 - Página de quadrinhos de aluno



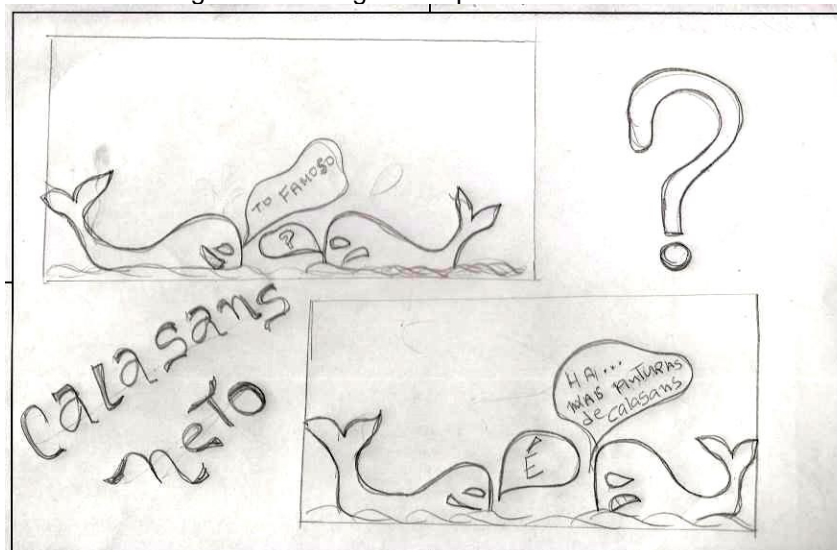
Fonte: A autora. 2016.

Figura 99 - Rascunho de aluno



Fonte: A autora. 2016.

Figura 100 - Página de quadrinhos de aluno



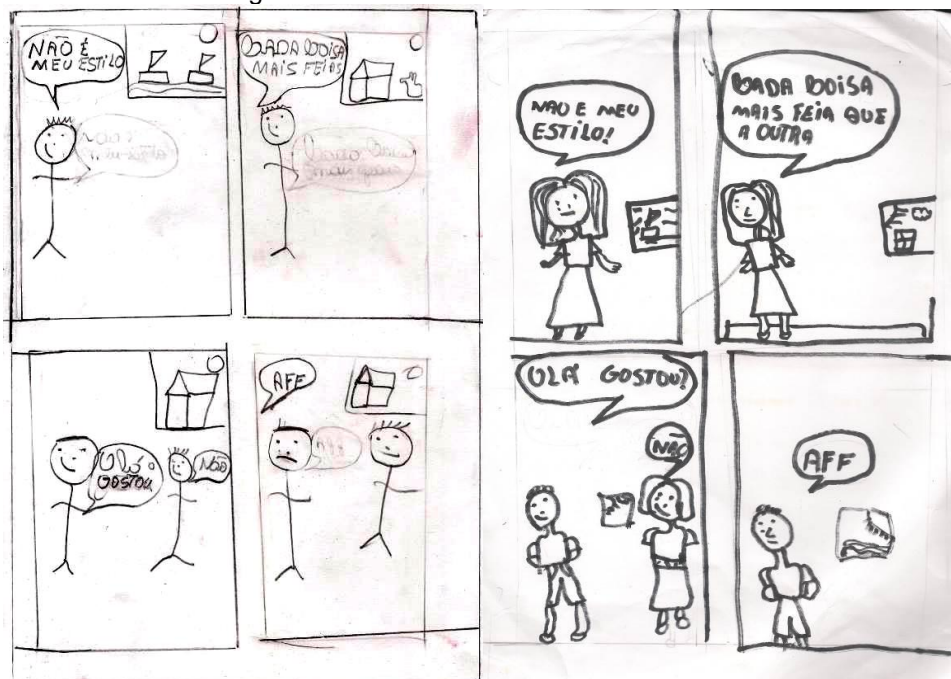
Fonte: A autora. 2016.

Outro aluno elegeu também o animal como personagem da história (figura 100), neste caso a baleia. O argumento apresenta um problema, no último quadrinho o primeiro balão é resposta do segundo. Conversei com o aluno para adaptar a história para o formato vertical e para resolver esta questão do diálogo, inverter a ordem dos balões, ou colocando o segundo bem mais alto que o primeiro; sinalizei também que poderia desenhar estes balões mais alto, não precisavam estar tão próximos das baleias já que tinha espaço no quadro para isso. No segundo quadro ele utilizou um recurso interessante, colocou uma interrogação em um quadrinho sem requadro, trazendo a dúvida da segunda baleia para ser compartilhada pelo leitor, dando uma pausa para pensarmos no desfecho, e depois finalizando a história no último quadro. Mas não aconteceu a adaptação.

Outra história que chamou minha atenção (figura 101) foi um argumento em que a aluna registrou sua opinião sobre o trabalho de Calasans, ela me trouxe o desenho a lápis e perguntou se a história podia ser assim, tive a impressão que ela queria uma negativa minha para não fazer a atividade, o que justificaria seu desinteresse. Como achei muito interessante ela apresentar em quadrinhos seu ponto de vista sobre o

trabalho do artista, ela passou a lápis sua história e fez a arte-final sem se preocupar com o acabamento do trabalho, não deixou margem em volta da história, não cobriu todas as linhas dos requadros.

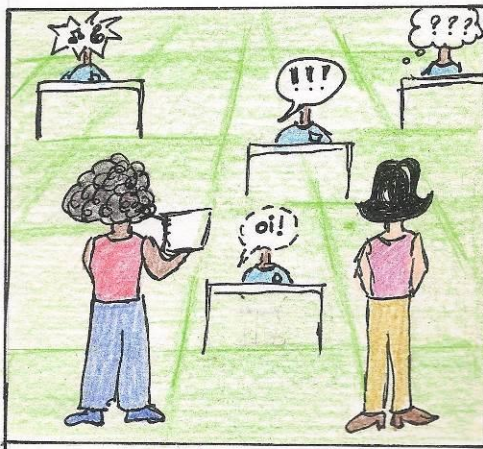
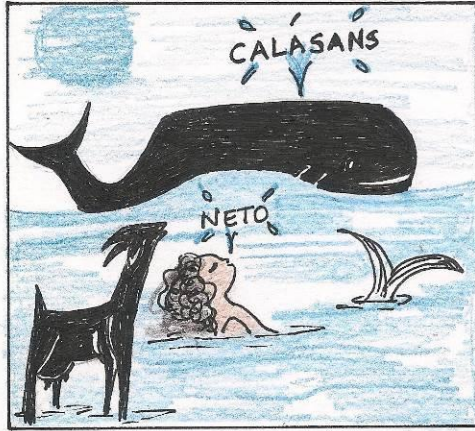
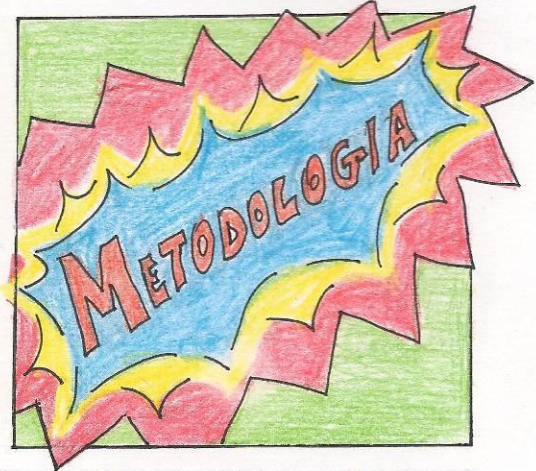
Figura 101 - Rascunho e arte final de aluno



Fonte: A autora. 2016.

Diante da complexidade envolvida na construção de uma simples página de HQ, podemos compreender a potencialidade expressiva e cognitiva desta expressão artística. Todo processo criador envolve a capacidade de entender a si, ao outro e ao mundo no desenvolvimento de uma linguagem própria para mediar uma possibilidade de comunicação. É o desenvolvimento do eu para me relacionar com o diferente, a possibilidade de expressar o particular para me comunicar com o diverso, para que o outro me perceba. No desenvolvimento do meu eu, minhas histórias são apresentadas e contextualizadas, quanto mais conheço do mundo, mais fácil será minha interação, porque se a linguagem é mediada por signos, quando maior meu conhecimento sobre ele, melhor será minha comunicação, minha troca, minha interlocução com o outro e com meu meio cultural.

A HISTÓRIA



6. CONSIDERAÇÕES

Durante as intervenções realizadas na sala de aula, as interlocuções com os alunos enriqueceram a proposta e direcionaram os encaminhamentos realizados durante o ano letivo. O objetivo de **Desenvolver a leitura e produção textual e imagética dos alunos, explorando o trabalho do artista plástico Calasans Neto na produção de histórias em quadrinhos**, foi sendo construído no dia a dia, a partir das intervenções feitas pelos alunos, das interlocuções com Professora Maria e das minhas observações em salas de aula. Se a ideia inicial era estudar cada elemento constituinte das histórias em quadrinhos e sugerir atividades específicas, este foi transformado diante da percepção de que propor atividade prática de construção das histórias e realizar intervenções pontuais nos trabalhos propondo reflexões e mudanças na estrutura, roteiro, finalização, seria um caminho mais motivador para os alunos. Mas alguns contratemplos atrapalharam o processo, diante das produções surgiram questões a respeito de diagramação, relação texto/imagem, construção de balões, uso das onomatopeias que poderiam ter sido mais explorados e não foram.

Dos objetivos específicos: 1) Apresentar, aos educandos, o artista plástico Calasans Neto e suas obras; 2) Incentivar autonomia na leitura e produção de imagens, com exploração de grafismos e técnicas diversas; 3) Promover a linguagem das histórias em quadrinhos nas aulas de Arte e de Língua Portuguesa; 4) Construir uma revista em quadrinhos sobre Calasans Neto com as pesquisas e histórias em quadrinhos produzidas pelos alunos. Posso pontuar que o terceiro objetivo de promover a linguagem das histórias em quadrinhos foi alcançado com êxito, as produções dos alunos surpreenderam por, em tão pouco tempo, eles conseguirem construir histórias com a preocupação de unir texto e imagem, vemos em suas produções uma tentativa de ir além do simples diálogo, as interações entre os personagens e a inserção de elementos nos cenários, foram ensaios para trabalhar com estes dois signos. Um leitor

desavisado pode achar as produções inconsistentes, mal-acabadas, incoerentes, mas uma leitura mais cuidadosa das HQs e o conhecimento sobre a biografia de Calasans Neto vai revelar uma compreensão efetiva da sua vida e das obras desenvolvidas pelo artista que nos serviu de inspiração. Algumas piadas ou cenas só terão sentido se o leitor mais atento perceber a sutileza dos diálogos e os elementos pontuais que dão sentido ao enredo. A limitação na representação gráfica é perfeitamente aceitável e compreensível devido às limitações pedagógicas que esses alunos enfrentam em uma rede de ensino pública (falta de professores, de material, de água, luz, livros didáticos e paradidáticos, entre outros, que são de conhecimento de todos), e de um ambiente social que não favorece a interação com diversos processos cognitivos. Outra questão a ser pontuada é a idade, entrando na adolescência, nossos alunos ainda têm pouco repertório gráfico e imagético, e sabemos que as construções simbólicas presentes nas histórias em quadrinhos são mais abrangentes quanto maior o repertório simbólico que o artista traz dentro de si.

Apenas através do conhecimento de outras maneiras de expressão e comunicação, ampliam-se as possibilidades de interação entre a forma e o conteúdo, desta maneira voltamos ao primeiro objetivo específico: apresentar, aos educandos, o artista plástico Calasans Neto e suas obras. Este objetivo inicialmente era - apresentar, aos educandos, artistas baianos pouco conhecidos. Com indicações da banca de qualificação, reduzi artistas para artista; em toda pesquisa começamos tentando abraçar o mundo, dar conta de tudo, encantados que estamos com as possibilidades que nosso trabalho carrega consigo. Com o tempo e as orientações recebidas percebi que minhas ambições deveriam ser reduzidas para não prejudicar a qualidade do trabalho desenvolvido. Numa perspectiva de 33 alunos só conseguimos finalizar 20 histórias, não pela falta de tempo, mas pelo respeito ao processo pessoal de criação de cada aluno. Ficaram em potencialidade várias histórias incríveis.

Cada um tem seu tempo de criação, que perpassa pelo conhecimento, assimilação, ideia construção da forma, finalização do produto. Nenhuma criação surge do nada, é

preciso conhecimento sobre alguma coisa, a partir do estudo e da assimilação deste é que as ideias surgem. A forma só vem depois da ideia; nos quadrinhos, esta forma é a reunião de várias decisões: como enquadrar, quais personagens, a fala, tipos de balões, cenário, cores e por aí o pensamento vai ganhando contorno, se definindo e se materializando em uma história em quadrinhos. É do conhecimento que partem as ideias, e nosso ponto de partida foi um artista baiano, Calasans Neto, gravador, desenhista, ilustrador, pintor, cenógrafo que deixou uma obra de relevância cultural porque trabalha com símbolos, com animais que corporificam valores como trabalho, persistência, força, feminilidade, fecundidade, conceitos abstratos que ganham uma forma conhecida e a transcendem, apresentando aos alunos, de forma lúdica, o conceito de signo. Reapresentam uma cidade, a nossa cidade, sob outro ponto de vista, sob outras cores e formas. Se as obras de arte falam do artista e do mundo que o cerca, conhecer obras de artista locais é conhecer um pouco mais sobre sua cultura.

Compreender os códigos de construção das linguagens e das imagens, ampliando o repertório destas, construindo formas para uma interlocução efetiva com o outro são processos que devem ser elaborados no ambiente escolar. A pós-modernidade da arte exige esta interlocução porque propõe a interação com o objeto artístico, nesta perspectiva o observador passa de uma atitude de contemplação para uma interação com a obra, dialogando e reconstruindo significados a partir da leitura de si que é percebida e decodificada na leitura do objeto de arte. Esse processo foi desenvolvido com o segundo objetivo específico: Incentivar autonomia na leitura e produção de imagens, com exploração de grafismos e técnicas diversas.

Nosso último objetivo específico atende de certa maneira uma das premissas da pesquisa participante, de retornar o conhecimento para a comunidade, com linguagem compatível. Minha ideia inicial é imprimir as revistas e distribuir nas escolas da Rede Pública do Estado da Bahia como material de consulta sobre o artista Calasans Neto, para isto dependo de algum apoio institucional. Mas já está garantida com a direção da escola a impressão de alguns exemplares para promoção de uma tarde de autógrafos

com os autores das histórias, como maneira de sensibilizar a comunidade na valorização de outras formas de manifestação artística e cultural. Esta divulgação atende também a uma valorização do esforço criativo desenvolvido pelos alunos e o reconhecimento deste.

O que persiste é a certeza de que o trabalho com histórias em quadrinhos tem um potencial muito grande a ser explorado em educação, em atividades disciplinares ou interdisciplinares. Outra certeza é a de que é uma linguagem que pode ser trabalhada em diversos anos de atividade escolar, como potencializadora da expressividade individual de cada aluno e como canal comunicativo entre as pessoas. Nas aulas de Artes Visuais é preciso considerar as histórias em quadrinhos como linguagem artística, que tem uma forma constituída por elementos específicos, e necessita de um conhecimento técnico dos materiais construtivos do qual ganha materialidade, idêntico a outras linguagens a exemplo da pintura, do desenho, da fotografia, da performance. Estas linguagens apesar de apresentarem elementos específicos podem interagir entre si, ampliando a capacidade expressiva dos alunos.

Este trabalho contou com participações muito especiais, sem os quais não ganharia a forma e o conteúdo aqui apresentados, dentro de uma pesquisa aplicada de engajamento, todas estas interlocuções ganham sentido e importância. A Professora Maria Freitas foi um agente que determinou o sucesso desta pesquisa, sua generosidade, sua disponibilidade de interação proporcionou um ganho qualitativo a este processo. Com uma atitude interdisciplinar, primeiro de reconhecimento das limitações que a nossa formação disciplinar nos apresenta; segundo de abertura para experimentar novas ideias, novos trabalhos; terceiro, de primar o tempo todo por uma qualidade em seu trabalho reconhecendo que a aprendizagem dos alunos é o que move, dirige, motiva. Esta atitude é sempre o primeiro movimento em direção a uma prática interdisciplinar, a consciência de que não somos detentores de todo conhecimento, nem do específico, nem do geral.

A interdisciplinaridade é uma possibilidade de articulação entre os conhecimentos específicos e proporciona a compreensão do todo. Perceber os limites disciplinares e propor práticas entre as disciplinas para que os alunos avancem com mais completude na direção de um domínio de seu conhecimento é uma perspectiva muito pouco utilizada em nosso sistema de ensino. Esta disponibilidade para a interdisciplinaridade me mostrou que este é um caminho possível, e talvez a luz no fim do túnel para a reinvenção da escola, que ainda se encontra pautada em um modelo construído em outro século.

Outra interlocução que agregou solidez a este trabalho foi o grupo de pesquisa, a Rádio. Um grupo de pesquisa é um elemento relevante e de muita importância quando desenvolvemos uma pesquisa na pós-graduação, se nosso orientador nos dá o norte, o grupo nos indica o veículo que vamos utilizar para chegar ao ponto final. Em minha pesquisa o grupo me mostrou um veículo bem estruturado e em funcionamento, através dele compreendi na teoria e na prática como devemos proceder em uma pesquisa aplicada e participante, o envolvimento com o objeto, com a escola, com os alunos e principalmente com a educação. As nossas interlocuções aconteceram principalmente no campo das práticas, do exercício de troca de experiências, do apoio às ações desenvolvidas durante o projeto.

Toda pesquisa não começa e não se encerra em si mesma. Esta proposta de intervenção surgiu a partir da leitura de outros trabalhos sobre a utilização das histórias em quadrinhos na sala de arte, da insatisfação com as propostas apresentadas e com a ideia de que existiam outros caminhos. Ela apresentou uma possibilidade e gerou outras, outros projetos: explorar as histórias em quadrinhos como linguagem artística, trabalhar seus elementos constitutivos, que são específicos, na construção de individualidades, como linguagem que fala de si e do mundo a qual pertence. Outra possibilidade é a leitura visual destas publicações, reconhecendo que ela apresenta uma percepção de mundo criada por um sujeito que está imerso em uma cultura, e que estes mundos estão presentes nas representações de maneira simbólica; os elementos

que a constituem são signos linguísticos passíveis de entendimento e utilização como códigos expressivos.

Uma terceira perspectiva trazida por esta pesquisa é a de explorar a construção da HQ como um produto, resultante da exploração de outras técnicas artísticas, a exemplo da pintura, fotografia e por que não da escultura, das performances. Como dito anteriormente em Arte todas as possibilidades estão por se constituir, o único limite conhecido neste meio é o imposto pelas ideias pessoais de cada um, nem as técnicas conseguem impedir o desenvolvimento do trabalho, posto que, se as existentes não dão conta, o artista busca em outras áreas ou inventa novas possibilidades expressivas.

Se o mundo gira e se transforma a cada minuto, nosso trabalho em sala de aula não deve ser amparado em perspectivas estáticas, em propostas estanques. Devemos levar para nossas práticas em sala de aula, uma perspectiva que caracteriza a arte: tudo é possível, e se as técnicas, os materiais nos limitam, busquemos em outras áreas os recursos que nos faltam, ou criemos estes recursos. É claro que tenho consciência de que o problema da educação não está apenas entre professores e alunos, perpassa por políticas públicas, pelo envolvimento da família e da sociedade na busca pela formação de cidadãos. Se não damos conta de resolver todo o sistema educativo, façamos nossa parte buscando formação e informação para fazer a diferença nos espaços educativos que atuamos.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. Cotidiano escolar e práticas sócio-pedagógicas. **Em Aberto**, Brasília, ano 11, n.53, p. 29-38, jan./mar. 1992.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ATHAYDE, S. Calasans Neto. In: FRAGA, M. (Org.). **Calasans Neto**. Salvador: Oiti Editora e Produções Culturais, 2007. P. 19-29.

BARBIER, R. **Escuta sensível na formação de profissionais de saúde: Conferência [Julho, 2002]**. Brasília: Escola Superior de Ciências da Saúde. Tradução de Davi Gonçalves.

BARBOSA, A. Os quadrinhos no ensino de Artes. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BARBOSA, A. M. **A Imagem no ensino de arte: anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BARDI, P. M. **História da Arte Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: proposta preliminar**. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2016. 2 versão. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>>. Acesso em 20 de nov. 2016.

_____. **LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 23 de mai. 2015.

_____. **LEI Nº 12. 796, DE 04 DE ABRIL DE 2013**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm>. Acesso em: 23 de mai. 2015.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998a. 117p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/artes.pdf>>. Acesso em: 23 de mai. 2015.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998b. 106p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 08 de nov. 2015.

BRITO, Reynivaldo; MATOS, Sérgio. **Calasans Neto, Ilustrador de Jorge Amado**. Disponível em: <<http://reynivaldobritoartesvisuais.blogspot.com.br/2012/06/calasans-neto-ilustrador-de-jorge-amado.html>>. Acesso em: 29 de ago. 2016. REVISTA NEON SETEMBRO 1999. Postada em: 02 de jun. 2012.

BUORO, A. B.; COSTA, A. B. B. F. Entre dois olhares: artistas e leitores. In: NUNES, A. L. R. (Org.) **Artes Visuais, Leitura de Imagens e Escola**. Ponta Grossa: UEPG, 2012.

CALAZANS, F. **História Em Quadrinhos na Escola**. São Paulo: Paulus, 2004.

DONDIS, A. D. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

EISNER, W. **Quadrinhos e Arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/Recursosparaquadrinistas/will-eisner-quadrinhos-e-arte-sequencial-34776891>>. Acesso em: 28 de jun. 2016.

_____. **Narrativas Gráficas**. São Paulo: Devir, 2005. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/Recursosparaquadrinistas/narrativas-grficas-will-eisner-1996>>; Acesso em: 28 de jun. 2016.

FAZENDA, I. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

FERNANDES, F. M. B. Considerações Metodológicas sobre a Técnica da Observação Participante. In: MATTOS, R. A.; BAPTISTA, T. W. F. (Org.). 1. ed. **Caminhos para análise das políticas de saúde**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2015. p. 487-503.

FISCHER, T. **Mestrado profissional como prática acadêmica**. 2005. Disponível em: <<http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/74/71>>. Acesso em: 01 de jul. 2016.

FRAGA, Myrian (Org.). **Calasans Neto**. Salvador: Oiti Editora e Produções Culturais, 2007.

FRANZ, T. S. Arte, Imagem e Mediação Cultural. In: NUNES, A. L. R. (Org.) **Artes Visuais, Leitura de Imagens e Escola**. Ponta Grossa: UEPG, 2012.

GALEFFI, D. O rigor nas pesquisas qualitativas: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. In: MACEDO, R. S.; GALEFFI, D.; PIMENTEL, Á. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 13-73

GIL, G.; VELOSO, C. **Beira Mar**. ©1965 by Editora Musical Arlequim LTDA.

GOMBRICH, E. A **História da Arte**. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

HERNANDEZ, F. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

HETKOWSKI, T. M. Mestrados Profissionais Educação: Políticas de implantação e desafios às perspectivas metodológicas. **Plurais – Revista multidisciplinar**, Salvador, v.1, n. 1, jan/abr. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.uneb.br/index.php/plurais/article/view/2299>>. Acesso em: 30 de jun. 2016.

_____. M., VIANA, G. C. e FERREIRA, A. F. Mestrado Profissional em Educação: construção de um percurso à Pesquisa Aplicada e de Intervenção. **XIV Simpósio Internacional IHU – Revoluções tecnocientíficas, culturas, indivíduos e sociedades**. Rio Grande do Sul: UNISINOS, comunicação aprovada, 21 a 24 de outubro de 2014.

MATOS, M. **50 anos de Arte na Bahia**. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2010.

MENDONÇA, J. M. P. **Traça traço quadro a quadro**: a produção de histórias em quadrinhos no ensino de Arte. Belo Horizonte: C/Arte, 2008.

MIDDLEJ, D. R. **Juarez Paraiso**: estruturação, abstração e expressão nos anos 1960. 2008. 200f. Mestrado – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

NASCIMENTO, F. S; HETKOWSKI, T. M. Geotecnologia: como explorar educação cartográfica com as novas gerações? In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (EDUCERE), 2011, Curitiba. Anais... Curitiba, PR: PUCPR, 2011.

NUNES, A. L. R. (Org.) **Artes Visuais, Leitura de Imagens e Escola**. Ponta Grossa: UEPG, 2012.

OLIVEIRA, C. C. C.C.; SOUZA, J. A. C. Arte em quadrinhos: a perspectiva do ensino de histórias em quadrinhos na aula de arte. 72f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Plataforma Freire, Campus I, 2013.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e Integração dos saberes. **Laboratório Interdisciplinar em Informação e Conhecimento**, v.1, n.1, p. 3 -15, Março 2005. Disponível em: <<http://liinc.revista.ibict.br/index.php/liinc/article/view/186/103>>. Acesso em: 23 dez. 2016.

POMBO, O. Epistemologia da interdisciplinaridade. In: **Ideação**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Campus de Foz do Iguaçu. Centro de Educação e Letras. Cascavel, PR: Edunioeste, no. 01,2008, p. 09-40.

SCHLICHTA, C. A. B. D. Ensino de Arte e leitura de imagem: reflexões sobre como fazer. In: NUNES, A. L. R. (Org.) **Artes Visuais, Leitura de Imagens e Escola**. Ponta Grossa: UEPG, 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007. Capítulo III – teoria e prática científica. P. 99-126

SRBEK, W. **Quadrinhos & outros bichos**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2006.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Org.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTAR

BARBOSA, J. M. N. **Descompasso**: como e porque o modernismo tardou a chegar na Bahia. In: ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 5, 2009, Salvador. 16p.

BUORO, A. B. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

CALASANS Neto. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2016. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5547/calasans-neto>>. Acesso em: 28 de Ago. 2016.

COLI, J. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. 16. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FAZENDA, I.C.A. (Org.). **Interdisciplinaridade: pensar, pesquisar e intervir**. São Paulo: Cortez, 2014.

GATTI, B. Algumas Considerações Sobre Procedimentos Metodológicos nas Pesquisas Educacionais. **ECCOS - Revista Científica**, São Paulo, v.1, n. 1, dez. 1999. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/02/07.pdf>>. Acesso em: 29 de abr. 2015.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GROENSTEEN, T. **História em quadrinhos: essa desconhecida arte popular**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

JAPIASSU, H. **A Questão da Interdisciplinaridade**. In: Seminário Internacional sobre Reestruturação Curricular, 1994, Porto Alegre. Disponível em: <<http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Artigos%20Diversos/interdisciplinaridade-japiassu.pdf>>. Acesso em: 01 de dez. 2016.

McCLOUD, S. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995. Disponível em: < <http://pt.slideshare.net/Recursosparaquadrinistas/scott-mccloud-desvendando-quadrinhos>>. Acesso em: 28 de jun. 2016.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 5. ed. rev. Ijuí: Unijuí, 2006.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

NETO, E. S; SILVA, M. R. P. (Org.). **Histórias em quadrinhos e práticas educativas: os gibis estão na escola, e agora?** São Paulo: Criativo, 2015. v.2.

PEREIRA, K. H. **Como usar artes visuais na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, F. T. **História em Quadrinhos no ensino de Artes Visuais**. Paraíba: Marca de Fantasia, 2014.

RAMA, A; VERGUEIRO, W. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

RANGEL, S. **Trajeto criativo**. Lauro de Freitas: Solisluna Editora, 2015.

ROSSI, M. H. W. **Imagens que falam: leitura da arte na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Questionário

Nome _____

Idade: _____ Sexo: () feminino () masculino

1. Que tipo de leitura você faz?
 () livros () jornais () internet
 () histórias em quadrinhos () revistas () outros,
 quais? _____
2. Escreva três palavras que vem na sua cabeça quando você pensa em Arte.
 _____, _____, _____
3. Que artistas baianos você conhece?

4. Você já foi a algum museu?
 () sim () não
 Quais: _____
5. Na sua opinião para que serve a Arte?

6. O que é História em quadrinhos?

7. Você lê história em quadrinhos?
 () sim () não
 Quais: _____
8. Quando você ouve a palavra história em quadrinhos que palavras veem a sua cabeça?
 _____, _____, _____
9. Você acha que devemos ler história em quadrinhos?
 () sim () não
 Explique: _____

10. Que lugares você vai com mais frequência?
 () praia () shopping () cinema () estádio de futebol
 () parque () igreja () bibliotecas () casa de parentes
11. O que você acha de juntar Língua Portuguesa e Arte na mesma aula?

12. O que você prefere fazer nas aulas de Arte:

APÊNDICE B – Sequência das aulas

1º Aula 16/02/2016	Objetivo – Conhecer a turma.
2º Aula 23/02/2016	Objetivo – Introduzir o conceito de leitura de imagens e as possibilidades expressivas diante de um mesmo tema.
3º Aula 01/03/2016	Objetivo – Identificar possibilidades expressivas presentes nos elementos compositivos básicos: linha, cor, forma, textura, através da leitura de imagens de dois artistas baianos, Carybé e Genaro de Carvalho. Perceber que a forma como cada pintor elabora estes elementos define o estilo, permitindo identificar as produções deste artista. Para casa: pesquisa bibliográfica de um dos artistas.
4º Aula 29/03/2016	Objetivo – Fazer a leitura de textos de poesia e poesia concreta, explorando o entendimento e as representações simbólicas presentes nas palavras. Para casa: Construção uma imagem sobre um dos textos lidos e discutidos em sala.
5º Aula 05/04/2016	Objetivo – Fazer a leitura imagética dos trabalhos feitos pelos alunos e levantar os conhecimentos sobre os artistas que eles pesquisaram na 3ª aula. Para casa: Reescrita da biografia do artista pesquisado.
6º Aula 12/04/2016	Objetivo – Fazer a leitura dos textos produzidos pelos alunos (reescrita da biografia). Apresentar conceito de leitura de imagens, identificando os elementos plásticos (ponto, linha, cor, textura, forma) que caracterizam o trabalho de um artista. Para casa: Pesquisa das obras de um artista, leitura dos trabalhos, identificando os elementos que o caracterizam, criação de uma composição utilizando estes elementos.
7º Aula 19/04/2016	Objetivo – Socializar as pesquisas sobre os artistas, destacando os elementos que eles identificaram como característico destas obras. Analisar coletivamente as composições dos alunos, procurando identificar o artista a partir dos elementos característicos presentes nestas composições. Para casa: guardar bandejas de isopor para reutilização na próxima aula em uma atividade prática.
8º Aula 24/05/2016	Objetivo – Conhecer uma nova técnica artística - isogravura. Construir uma imagem a partir da compreensão de um texto escrito, utilizando a nova técnica.
9º Aula 05/07/2016	Objetivo – Levantar conhecimento prévio sobre os elementos que caracterizam as HQs. Conhecer elementos que compõem as histórias em quadrinhos (balões, onomatopeias, calha/sarjeta, requadro). Atividade prática de construção de balões. Para casa: Criação de onomatopeias.
10ª Aula 12/07/2016	Objetivo – Finalizar atividade da aula anterior e realizar exercício prático com balões.

11ª Aula 26/07/2016	Objetivo – Orientar e corrigir os erros percebidos no exercício com balões. Apresentar os conceitos de argumento, rascunho/rafe, arte-final. Para casa: construção de uma história com argumento, rascunho/rafe e arte-final.
12ª Aula 16/08/2016	Objetivo – Fazer a leitura das imagens construídas por Calasans na fase “Cabras e Baleias”, ampliar a biografia do artista, contextualizar sua obra.
13ª Aula 23/08/2016	Objetivo – Fazer releitura das obras de Calasans utilizando a técnica de colagem.
14ª Aula 30/08/2016	Objetivo – Analisar criticamente as primeiras histórias construídas pelos alunos. Reapresentar o passo a passo da construção de histórias em quadrinhos. Apresentar exemplos de novas configurações de layout na página de HQ. Para casa: criação de uma história de uma página sobre a vida ou as obras de Calasans Neto.
15ª Aula 27/09/2016	Objetivo – Construir um texto com a biografia de Calasans Neto. Para casa: construção de uma história em quadrinhos sobre a vida ou as obras de Calasans em um papel já margeado.
16ª Aula 11/10/2016	Objetivo – Apresentar o conceito de releitura e realizar atividade prática: releitura de uma das obras de Calasans utilizando caneta preta sobre papel branco.
17ª aula 18/10/2016	Objetivo – Fazer a arte final das histórias em quadrinhos entregues na aula anterior.
18ª Aula 25/10/2016	Objetivo – Fazer a arte final das histórias em quadrinhos sobre Calasans.
19ª Aula 01/11/2016	Objetivo – Fazer a arte final das histórias em quadrinhos sobre Calasans.

APÊNDICE C – A revista



calasans

24 olhares

Organização
Cláudia Cedraz

Organização
Cláudia Cedraz

calasans

24 olhares

Editora Cedraz
Salvador - 2017



Av. Dom João VI, 102, sala 203, Brotas
Salvador (BA) CEP: 40285-001
editora@estudiocedraz.com.br

Editores

Cláudia Cedraz
Tom S. Figueiredo

Organização

Claudia Cedraz

Calasans 24 olhares / Cláudia Cedraz (organizadora).
Salvador : Editora Cedraz, 2017.
36p.

ISBN 978-85-98553-57-3

1. Educação. 2. Histórias em Quadrinhos. 3. Artes Plásticas.
4. Calasans Neto. I. Cedraz, Cláudia.

Esta publicação é fruto de um trabalho realizado em 2016 no **Colégio Estadual Bento Gonçalves**, localizado na Fazenda Grande do Retiro, em Salvador (BA), com o apoio da Diretora Mônica Bonfim e da Professora Maria Freitas.

Apresento-lhes “Calasans 24 Olhares”, uma revista para conhecer as expressões de meninos e meninas de uma escola pública baiana sobre a produção artística de Calasans Neto, materializada em forma de histórias em quadrinhos (HQ), textos e releituras.

Obra que ressalta nos traçados juvenis as cores e formas de um artista baiano que, por meio da criatividade, revelou um processo poético, envolvendo pinturas e gravuras. A produção inovadora e audaciosa é fruto de uma ação realizada com muito empenho e carinho, por uma educadora que acredita que a educação deve considerar os aspectos antológicos, artísticos e culturais dos sujeitos atrelados às múltiplas linguagens, ressaltando a cultura HQ como prenúncio para tornar a escola um local de reconstrução de saberes. Saberes esses oriundos dos lugares de vivência, da história, da memória, ou seja, das raízes dos espaços temporais que constituem os elementos da cultura.

Aqueles que se dedicam a uma tarefa educacional responsável e comprometida que associa o fazer pedagógico com as expressões culturais não podem dispensar o conhecimento articulado a essa produção, para que tenham em conta que a educação deve considerar a vocação de ser sujeito e as condições em que ele vive, em tal lugar, em tal momento, em tal contexto.

Aos que querem conhecer a vida e a obra de Calasans Neto, por meio da expressividade, é um ótimo convite para apreciar suas produções, um entrelaçamento entre os estilos dos jovens interpretes e do renomado artista, traços e cores de outra produção.

Aos interessados e curiosos pela cultura HQ e pela Arte, dentro e fora do contexto educacional formal, é uma base conceitual para compreender as potencialidades desses códigos linguísticos nas mais diversas situações de aprendizagensm. (no singular?)

A revista, em todas as suas partes, nos conduz pelas vertentes da arte e da pedagogia, direcionando-nos a uma ação educacional contextualizada com a vida, com os processos educacionais e com a formação cidadã

Kátia Soane

Katia Soane é Graduada em Pedagogia; Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação; Especialista em Formação de Professor em Educação Infantil e Mídias Interativas; Tecnologias e Novas Educações; e Especialista em Educação Especial/inclusiva. Atualmente é Professora de Tecnologia da Prefeitura Municipal de Salvador.

CALASANS NETO

Nascido em 11 de novembro de 1932, José Julio de Calasans Neto se destacou nas artes visuais desenvolvendo trabalhos em gravura, técnica que dominou com maestria e onde introduziu algumas inovações como o uso do compensado e do acrílico como matriz e as matrizes pintadas como trabalho final.

Aos 8 anos de idade teve poliomielite e na escola precisou de aulas de reforço para avançar nos estudos. Já no ensino médio se envolveu com vários colegas-artistas, Glauber Rocha, Fernando da Rocha Peres, Paulo Gil Soares, Carlos Teixeira Gomes e outros; juntos promoveram, com a ajuda de alguns professores, a Jogralesca, espetáculo de poesia teatralizada. As apresentações receberam muitos elogios e muitas críticas e após cinco apresentações foi encerrada sob protestos de vários intelectuais.

Aos 14 anos conheceu Pancetti pintando no Farol da Barra, se aproximou do artista iniciando uma amizade e a partir deste primeiro contato resolveu vender sua coleção de selos para comprar tintas, telas e um cavalete usado. Decidiu que sua primeira experiência seria pintando uma paisagem ao ar livre e foi ao Dique do Tororó para pintar. Mas não conseguiu se concentrar pois “as pessoas jogavam cascas de frutas, bolinhas de papel, ficavam em volta dando palpites.” (FRAGA, 2007, p. 47?)

Logo depois desta experiência conheceu Genaro de Carvalho, um artista baiano recém chegado da Europa que pintava um mural no Hotel da Bahia. Ao ler a notícia em um jornal resolver ir conhecer o artista. Conversando com ele foi convidado a trabalhar em seu atelier; lá encontrou a tranquilidade que precisava para pintar. Fez um curso livre de gravura ministrado por Mario Cravo Junior, na Escola de Belas Artes, e descobriu sua paixão pelas gravuras, hoje é reconhecido como um dos grandes mestres desta arte.

Contudo Calasans não é reconhecido apenas por seu trabalho com gravuras, ele desenvolveu trabalhos em pintura, cenografia, desenho e ilustração. Em 1957 foi criada por Calasans, Fernando da Rocha Peres, Glauber Rocha e Paulo Gil Soares, a Edições Macunaíma, uma editora alternativa

utilizada para divulgar as produções do grupo e de outros autores que não tinham acesso a grandes editoras. Estas produções tinham características bem definidas: produções artesanais, alto padrão gráfico, tiragens limitadas e baixo custo de produção. Acreditava que “a arte gráfica é a preservadora de todas as formas de arte.” E que a “ilustração era recriação do tema proposto pelo autor.” (FRAGA, 2007, p. 50). Na cenografia, começou como cenógrafo oficial da Jogralesca, depois fez cenários para os espetáculos da Escola de Teatro da UFBA e o Teatro dos Novos; são destaques os cenários de Deus e o Diabo na Terra do Sol, de Glauber Rocha, e Eles Não Usam Black-Tie, de Gianfrancesco Guarnieri.

Em seus trabalhos podemos encontrar como temática paisagens, casarios, saveiros, pássaros, igrejas, faróis, frutas nordestinas (mangas, cajus, pinhas e jacas); os temas religiosos e os retratos eram criados para apresentar amigos ou parentes. A cabra e a baleia tinham um lugar especial em suas criações, sobre as cabras ele afirmou “(...) eu via a cabra como plano de invenção ilimitado, com sua angulosidade de formas. É plasticamente mais rica e, como vida, é um símbolo viril lutando sozinha contra tudo e contra todos. E vence.” (FRAGA, 2007, p. 24). Para Calasans as cabras representam a valentia, a resistência ao sertão, força e valentia. Já as baleias simbolizavam a riqueza, a fertilidade, o mar.

Na pintura ele deu forma aos contos e lendas de Itapuã, criou uma mitologia baseada nas lendas que ouvia, com seres e personagens que atestavam sua criatividade. Seu trabalho em pintura é muito diferente plasticamente das gravuras, se nestas a própria técnica exige formas com contornos mais simples, na pintura as cores luminosas em elegantes variações tonais enriquecem uma narrativa envolvendo seres metamorfoseados, Calasans reconstrói animais e seres mitológicos, ele nos diz: “A metamorfose é sedutora por não ter sido geográfica, vai crescendo, tomando dimensões na sua imagem e sendo desdobrada. Quando bulo com a figura mística da sereia, por exemplo, uso a visão grega da sereia alada. É uma mitologia minha.” (FRAGA, 2007, p. 28).

Brincando com cores e formas, Calasans se apropriou tanto da técnica da xilogravura que a transgrediu, inserindo a madeira compensada como matriz e depois transformando a matriz em obra única.

“As matrizes começaram a ser enriquecidas, com o aumento da espessura dos cortes e o aumento dos relevos, passando à

categoria de entalhes com características de técnica híbrida, misto de pintura e escultura. Ampliadas significativamente as dimensões, Calasans os elevou à categoria de painéis, encontrados em vários locais públicos de Salvador. Nestes painéis, como nas matrizes, a cor é de superfície, chapada, principalmente pelo emprego do rolo de impressão xilográfica.” (FRAGA, 2007, p. 136)

Utilizou também a placa de acrílico como matriz, utilizando os mesmos materiais utilizados na construção da matriz em metal, a descoberta veio meio ao acaso como o próprio Calasans relata em entrevista concedida a Matos e Brito (1999):

“Trabalhava com cobre e ai descobri, por um acaso, que fazendo o mesmo trabalho em folha de acrílico como esta (exibiu uma placa de acrílico) ela oferecia a mesma resistência da folha de cobre. Esta é uma nova experiência que eu vou começar a divulgar antes que apareça algum pai para a criança. Em acrílico a gente trabalha melhor porque o material é mais maleável. Na outra, a de cobre, posso usar ácido, mas nessa placa você não pode porque é acrílico.”

Sempre convivendo com grandes artistas de sua época, Calasans foi citado por Jorge Amado em seus livros *Dona Flor e Tenda dos Milagres*. Reconhecido por seu bom humor, sua casa em Itapuã era reduto dos artistas que a apelidaram de Principado de Itapuã.

Faleceu em Salvador em 30 de abril de 2006.

Cláudia Cedraz

Cláudia Cedraz é Bacharel em Artes Plásticas, Licenciada em Artes Visuais, Especialista em Fundamentos do Ensino de Arte e Professora de Arte da Rede Pública de Ensino do Estado da Bahia.

REFERÊNCIAS

CALASANS Neto. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2016. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5547/calasans-neto>>. Acesso em: 28 de Ago. 2016. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

FRAGA, Myrian (Org.). Calasans Neto. Salvador: Oiti Editora e Produções Culturais, 2007.

BRITO, Reynivaldo; MATOS, Sérgio. Calasans Neto, Ilustrador de Jorge Amado. Disponível em: <<http://reynivaldobritoartesvisuais.blogspot.com.br/2012/06/calasans-neto-ilustrador-de-jorge-amado.html>>. Acesso em 29 ago. 2016. REVISTA NEON SETEMBRO 1999. Postada em 02 jun. 2012.

alunos

(Colégio Estadual Bento Gonçalves)

Ana Vitória Nascimento Santiago
Bianca Garcia Muniz Santos
Carlos Eduardo Negreiro Oliveira Junior
Diogo Teixeira Maia
Erick da Paixão Teles dos Santos
Estefeson Silva Farias Junior
Filipe Carvalho Sena Soares Sousa
Gabriela da Silva Angelieri
Igor Matheus Regis dos Santos
Jaiane Silva dos Santos
Jenifer Andrade de Souza
João Douglas Silva Sena
Kailane da Silva Conceição Santos
Kaique da Silva Carvalho
Ketelyn Cordeiro dos Santos
Lais Pinheiro dos Santos
Luis Henrique Ramos dos Santos
Luiz Fernando Santos de Souza Filho
Mauricio Dias Rodrigues dos Santos
Milena de Almeida Silva
Mirelle de Jesus da Silva
Rafael Araújo Barbosa
Raiana Paula dos Santos Sanches
Tauan Menezes Nascimento

biografias

Calasans Neto

Calasans Neto nasceu em Salvador, ele tem duas irmãs e o nome delas são Vera Violeta e Sônia Helena. Ele era um dos caçulas, ele fez xilogravura, ele foi pintor cenógrafo, gravador, ilustrador e desenhista. Ele gostava muito de desenhar baleias e cabras e ele fazia os trabalhos muitos lindos, a cabra representava o sertão e as baleias a fartura. Ele começou a desenhar porque viu um pintor na Barra olhando pro mar e desenhando, ele não fez faculdade, ele fez tudo dele sozinho. Ele nasceu em 1962 e faleceu em 2006, ele teve uma paralisia nas pernas e teve que fazer um tratamento, e o pai dele era médico. Ele começou a se interessar pela pintura com 14 anos de idade e o pai dele faleceu quando ele tinha 15 anos, ele morou na Joana Angélica e morreu aqui em Salvador. O nome dele todo é José Júlio Calasans Neto, ele casou, mas não teve nenhum filho.

Mirelle de Jesus da Silva

O grande Artista plástico

Calasans Neto como a gente sabe foi um pintor de cabras e baleias, ele nasceu no dia 11 de novembro de 1932 e morreu em 2006 na cidade de Salvador. Ele foi um dos maiores artista plástico baiano. Morou em Salvador. Quando criança teve uma doença chamada poliomielite, ele teve duas irmãs: Vera Violeta Calasans e a mais nova, ou seja a caçula, Sonia Helena de Calasans. Ele gostava de xilogravura, pintura, cenografia, gravura, ilustração e desenho. O nome dele completo é José Julio de Calasans Neto, ele também morava em Salvador.

Igor Matheus Santos



Calasans Neto

Calasans Neto é um gravador, ilustrador, desenhista e ele usava xilogravura e pintura. Ele sofreu uma doença chamada poliomielite e ele nasceu em Salvador-Ba em 11 de novembro de 1932 e faleceu em 2006 em Salvador e ele também foi um artista plástico baiano. O nome todo dele é José Júlio de Calasans Neto e suas irmãs se chamam: Vera Violeta Calasans e a outra é Sonia Helena Calasans e ele é caçula. Nos desenhos dele ele usava cabras e baleias e também usava muito a cor preta. Ele casou com Auta Rosa e também ela não queria filho nenhum e o pai dele era médico e o pai dele se chama José Julio de Calasans e a mãe dele se chama Freida Elizabeth de Geiger de Calasans, Calasans Neto herdou o nome do pai.

Kaique da Silva Carvalho



Calasans Neto e sua vida

Jose Júlio de Calasans Neto nasceu em 11 de novembro de 1932 e faleceu em Salvador, em 2006. Em sua vida ele foi pintor, cenógrafo, gravador, ilustrador, desenhista e fazia xilogravura, mas, no começo de sua vida enquanto ele era criança teve uma doença chamada poliomielite e precisou de muito treinamento, mas com 15 anos já sem a doença viu um pintor pintando o mar da Barra e se interessou pela pintura e vendeu sua coleção de selos para comprar pincéis e tintas e foi pintar em um bairro ao ar livre, mas as pessoas jogavam cascas de banana, ai ele resolveu não pintar ao ar livre. Mas conheceu um pintor que chamou ele para o atelier dele, que acabou o interessando muito pela pintura e o tornou um grande pintor.

Estefeson S. Farias Junior

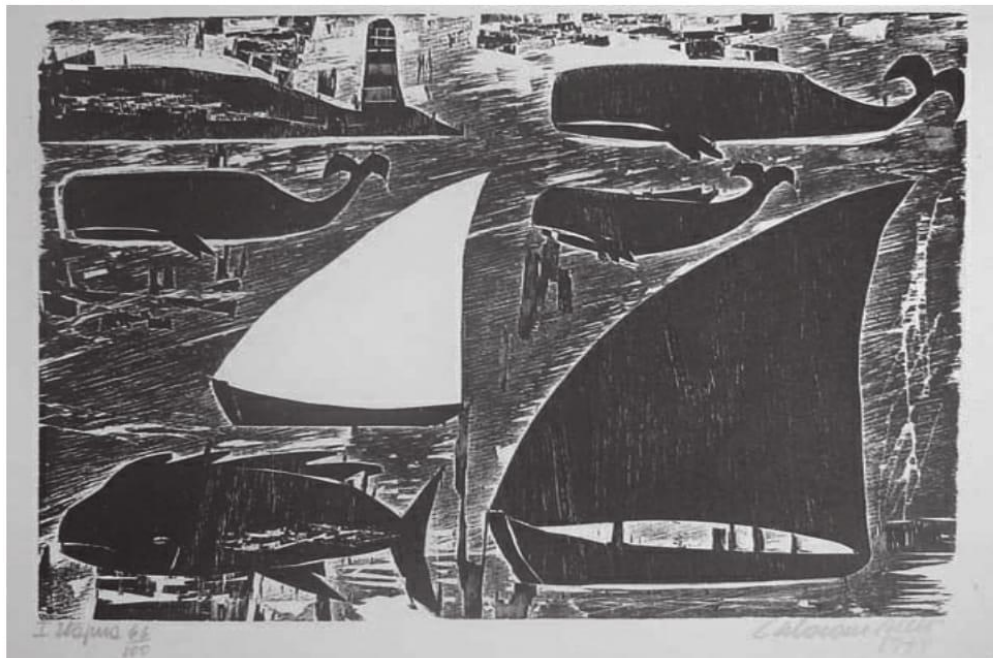
releituras

Calasans e sua obra

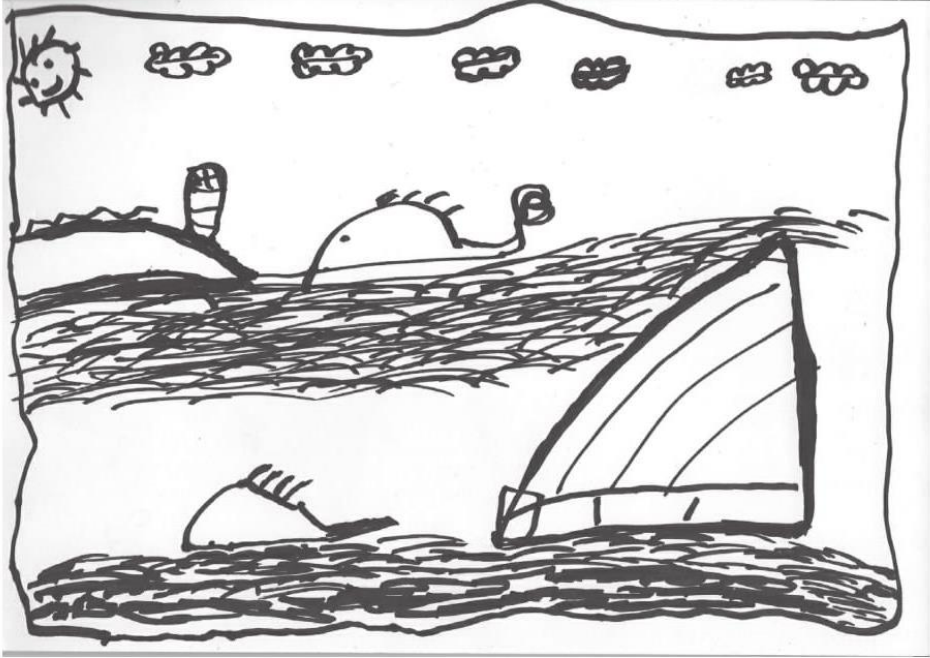
O artista plástico baiano Calasans Neto nascido em 11 de novembro de 1932 e falecido em 2006 em Salvador/BA fez várias obras ao longo de sua vida. Uma das obras que eu mais gostei foi a "I Itapuã". Na minha opinião essa pintura tem várias informações diferentes, exemplo: as baleias parecem estar em cima da água (na minha opinião) é isso que o artista quis fazer. O Farol da Barra aparenta ser uma colagem, ou seja, ele pode ter pego uma imagem de uma revista, cortou e colou na pintura. Sobre as baleias estão ótimas.

Bianca Garcia

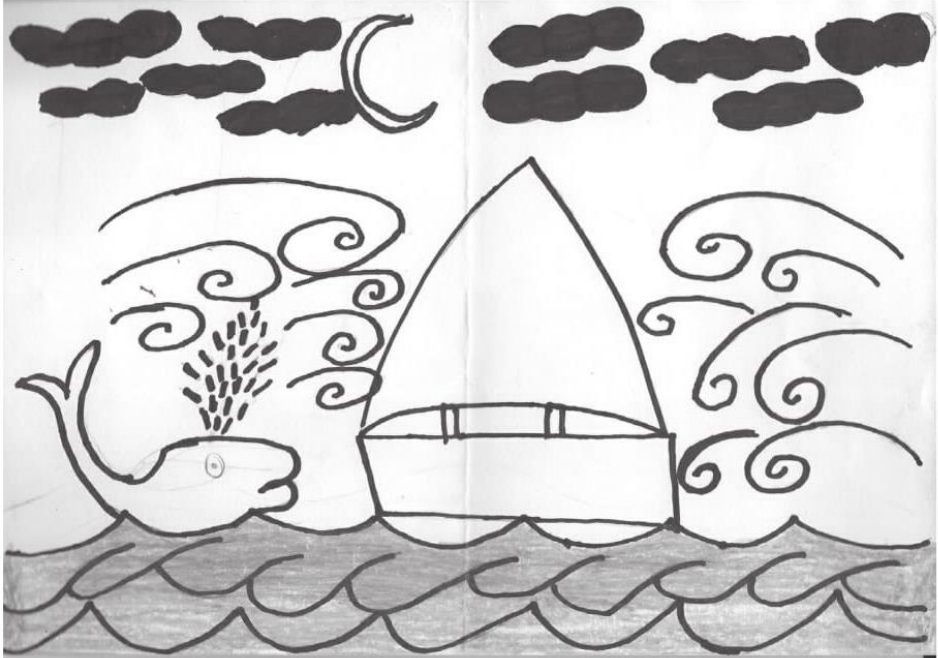
I Itapuã - 1974



releitura: Diogo Teixeira Maia



releitura: Lais Pinheiro dos Santos



releituras

Nado incomparável com o mar

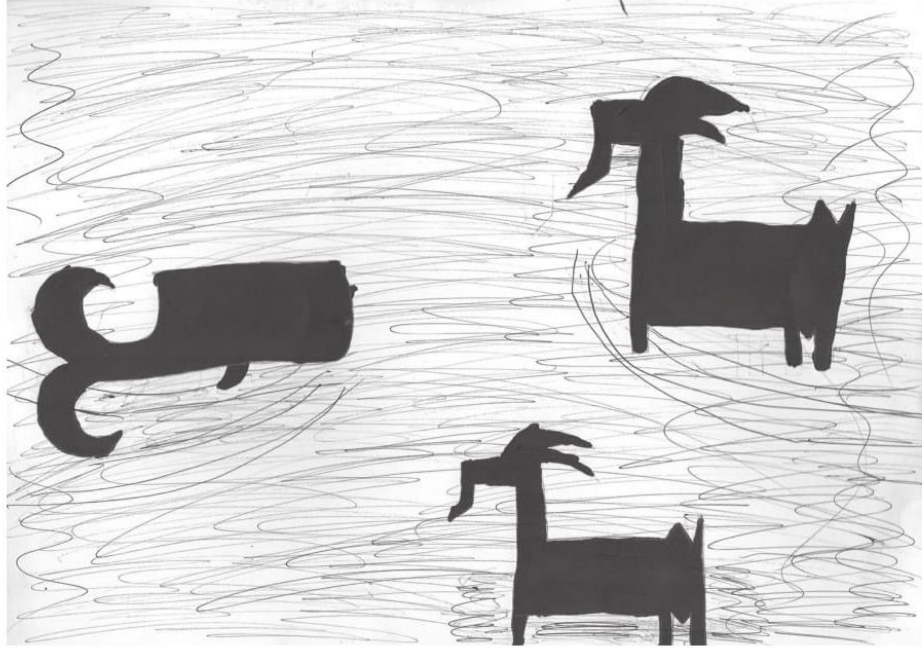
Na imagem há duas cabras, uma baleia e o mar azul. Em cima da cabra, do lado esquerdo há uma baleia, a primeira está do lado esquerdo da cabra. Essa imagem me traz alegria, me lembro quando vou para ilha, é bastante agradável. Eu também lembro de minha vó, o mar me traz paz, alegria. A baleia me lembra muito dos peixes, dos golfinhos, é muito especial para mim. Eu também lembro muito dos barcos tipo: navio, canoa, caravela, canoas, e também me lembro da onda do mar.

Jenifer Andrade de Souza

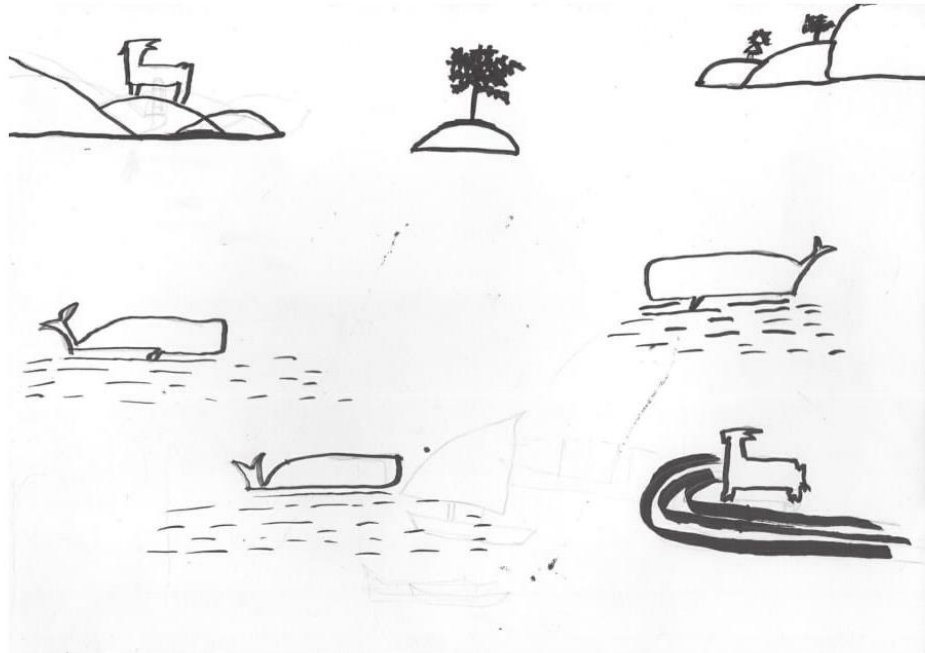
IV Itapuã - 1974



releitura: Jaiane Silva dos Santos



releitura: Ketelyn Cordeiro dos Santos



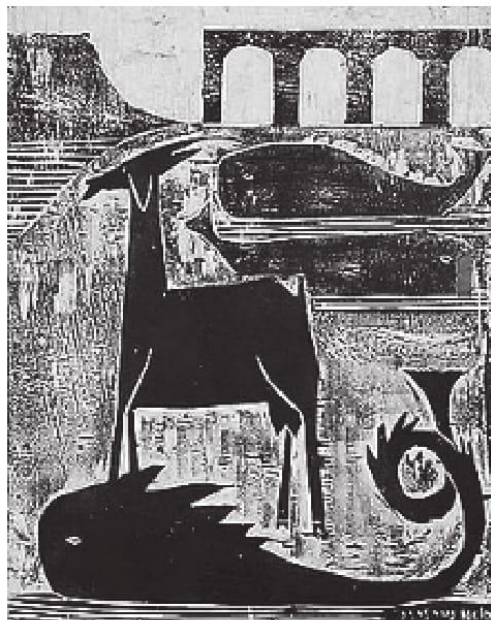
releituras

Imagem sobre Cabras, Baleias e Arcos

Na imagem que eu escolhi tem três baleias, uma na frente e outras no fundo, uma cabra que está na frente das baleias e os arcos ficam atrás das baleias. A imagem é bonita e também está em branco, preto e cinza. A imagem simboliza as baleias, as cabras e os arcos. A imagem é bastante informada, tem uma baleia que é diferente, nas costas dela tem pontas atrás, a cauda dela é diferente também; e a cabra tem pernas finas e o pescoço é diferente e muito alto. Mas as outras duas baleias são normais, outra baleia tem a cauda normal e corpo normal. E o arco ele é marcante, tem dois, um deles é todo fechado e o outro tem algumas partes abertas e é isso.

Raiana Paula Santos Sanches

Cabras, Baleias e Arcos - 1973



releitura: Tauan Menezes Nascimento



releitura: Filipe Carvalho Sena Soares Sousa



releituras

Cabras e Baleias

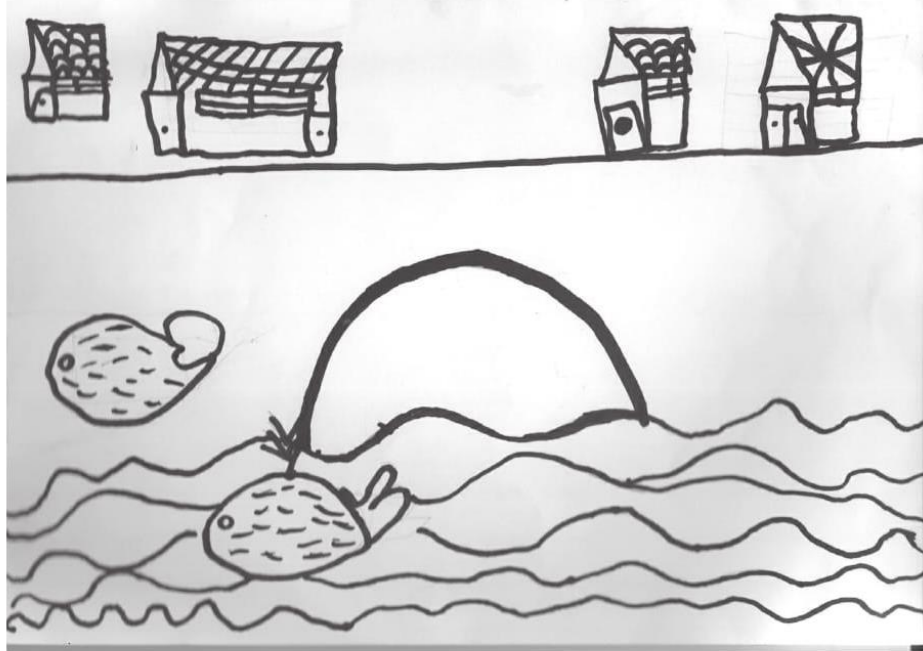
Na imagem onde tem cabras e baleias é usado somente o preto, o branco, amarelo e cinza de cores. Na imagem tem três cabras e duas baleias, existe também na imagem um sol, uma parede grande e umas casas. Na imagem tem uma cabra longe, uma um pouco mais perto e uma bem perto. Na esquerda da imagem tem duas baleias na água, uma cabra bem distante e umas casas. Na direita tem duas cabras, tem também umas casas. No centro tem um sol bem amarelo e bem forte. As cabras que estão na direita da imagem, tem uma bem perto e uma um pouco mais longe.

Ana Vitoria Nascimento Santiago

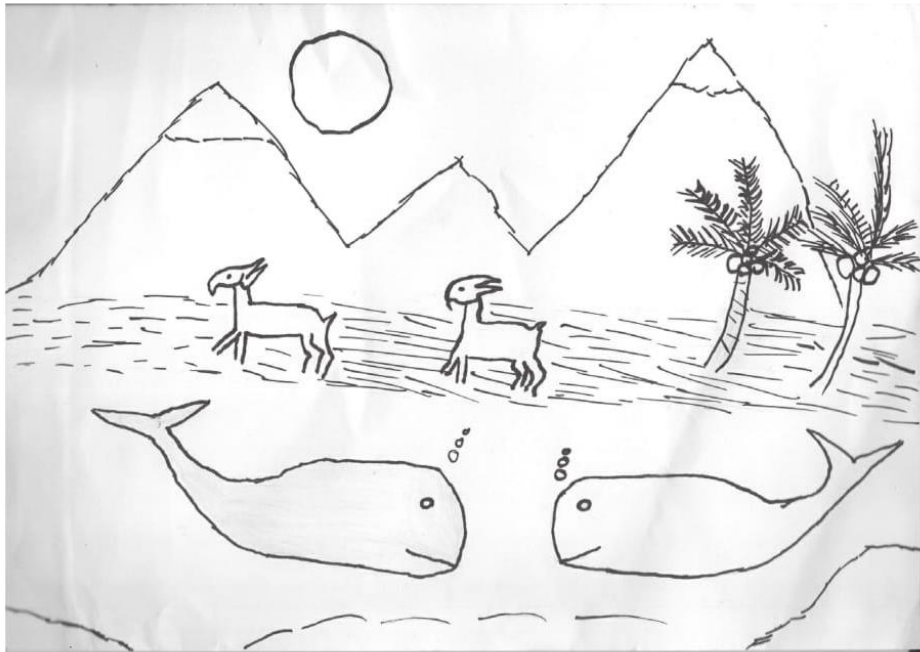
Cabras e Baleias - sem data



releitura: Kailane da Silva Conceição Santos



releitura: Rafael Araújo Barbosa



Cabras e Baleias

Calasans Neto representa muito as cabras e baleias. As cabras porque ele pensa que as cabras representam o sertão e as baleias representam o mar. Nessa imagem tem duas baleias e três cabras, um sol que para ele representa o fogo. Nessa imagem há um paredão e bem lá no fundo casas, atrás desse paredão tem tipo montanhas distantes do paredão. As baleias ele tinha modo de fazer para representar que está distante, fazia menor e as maiores na frente para representar que está mais próximo; a mesma coisa com as cabras: as pequenas distantes, as maiores mais perto. Nessa pintura ele usou o preto, branco, amarelo e um laranja para dar um tom diferente no sol.



Jaiane Silva dos Santos

Cabras e Baleias

José Júlio de Calasans Neto, conhecido como Calasans Neto, é um artista plástico baiano nascido em 11 de novembro de 1932 e falecido em Salvador em 2006. Trabalhou com xilogravura, pintura, cenográfico, gravador, ilustrador, desenhista. Na imagem as cabras estão algumas grandes, outras médias e outras pequenas. A água com a cor meio que branca e preta, as baleias na água branca e preta também, com barcos, pessoas, casas, etc. Atrás das imagens Calasans Neto desenhou um muro com mar de cor branca e a ilha de cor preta, com o pôr do sol amarelo.



Kailane da Silva Conceição Santos

Cabras e Baleias

Cabras e baleias é um trabalho de Calasans Neto onde ele fala de dois animais, as cabras e baleias. A cabra para ele simbolizava a valentia do sertão e a baleia simbolizava a fartura e a riqueza do mar azul. Na imagem “Cabras e Baleias”, onde tem duas cabras na terra e duas baleias no mar com uma parede imensa com o sol e algo bem pequeno lá no fundo, nessa obra ele só usa o preto, amarelo e o branco do papel. Ele escolheu esses dois animais porque representam o equilíbrio entre a terra e o mar.



Milena de Almeida Silva

histórias em quadrinhos



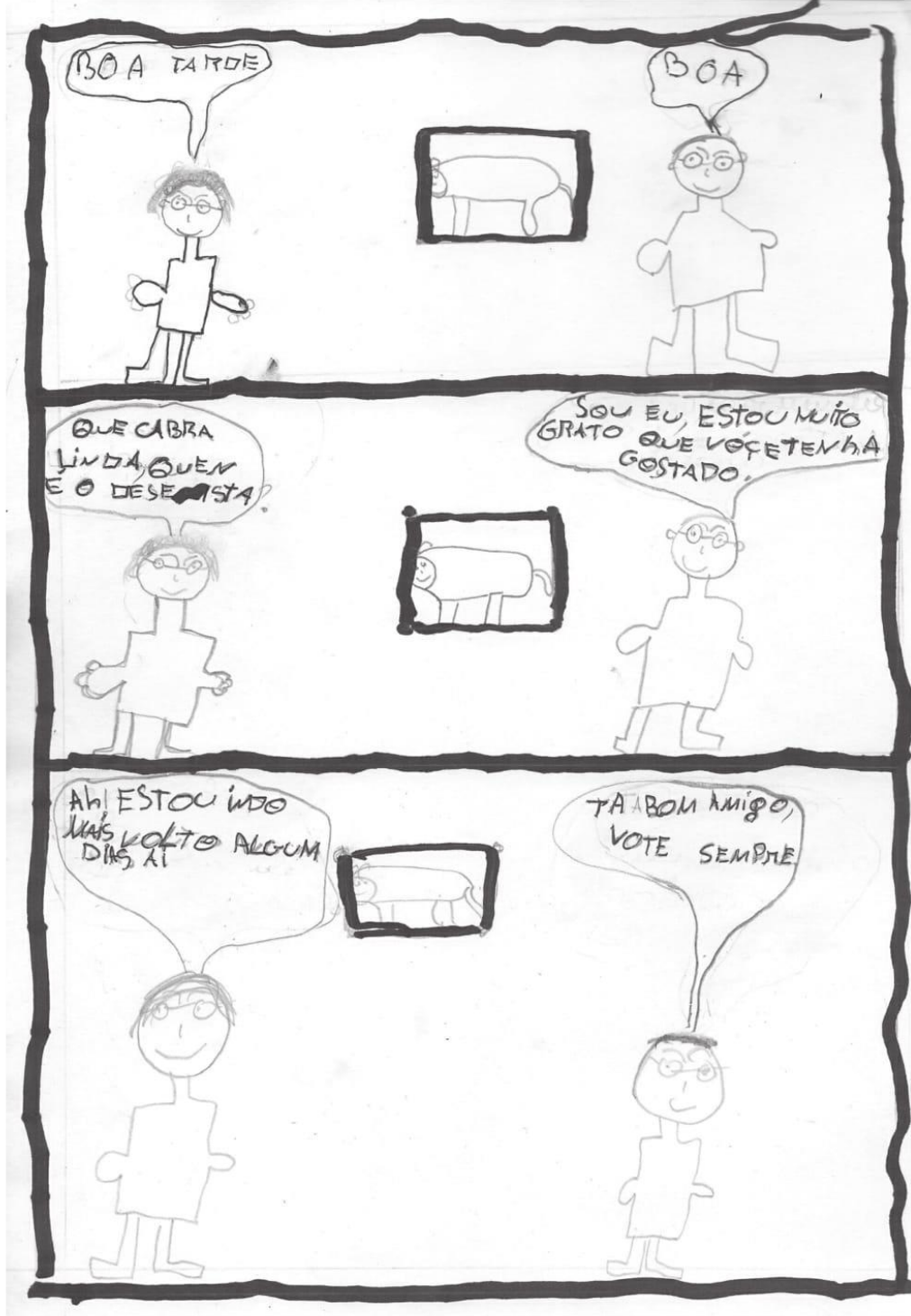
autora: Ana Vitória Nascimento Santiago



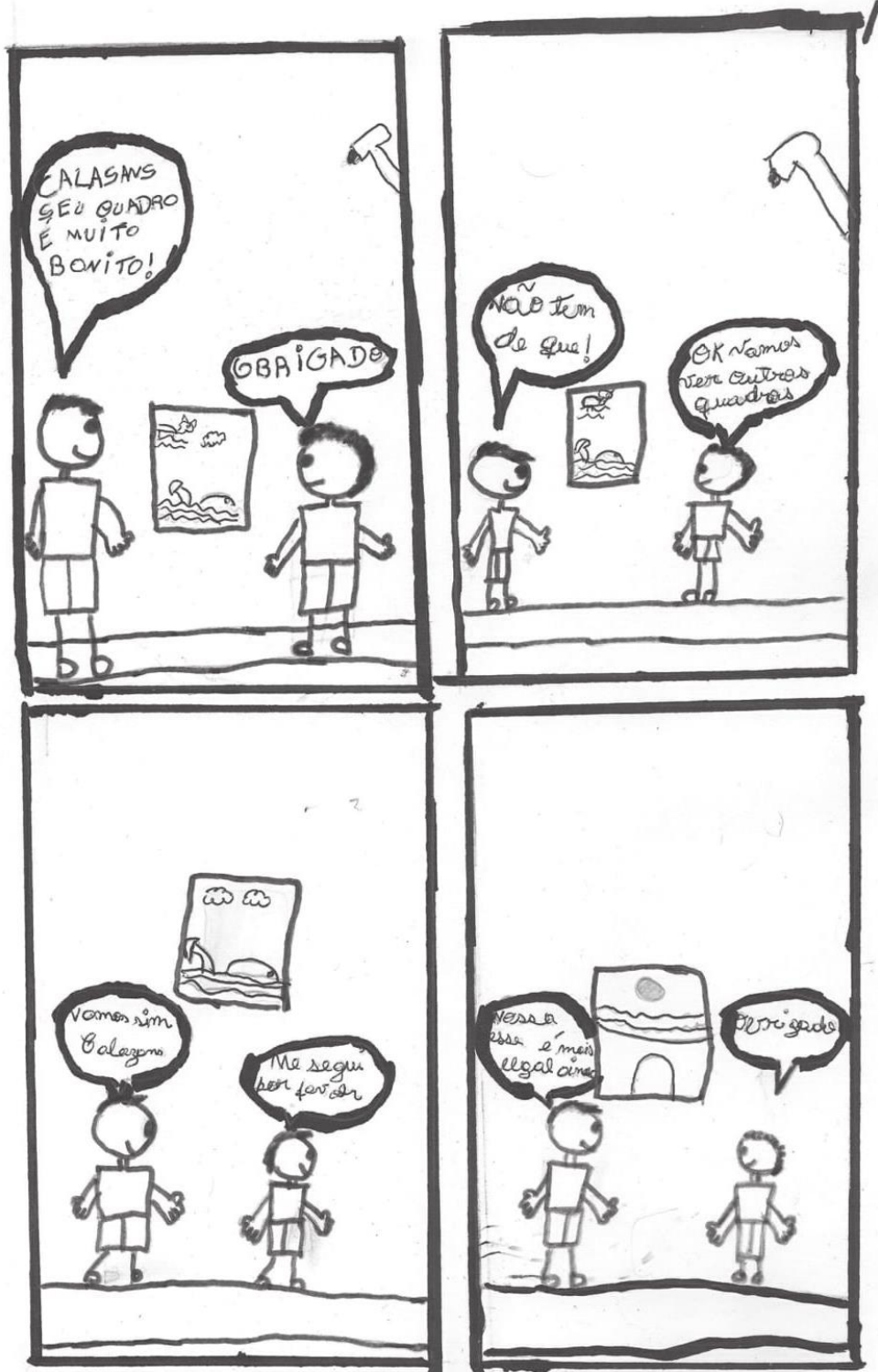
autor: Carlos Eduardo Negreiro Oliveira Junior



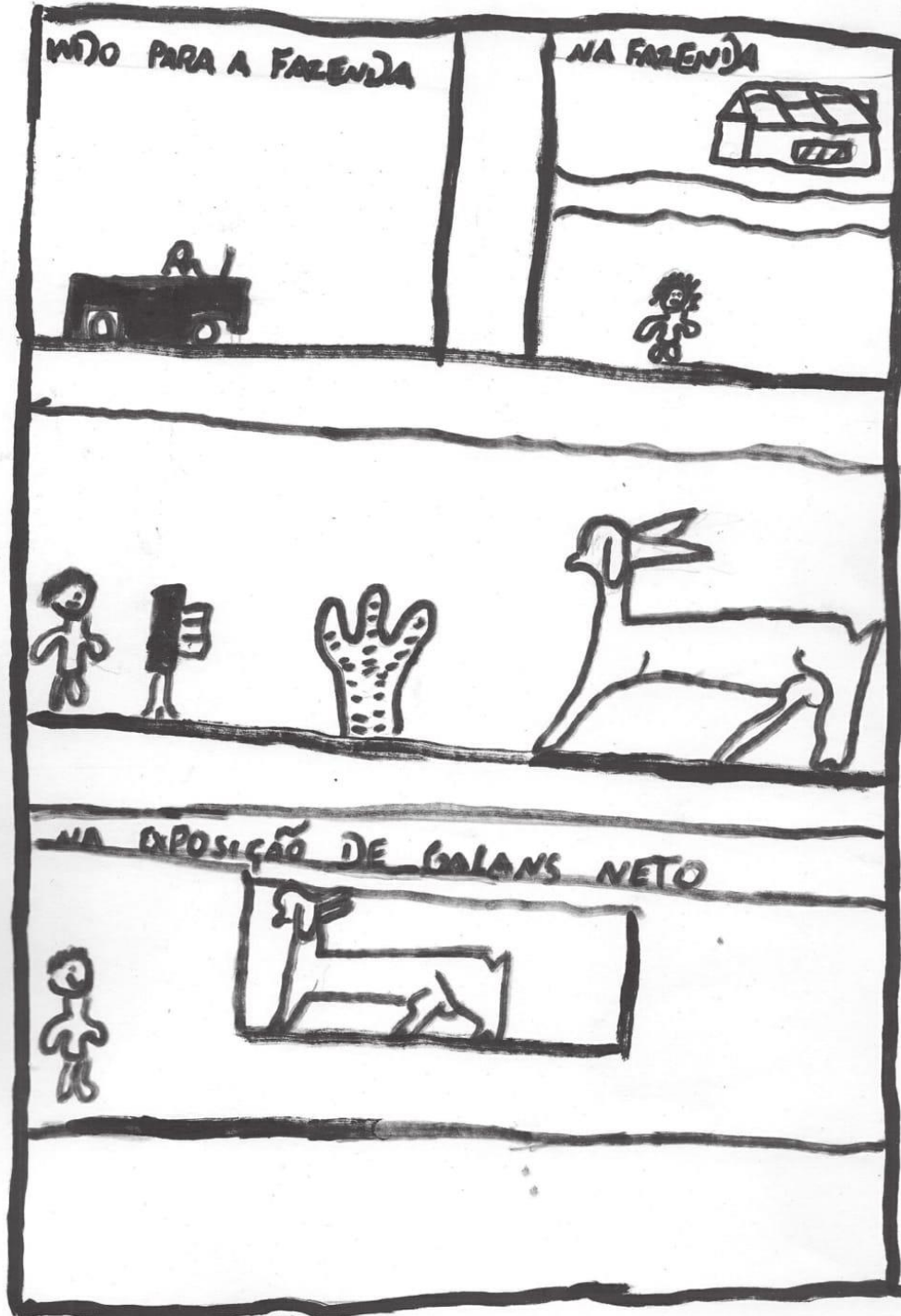
autor: Diogo Teixeira Maia



autor: Erick da Paixão Teles dos Santos



autor: Estefeson Silva Farias Junior



autora: Gabriela da Silva Angelieri



autora: Jenifer Andrade de Souza



autor: João Douglas Silva Sena



autor: Kaique da Silva Carvalho



autora: Ketelyn Cordeiro dos Santos



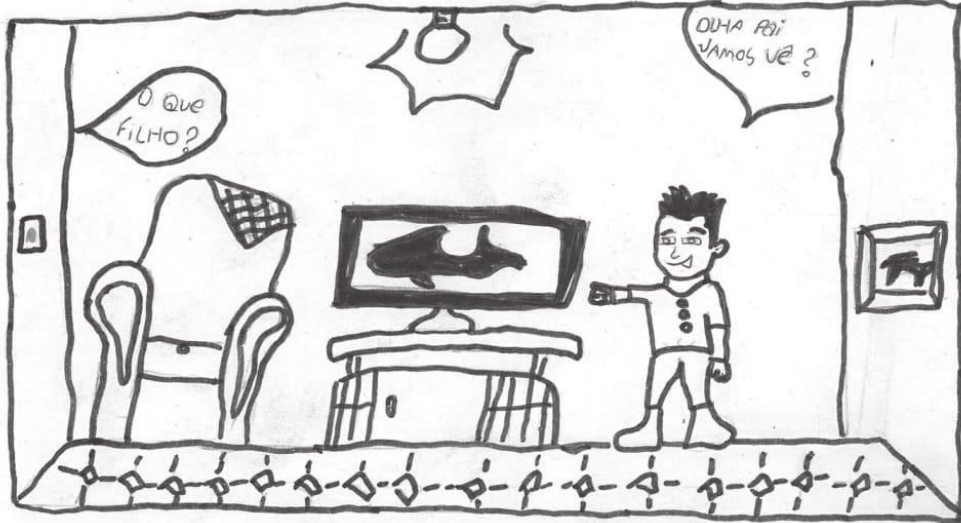
autora: Lais Pinheiro dos Santos



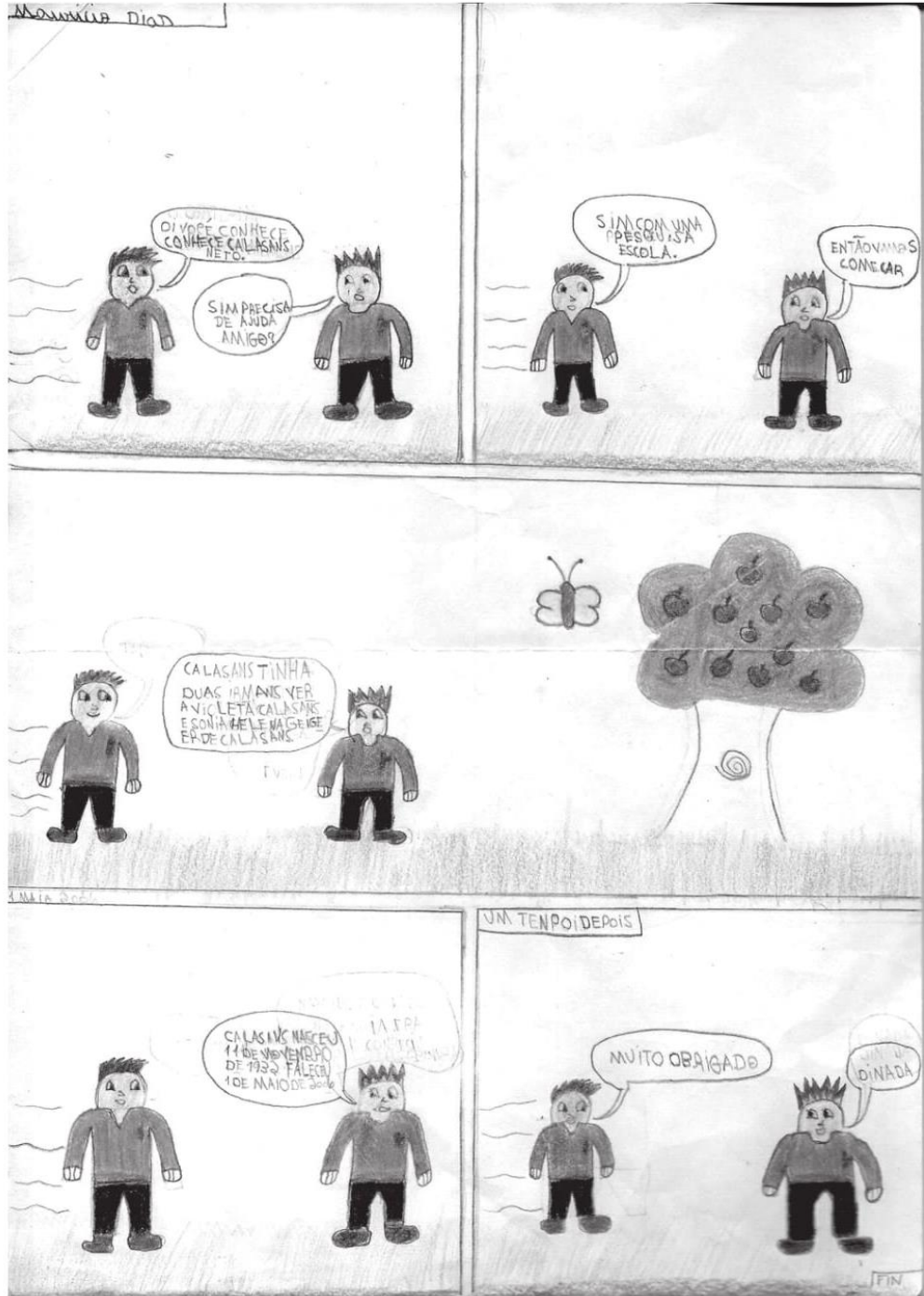
autor: Luis Henrique Ramos dos Santos



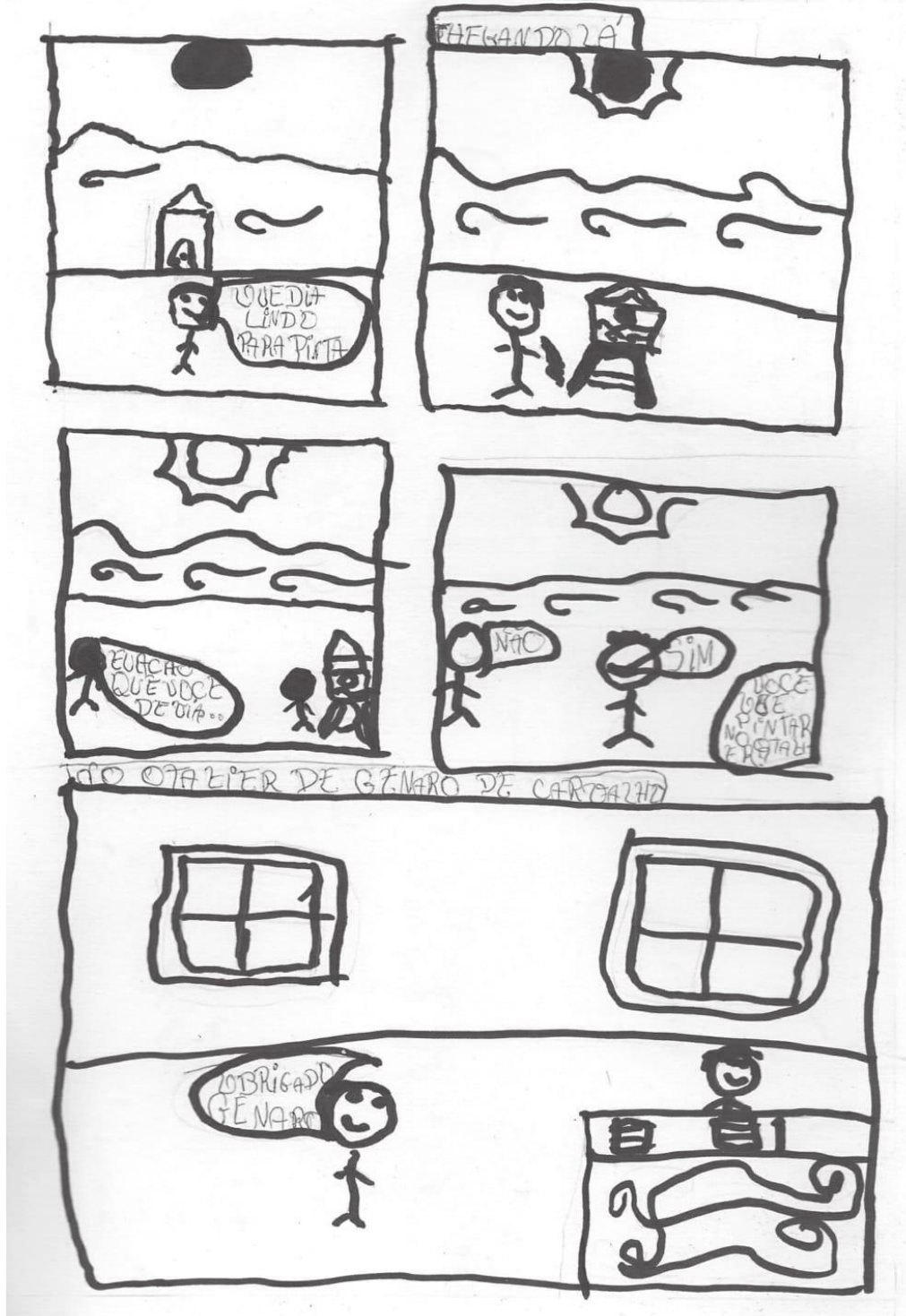
autor: Luiz Fernando Santos de Souza Filho



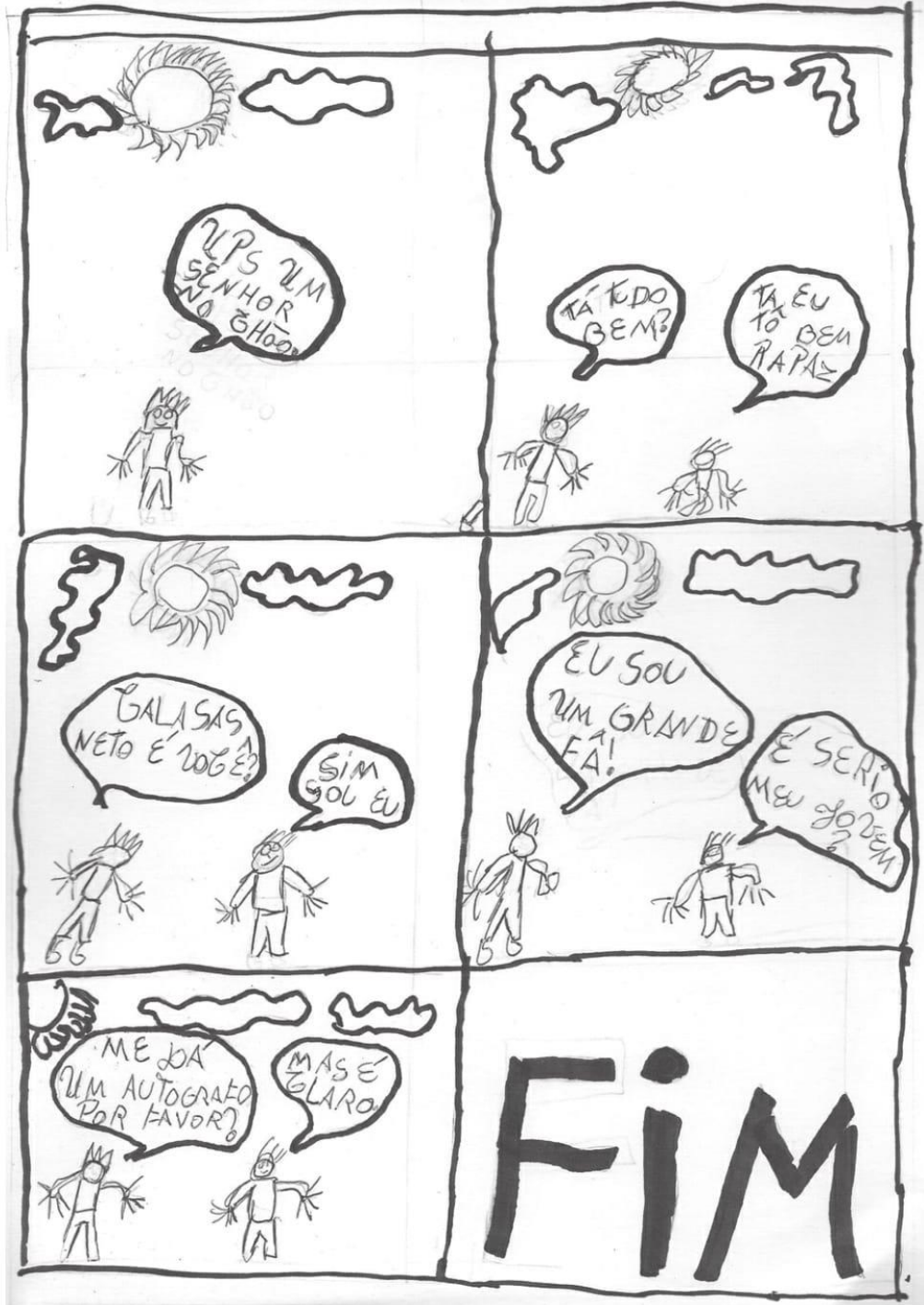
autor: Mauricio Dias Rodrigues dos Santos



autora: Milena de Almeida Silva

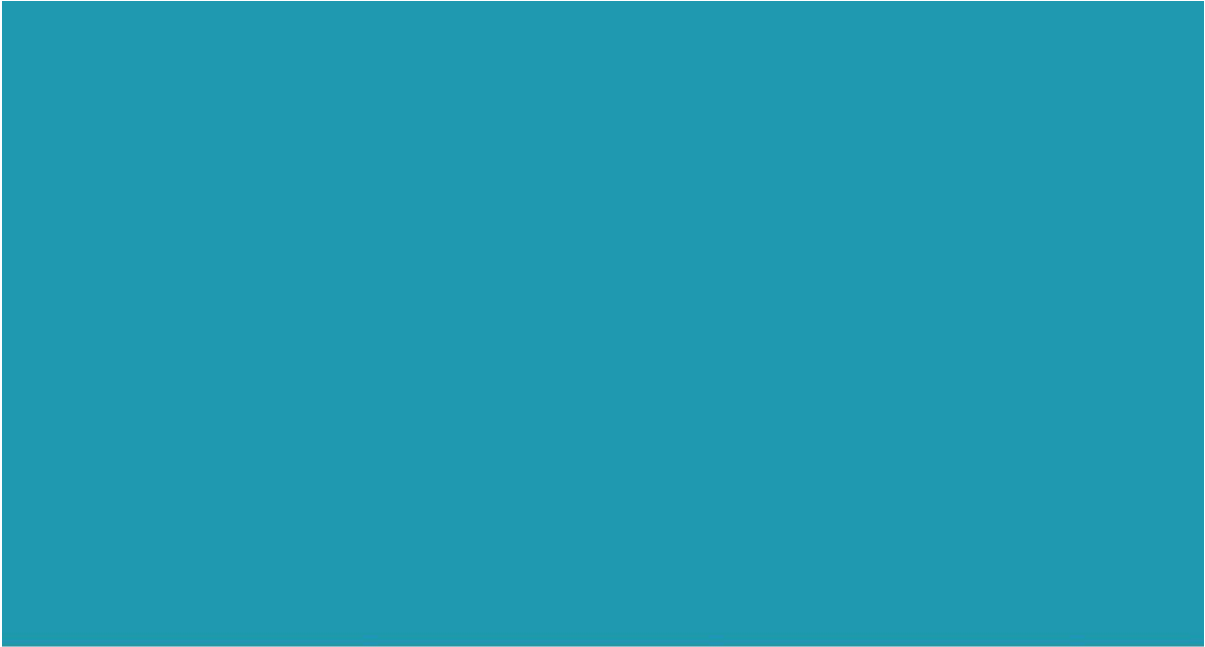


autor: Tauan Menezes Nascimento





Um agradecimento especial à Diretora **Mônica Bonfim** e à Professora **Maria Freitas**, do Colégio Estadual Bento Gonçalves, parceiras no apoio e na realização deste trabalho.



A rádio da escola
na escola da rádio

